BSB Bayerische StaatsBibliothek
MDZ Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 8

Lisboa (1787)
Port. 36 m-8
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020061-1

Port. 36 m

HISTORIA
GERAL
DE
HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO OITAVO.

LOMO OLVAO

БОКЛОСVГ

DE

HIZLOKIV

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS,
OFFERECIDA
Á RAINHA NOSSA SENHORA
D. MARIA I.
POR
DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO VIII.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1787.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XXX.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções del Rei D. Joaõ II., chamado o Principe Perfeito, XIII. Rei de Portugal.

AINDA que D. Joaõ II. juſtamente chamado o Grande, e Principe Perfeito, duas vezes tiveſſe ſido acclamado Rei, huma em Santarem a 10 de Novembro de 1477, quando ſeu pai andava em França, e por ordem ſua; Era vulg. 1481

ou-

Era vulg. outra nas Cortes de Lisboa em virtude de de ceſſaõ voluntaria de ſeu meſmo pai, que ſe reſtituíra ao Reino, no anno paſſado de 1480; neſte de 1481, aos 31 do mez de Agoſto, tres dias depois da mórte de D. Affonſo, ſe fez acclamar terceira vez em Sintra com as ceremonias magnificas, que ſe praticavaõ neſta inauguraçaõ. Naquelles intervallos de reinar, e nas acçõẽs obradas, ſendo Principe, na Corte, em Africa, e em Caſtella, elle tinha dado próvas, de que ſeria hum dos Monarcas brilhantes do Univerſo. A grandeza das ſuas obras, a heroicidade das ſuas virtudes, eſpecialmente as que practicou no fim da vida, a juſto titulo lhe merecêraõ os Pronomes já referidos, e lhe adquiríraõ a gloria de ſer reſpeitado, como modelo dos Soberanos. Bem o provaõ os louvores, que depois da mórte tirou a equidade deſte Principe da bocca dos ſeus meſmos inimigos, que confeſſáraõ perdêra Portugal o melhor Rei, que teve o mundo, filho do melhor homem, que o mundo teve; panegyrico, que moſtra

a ſua verdade pelo tempo, em que naõ o tecia a liſonja, affectaçaõ, inclinaçaõ, ou temor, que tudo ceſſa com a mórte. Era vulg.

Se aquelle louvor deraõ a D. Joaõ vaſſallos reſentidos, ſeparados do Reino, elle os recebeo na flor dos annos de hum contrario illuſtre, que fez priſioneiro na batalha de Toro, incapaz pelo ſeu grande caracter, e independencia de ſer liſongeiro. Eſte preſo illuſtre foi D. Diogo Henriques, Conde de Alva de Liſte, Tio do Rei Catholico D. Fernando. Pedio-lhe o Principe perdaõ de lhe haver na batalha tocado nas coſtas com o recontro da lança; humanidade a que reſpondeo prompto o biſarro Fidalgo: Naõ o ſintais, ſenhor, que eu naõ perco por iſſo a honra ganhada em tres feitos campaes com ſetenta annos de idade; nem vós taõ pouco a gloria do que hoje obraſtes, já mais ouvido de nenhum Principe famoſo.

As grandes acçõẽs feitas por D. Joaõ no reinado precedente, qualificavaõ bem quanto elle era digno do Thro-

Era vulg. Throno, para que o naſcimento lhe abríra o paſſo, que o valor, e o merito faziaõ parecer de gigante. A corage, que elle moſtrára em Heſpanha, e Africa, o fariaõ ſer dos Caſtelhanos reſpeitado, dos Mouros temido. O dia do ſeu naſcimento, que foi o da Invençaõ da Cruz, os ſeus vaſſallos contemplativos o conſervavaõ na lembrança por prognoſtico fauſto das victorias, que já conſeguíra em Arzila, em Ouguela, S. Felices, Ledeſma, Alegrete, em Toro, e das que ainda eſperavaõ tiveſſe ſobre os inimigos da Fé, e do Eſtado. Eſtas gentilezas lhe ganháraõ o coraçaõ dos ſoldados, e os do Povo elle os attrahio, quando na vinda de ſeu pai da jornada de França, meditou na reverencia, com que lhe reſtituíra o Sceptro, dizendo: Que elle tinha mais complacencia de tornar a vêr o Rei ſeu pai aſſentado no Throno, que a que lhe podia cauſar o dominio univerſal do mundo.

Vinte e ſeis annos de idade contava El-Rei, quando ſuccedeo a ſeu pai, e hia em doze, que era caſado

com

com a Rainha D. Leonor, filha de ſeu tio o Infante D. Fernando, Duque de Viſeo, e de ſua mulher a Infante D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, com a qual ſe tinha recebido em Setuval a 22 de Janeiro de 1470. Deſte matrimonio naſceo unico filho o malogrado Principe D. Affonſo em Lisboa a 18 de Maio de 1475, que havendo de ſuceder a ſeu pai no Reino, a morte infeliz, e immatura, naõ ſó lhe arrancou da cabeça a Coroa de Portugal, mas a de todos os Reinos de Heſpanha, de que ſua mulher a Princeza D. Iſabel, filha dos Reis Catholicos, tinha de ſer herdeira. A Providencia porém, que punha todos os obſtaculos para a uniaõ das Monarquias, que parece quer ſeparadas, permittio que o Principe D. Affonſo morreſſe ſem ſucceſſaõ da queda de hum cavallo, e que o meſmo ſuccedeſſe depois á Princeza no parto do Principe D. Miguel, fallecendo o filho, e a mãi, que era ſegunda vez caſada com El-Rei D. Manoel, como diremos nos ſeus reſpectivos lugares. Era vulg.

El-

Era vulg. El-Rei D. Joaõ, que no eſtado de caſado amava a D. Anna de Mendoça, Dama da Princeza D. Joanna, que depois foi Commendadeira de Santos, e era filha de Nuno Furtado de Mendoça, Apoſentador Mór del Rei D. Afonſo V.: teve della ao Senhor D. Jorge, que foi Duque de Coimbra, Meſtre das Ordens de Sant-Iago, e Avís, ſenhor de Monte-Mór o Velho, Penella, e outras muitas terras. El-Rei D. Manoel caſou a D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha do Senhor D. Alvaro, e foraõ pais de D. Joaõ de Lancaſtro, que tomou eſte Appellido em memoria da Rainha D. Filippa, mulher del Rei D. Joaõ I., e foi primeiro Duque de Aveiro, Chéfe deſta grande Caſa, que repetindo as infidelidades contra as Peſſoas Sagradas dos Reis Fideliſſimos da de Bragança, hoje eſtá extinta, e incorporada na Coroa pela infelicidade do ultimo.

O novo Rei reconhecido á memoria de ſeu grande pai, immediatamente depois da ſua mórte cumprio para com ella os juſtos deveres na pompa fu-

funebre, e mageſtoſa, que correſpon- Era vulg.
dia ás qualidades de tal pai, e tal fi-
lho; na execuçaõ prompta, e exacta
das mandas do ſeu teſtamento para
moſtrar quanto he louvavel nos Succeſ-
ſores a equidade no cumprimento das
ultimas vontades, que os geráraõ;
paſſando D. Joaõ, com exemplo raro,
tanto além das diſpoſiçõeſ expreſſas teſ-
tamentarias, que peſſoa alguma das que
ſervíraõ a ſeu pai, e elle ſe eſqueceo
remunerar, deixou de ficar ſem recom-
penſa. Antes de entrar na expediçaõ
dos negocios públicos, ſe applicou aos
domeſticos, provendo os Officiaes da
ſua Caſa, e os empregos vagos na
Monarquia.

Nomeou El-Rei para Condeſtavel a
ſeu primo, e cunhado D. Diogo, Du-
que de Viſeo, filho de ſeu tio o In-
fante D. Fernando, e irmaõ de ſua mu-
lher a Rainha D. Leonor: para Mor-
domo Mór a Diogo Soares de Alber-
garia, que teve por Succeſſor a D. Pe-
dro de Noronha: para Eſtribeiro Mór
a Alvaro da Cunha, Alcaide Mór de
Tavira, ao qual ſe ſeguíraõ Affonſo

de

Era vulg. de Albuquerque, depois Governador da India, e Diogo de Miranda: para Védor da Caſa a Ruy Lobo, a quem ſuccedeo Joaõ Fogaça, Commendador de Canha: para Camareiro Mór a Ayres da Silva, V. Senhor de Vagos, e depois delle Antaõ de Faria, Alcaide Mór de Palmela: para Guarda Mór a D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, que teve por ſucceſſores a D. Joaõ de Lima, filho do Vis-Conde D. Leonel, e a Ruy de Souſa, ſenhor de Sagres: para Meſtre Sala a D. Pedro de Abranches, ao qual ſe ſeguio Jorge de Mello: para Repoſteiro Mór a Manoel de Mello: para Porteiro Mór a Gomes Ferreira: para Trinchante a Lopo da Cunha, Commendador de Serpa, e Moura: para Eſcrivaõ da Puridade a D. Joaõ da Silveira, Baraõ de Alvito: para Copeiro Mór a Fernaõ Annes de Lima, que no meſmo reinano teve por ſucceſſores a Eſtevaõ de Siqueira, e a Garcia de Mello: para Apoſentador Mór a D. Henrique Henriques, e depois a D. Fernando Henriques.

Pa-

Para Provedor das Obras do Paço nomeou El-Rei D. Joaõ a Henrique da Silveira: para Caçador Mór a Affonſo Vaz de Brito: para Armeiro Mór a Agoſtinho Caldeira, que teve por ſucceſſor a Joaõ Peſtana: para Almotacel Mór a Ruy de Souſa, ſenhor de Sagres, e a ſeu filho Joaõ Rodrigues de Souſa: para Alferes Mór a Fernaõ Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, ao qual ſe ſeguíraõ Lourenço de Faria, e ſeu filho Simaõ de Faria: para Almirante a Pedro de Albuquerque: para Fronteiros Móres das Provincias conſervou os meſmos, que ſeu pai havia nomeado, Alvaro da Cunha no Algarve, Gil Thomé Paes Entre-Douro e Minho, D. Alvaro de Caſtro, Conde de Monſanto em Lisboa, Joaõ Rodrigues de Sá no Porto, Joaõ de Mello em Serpa, Vaſco Martins de Mello em Caſtello de Vide, Alvaro de Souſa em Elvas, D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, em Béja, D. Joaõ Galvaõ, Arcebiſpo de Braga, na Beira: para Monteiro Mór a Gonçalo Vaſques de Caſtello Branco, que teve por

Era vulg.

ſuc-

Era vulg. ſucceſſores a D. Diogo Fernandes de Almeida, e a Lourenço de Faria.

Nomeou para Coudel Mór a Franciſco da Silveira, que havia ſucceder a ſeu pai Fernaõ da Silveira: para Marichal a D. Alvaro Coutinho: para Meirinho Mór a Ruy de Souſa, ſenhor de Beringel: Capitaõ Mór do Reino, e do Mar conſervou a D. Martinho de Ataide, Conde da Atouguia, que o fora de ſeu pai: para Capitaõ Mór dos Ginetes a D. Fernaõ Martins Maſcarenhas: para Adail Mór a Diogo de Barros: para Anadel Mór a Duarte Furtado, que teve por ſucceſſores no ſeu tempo a Antaõ de Faria, a Paulo de Freitas, e a Franciſco Portocarreiro: para Chanceller Mór ao Senhor D. Alvaro, ao qual ſuccedêraõ Ruy da Gran, e Joaõ Teixeira: para Secretario de Eſtado conſervou a Ruy Galvaõ, que o havia ſido del Rei D. Affonſo V.

Igualmente atento ao explendor, e conſervaçaõ da Igreja Luſitana, El-Rei D. Joaõ nomeou para Graõ Meſtre da Ordem de Chriſto ao Duque de Viſeo D. Diogo, que teve por ſucceſſor ao

In-

Infante D. Manoel depois Rei : para a de Sant-Iago ao Principe D. Affonſo ſeu filho, e o meſmo para a de Avís. Conſervou Capellaõ Mór a D. Rodrigo de Noronha, Biſpo de Lamego, Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, que o fora del Rei ſeu pai, e nomeou depois delle no meſmo emprego a D. Diogo Ortiz, Biſpo de Tangere, e a D. Fernando de Miranda, Biſpo de Viſeo. Para Prior do Crato a D. Joaõ de Menezes, primeiro Conde de Tarouca: para a Collegiada de Guimarães a D. Fernando Coutinho, Biſpo de Lamego, e do Algarve, Regedor das Juſtiças. Era vulg.

Os Biſpos, que nomeou no ſeu tempo, foraõ para Lisboa D. Martinho da Coſta, irmaõ do Cardeal D. Jorge da Coſta: para Lamego a D. Joaõ Madureira Camello da Silva, a D. Gomes de Miranda, e a D. Fernando de Vaſconcellos, Capellaõ Mór, depois Arcebiſpo de Lisboa: para a Guarda a D. Garcia de Menezes, filho dos terceiros Condes de Viana, e a D. Pedro Vaz Gaviaõ, ou de Menezes,

Era vulg. zes, Capellaõ Mór: para Braga a D. Jorge da Coſta, o Cardeal, e depois a ſeu irmaõ do meſmo nome: para o Porto a D. Diogo de Souſa, filho de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, ſenhor de Figueiró, depois Arcebiſpo de Braga: para Coimbra a D. Jorge de Almeida, filho do primeiro Conde de Abrantes: de Viſeo já o era D. Joaõ Gomes de Abreo, que El-Rei elegeo ſeu Confeſſor, e morreo depois do meſmo Rei: para Evora a D. Affonſo de Portugal, filho do Marquez de Valença do meſmo nome: para o Algarve a D. Joaõ de Mello, eleito Arcebiſpo de Braga, de que naõ tomou poſſe.

No meſmo anno da mórte de D. Affonſo, El-Rei celebrou Cortes em Lisboa, e em quanto ellas ſe ajuntavaõ, publicou em Evora, aonde entaõ eſtava a Corte, hum Decreto ſevero, que lhe inſpirava a deſconfiança, de que as mercês amplas de ſeu pai o deixáraõ Rei quaſi ſem Reino, e que delle herdára o titulo, da terra os caminhos, da ſoberania o nome.

Caſ-

Caſſava, revogava, dava por nullos aquelle Decreto, ou Edicto geral, todos os Alvarás até entaõ concedidos, foſſem elles de mercês, foſſem de graças, foſſem de remunerações, e de empregos já dados, ou promettidos. Huma Lei, que privava aos Fidalgos da juriſdicçaõ criminal, como toda ella era favoravel ao Povo, eſte ficou ſoberbo, a grandeza abattida, o Rei poderoſo, mas aborrecido. Eſtes ſaõ os lances criticos, em que a prudencia adverte, que nem tudo o que a Mageſtade póde, deve poder a Mageſtade. Coſtumes, que eſtaõ enraizados, ainda que ſejaõ abuſos, dizia o Imperador Claudio, que naõ ſe arrancaõ por força. As reſoluções fortes tomadas de repente ſobre o commum, fazem huma comoçaõ, que aballa: o que naõ ſuccede quando labora a lentidaõ, que chega ao fim das couſas quaſi ſem ſenſibilidade. Era vulg.

Até as ſuas meſmas promeſſas houve El-Rei por naõ feitas, e entaõ ſe eſtranhou tanto a delicadeza de huma reſpoſta ſua, quanto hoje a celebra ju-

Era vulg. diciosa a fama. Certo Fidalgo esperava huma mercê, de que El-Rei lhe dera palavra sendo Principe, e sentido da sua perda, teve a resoluçaõ de lhe demandar o cumprimento della. D. Joaõ, que estava bem longe dessa tençaõ, pondo na lingoa todo o peso da Magestade, lhe disse: Os serviços, que se fazem aos Principes moços governados pela complacencia, e naõ pelo juiso, naõ só merecem o esquecimento, mas devem ser castigados como huma perfidia. Esta resposta, e a entrada das Justiças nas terras dos Senhores, o invento das homenagens, que juraõ, e daõ aos Soberanos os Alcaides Móres, e Fidalgos, tudo agora mettido em uso por El-Rei D. Joaõ, descobríraõ bem os fundos do seu espirito. He verdade, que os Grandes se lavráraõ este freio com a desordem da sua conduta, que naõ soffria igualdades, e atropelava os inferiores: abuso com que sopravaõ a vaidade de retocar a figura da vassallagem com côres de Soberania, que pareciaõ desfigurar a verdadeira.

O

O Rei, cheio de eſpiritos para naõ tolerar deſmanchos, foi avançando as idéas do bom governo, ſem ſe embaraçar com o reſentimento dos queixoſos. Elle enviou Commiſſarios pelas Provincias, que examinaſſem a fórma da adminiſtraçaõ da juſtiça; que ouviſſem ſem diſtinçaõ as queixas dos Póvos; que de tudo ſe lhe déſſe parte para provêr ſegundo as neceſſidades, e que as queixas de qualquer dos particulares da infima plebe, eſſas ſeriaõ para elle as merecedoras da primeira attençaõ; pela ſua Mageſtade amparados, por iſſo meſmo que a ſórte os fizera deſvalidos. Avançando maximas novas, que concebia a ſua dexteridade, fez eſcolha para eſpias das meſmas Provincias, naõ a homens mercenarios, de condiçaõ baixa, pobres miſeraveis, que vivem de mexericos, nem de humilde naſcimento, que querem levantar-ſe ſobre a ruina dos outros; mas aos Varões qualificados, próbos, independentes, virtuoſos, que ſó quizeſſem a felicidade da Pátria, e naõ a ſua: para que elles o informaſſem das Era vulg.

Era vulg. occupações da gente, do ſeu merecimento, o que diziaõ do ſeu caracter, da forma do ſeu governo, dos talentos do ſeu eſpirito, tudo com relaçaõ exacta, e fiel para ſe conduzir por ella nas couſas, que entendeſſe devia conſervar, avançar, ou abſter-ſe dellas.

Deſtas manobras reſultavaõ no Principe dous effeitos, ambos eſtimaveis. O primeiro era o zelo, com que elle queria ſe reſpeitaſſe nos ſeus Miniſtros a authoridade, que elle lhes conferia, e por eſta razaõ foi ſevero nas demonſtraçõeſ contra aquelles, que recuſavaõ obedecer-lhes. O ſegundo veio a ſer o conhecimento pleno de todos os homens benemeritos da Monarquia para elle eſcolher os dignos dos empregos ſem informes particulares de affeiçaõ, de intereſſes; dos padrinhos multiplicarem criaturas a expenſas dos prejuiſos do Eſtado. Infelices eſſes meſmos Officiaes informantes, ſe elles, como homens, ſe governavaõ alguma vez pelas paixões, ou ſe deixavaõ corromper da ambiçaõ, da avareza, dos

maio-

maiores reſpeitos: que entaõ deſcarregava ſobre elles inexoravel a ſeveridade do Rei illuminado. Muitas vezes naõ era neceſſario, que déſſe golpes o Sceptro, nem que cortaſſe a eſpada. Humas reprehenſões animadas pela Mageſtade, pezadas, e excitantes do pejo do infeliz, que as ouvia, ou ellas eraõ baſtantes para os Miniſtros evitarem as reincidencias, ou para ficarem inhabeis de apparecer no mundo. He bom exemplo hum delles, que olhando mais para o que as partes tinhaõ, do que a ſua juſtiça valia, chegando á noticia del Rei, lhe diſſe carrancudo: Tende conta em vós, eu ſei que em voſſa caſa as portas eſtaõ fechadas, e que vós trazeis as mãos abertas. Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Reſulta da revogaçaõ das gratificações, principio do deſagrado com o Duque de Bragança, e primeiras navegações no tempo deſte reinado.

AS meſmas difficuldades que encontrou o Imperador Helio Pertinaz em derrotar as deſordens introduzidas nas Cohortes Pretorianas, achou El-Rei D. Joaõ para vencer os abuſos propagados em Portugal. As idéas da reſórma ſobíraõ a alto tom a murmuraçaõ dos Fidalgos, abertamente deſcontentes do Rei, e do ſeu Miniſterio, quando do víraõ, que as mercês pela maior parte eraõ revogadas; quando com algumas dellas tiradas a muitos, ſe remuneravaõ os ſerviços de outros; quando ouviaõ publicar, que as de maior vulto naõ tinhaõ recahido ſobre merecimentos, mas as havia grangeado a induſtria, ou a protecçaõ; quando ſentíraõ deſcarregado o golpe ſobre as ſuas juriſdições civís, e criminaes;

quan-

quando o poder da ſua vaſta juſtiça par- Era vulg.
ticular ficou opprimido debaixo das for-
ças do commum ; quando aquelles ,
que entaõ lhes dobravaõ o joelho , naõ
ſó ſubditos , mas cõmo eſcravos , lhes
fallavaõ direitos ; em fim , quando per-
cebêraõ as vozes , que enunciavaõ ,
como o Rei naõ queria vaſſallos , que 1482
ſe contrafizeſſem Principes , e que em
Portugal ſó D. Joaõ II. era Soberano.

Eis-aqui a origem do delagrado do Rei com o Duque de Bragança D. Fernando II. do nome , e III. na ordem dos Duques. Ella meſma he huma prova da verdade , com que Mariana encarece os exceſſos dos Fidalgos das Heſpanhas pelo amor da ſua honra. O Duque D. Fernando , por todos os titulos reſpeitavel , fora em vida de ſeu pai Duque de Guimarães , que ſe conſervou muito tempo na ſua Real Caſa, e além de Duque de Bragança , era Marquez de Villa-Viçoſa , Conde de Ourem , de Barcellos , de Arraiolos , de Neyva , de Penafiel , e ſenhor de trinta Villas. Elle era caſado com D. Iſabel , filha do Infante , Duque de

Vi-

Era vulg. Viſeo, D. Fernando, irmã da Rainha reinante, e fazia huma róda illuſtriſſima de parentes pelas alliançaſ de ſeus irmãos, que eraõ D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, ſenhor das Alçovas, e do Peral, Condeſtavel do Reino, e marido de D. Iſabel de Noronha, que era parenta de todos os ſenhores deſte Appellido, como filha do Arcebiſpo de Lisboa D. Pedro de Noronha: D. Affonſo, caſado com D. Maria de Noronha, filha herdeira de D. Sancho de Noronha, primeiro Conde de Odemira: D. Alvaro de Portugal, ſenhor de Tentugal, do Cadaval, de Alvayazere, e outras terras, Regedor das Juſtiças, Chanceller Mór, vulgarmente chamado o Senhor D. Alvaro, que caſou com D. Filippa de Mello, filha de D. Rodrigo de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, tronco dos Duques de Cadaval.

Tinha o Duque D. Fernando irmãs D Iſabel, que naõ tomou eſtado: D. Brites, que foi mulher de D. Pedro de Menezes, I. Marquez, e III. Conde de Villa-Real: D. Guiomar, que ca-

casou com D. Henrique de Menezes, Era vulg.
Conde de Loulé, e D. Catharina, que
esteve ajustada com D. Joaõ Coutinho,
III. Conde de Marialva, e naõ teve
effeito o matrimonio por morrer elle
em Arzila. Ao nascimento Real do Du-
que D. Fernando, a estas allianças bri-
lhantes se unia a oppulencia da sua
grande casa, que resplandecia, naõ só
nas occasiões luminosas, mas ainda
nas mais ordinarias com pouca diffe-
rença da magnificencia dos Reis. A ex-
tensaõ dos seus dominios, os grandes
direitos, que tinha de representaçaõ,
e padroados, sobre tudo o seu alto me-
recimento pessoal, quando lhe ganha-
va o affecto da Corte para tomar par-
te nos seus interesses; tanta agregaçaõ
de cousas era ella hum estimulo bem
capaz para despertar o ciume, o cui-
dado, o receio de hum Rei, sobre
altivo, pouco affeiçoado; para o fazer
conceber perigosas as idéas do Duque,
que era neto de D. Affonso, instru-
mento da ruina de seu Avô o Infante
D. Pedro, Duque de Coimbra, mor-
to com violencia.

Se-

Era vulg. Seriaõ eſtas meſmas circunſtancias taõ altas, que concorriaõ na peſſoa do Duque D. Fernando, as que o fizeraõ entender que elle eſtava na ſituaçaõ de ſe queixar da injuſtiça, que El-Rei fazia á Nobreza com a publicaçaõ das novas Leis, que naõ ſendo taõ duras no reinado de D. Joaõ I. em materia ſemelhante, affugentáraõ do Reino os primeiros Fidalgos, melhores ſervidores, para irem fundar caſas illuſtres em Paizes eſtranhos, e comoveraõ toda a conſtancia, e amor do grande Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, que eſteve nos termos de ſeguir os paſſos dos deſcontentes. O Duque obrigado a obedecer como os mais, rodeado porém das razões de reſentimento, ſe preſumio que era decente ao ſeu caracter pedir ao Rei com viveza a revogaçaõ da Lei; a grandeza delle naõ ſervio de embaraço para o Duque ouvir a reſpoſta ſecca, e ſevéra: que aos vaſſallos naõ pertencia penetrar as intenções do Soberano: que huma obediencia céga ás ſuas vontades lhes convinha mais, que a ouſadia de lhe per-

gun-

guntar os porques; que ſe elles aſſim ſenaõ conduziſſem, hum Soberano conſervava em ſi o direito de lhes fazer conhecer, que os Reis tem as mãos maiores, que os outros homens. Era vulg.

Aſſim ſe hiaõ diſpondo os animos do Rei, e dos vaſſallos para agitações funeſtas, cada qual dos partidos attrahindo gente, que houveſſe de dar corpo aos negocios inteſtinos do Eſtado. Naõ eraõ eſtes baſtantes para impedir ao eſpirito vaſto del Rei a importante conſideraçaõ da utilidade de avançar os deſcobrimentos, de que ſe tiravaõ tantos conſideraveis intereſſes, que os embaraços da vida de ſeu pai tiveraõ ſuſpenſos. Elle ſe reſolveo a proſeguillos com maior poder ſem deſiſtir do empenho, até levar a luz do Evangelho aos Paizes tenebroſos do mais remoto Gentiliſmo, e ao centro da barbaridade eſcura.

Com eſte deſignio já elle havia mandado a Sueiro Mendes á Ilha de Arguim a conſtruir huma Fortaleza para freio da Negrecia, aonde ſe fizeſſe o reſgate do ouro com mais ſegurança,

aſ-

Era vulg. assim do que se extrahia das minas, como do que se cambiava com os Mouros por meio do commercio. Como a experiencia mostrava a constancia dos interesses nesta parte de Africa, El-Rei, depois de Sueiro Mendes, havia mandado a ellas a Fernando Gomes, homem igualmente rico, que prático no negocio, que com elle contratára continuar á sua custa este descobrimento, com a condiçaõ de lhe deixar livre o contrato do marfim. Bastáraõ dous annos deste commercio de Fernaõ Gomes para El-Rei formar idéa da importancia delle; de quanto elle era interessante ao Reino; de que tinha necessidade de o sustentar com maiores forças; de que devia fazer-se senhor da navegaçaõ daquelles mares, para que ninguem lho perturbasse, e fez sobre esta materia huma consulta com bom número de Ministros intelligentes na materia, que propunha.

Sendo certo que os homens, que fazem todo o fundo da sua applicaçaõ nos Authores da Jurisprudencia, nos Mestres da Theologia, nos Doutores

do

do Moral, nada pódem, nem ſabem dizer da nautica, da guerra, e do commercio; El-Rei, apenas fez a propoſta, ſentio trepidantes aquelles eſpiritos na conſideraçaõ de ſe ſuſtentar huma viagem taõ longa; na dos perigos da navegaçaõ de outros mares, que deviaõ imaginar, naõ de agoa, mas de fogo; na da perfidia dos Mouros, como ſe foſſe o meſmo ir commerciar com elles, que prégar-lhes miſſaõ; na do ar inficionado, que diziaõ ſe reſpirava naquelles Paizes, aonde ſuppunhaõ a peſte de viveiro; em fim, na da duvida de ir buſcar conveniencias contingentes a troco de deſpezas certas. Era vulg.

Pelo contrario os Cabos experimentados, que tinhaõ ſido teſtemunhas dos intereſſes daquelle commercio; que haviaõ reſpirado os ares de Africa; que ſabiaõ ſer os Mouros na entidade fyſica huns homens como os outros; que conheciaõ a qualidade dos mares daquellas Cóſtas; e que a diſtancia da viagem a figuravaõ como a da paſſagem do Téjo: elles repreſentáraõ a

El-

Era vulg. El-Rei deſpreſaſſe os perigos imaginados, quando o homem em qualquer parte andava rodeado delles; naõ ſe embaraçaſſe nas conſideraçõ̃es da intemperie do Paiz, aonde todos os dias eſtavaõ indo, e vindo Portuguezes, e aonde vivia gente; nem reparaſſe em deſpezas, que ſem ellas precederem no commercio, naõ ſe tiravaõ lucros; que os deſignios, que queria emprehender, os executaſſe logo para naõ ſe defraudar a ſi, e aos vaſſallos das vantagens evidentes; que mandaſſe navios a Guiné, e ſeguraſſe o Paiz com fortificaçõ̃es.

Seguio El-Rei eſte parecer, e no anno em que vamos fallando, mandou de Lisboa com huma armada a Diogo da Azambuja, bem acompanhado de Miſſionarios, e ſoldados, como Miniſtros, que fizeſſem inſeparaveis os negocios da Religiaõ̃, e do Eſtado. Quiz El-Rei, que eſtes nóvos navegantes levaſſem tambem hum inſtrumento novo de navegaçaõ̃, até entaõ̃ ignorado de todas as Naçõ̃es do Univerſo. Elle eſcolheo para inventores

do

do inſtrumento, que chamamos Aſtro- Era vulg.
labio, aos Meſtres Rodrigo, e Joſé,
ſeus Medicos, Aſtronomos célebres,
ordenando-lhes conferiſſem o ſeu pro-
jecto com o habil Mathematico Martim
de Bohemia, que ſe dizia ſer diſcipu-
lo do famoſo Joaõ de Monte Regio.
Vendo eſtes tres homens os erros, e
enganos da eſtimativa, em que cahiaõ
os navegantes; depois de muitas con-
ferencias achâraõ a maneira de nave-
gar pela altura do Sol, de que fizeraõ
as ſuas taboas pela declinaçaõ delle.
Elles inventâraõ o Aſtrolabio; e ſe nós
houvermos de crêr, que Ptolomeo o
inventára antes, iſſo ſería o Aſtrola-
bio dos Aſtronomos, ſem a perfeiçaõ,
que tem hoje, e que chamâraõ Pla-
nisferio, em razaõ de repreſentar no
ſeu plano toda a doutrina das Esféras
celeſtes.

O Aſtrolabio porém, inventado pe-
los Portuguezes para o uſo dos Pilo-
tos, he de cobre ſem tanto artificio
como o dos Aſtronomos; conſtando
ſómente de tres circulos concentricos,
hum que aponta, e divide os 360

gráos

Era vulg. gráos para tomar as alturas; outro que dividido em 365 partes iguaes, marca os dias do anno; e o terceiro, que em doze diſtancias com igualdade aſſignalla os doze Signos do Zodiaco, cada qual delles dividido em trinta gráos. Formado o Aſtrolabio, lhe fizéraõ o Annel ſuſpenſorio, ou aonde elle ſe ſuſpende, por cima com huma regra movel, que nós chamamos *Declina*, aonde ha duas Pinnulas, com que ſe recebem os raios do Sol, e por ellas ſe encaminha o raio viſuvial até ás Eſtrellas. A projecçaõ da Esféra ſobre hum plano Horiſontal, dizemos nós Aſtrolabio Horiſontal, que tem huma eſpecie de roda, e no centro della eſtá pegado o centro do Aſtrolabio; repreſentando a roda o Zodiaco com os doze Signos, e os gráos delles por hum circulo excentrico. A projecçaõ da Esféra ſobre o plano de hum Meridiano chamamos nós Aſtrolabio Catholico.

Todas as mais idéas nauticas occupáraõ as applicações daquelles tres homens intelligentes. Com a ſua in-

ven-

vençaõ maravilhoſa para utilidade ſum- Era vulg.
ma do Genero Humano, toda devida
á habilidade Portugueza, os noſſos Pi-
lotos entráraõ a engolfar-ſe na altura
do mar, regulando pelo curſo dos Aſ-
tros a ſua carreira. Com eſte meio
nós fomos os primeiros de todos os
homens, que avançamos os deſcobri-
mentos a terras incognitas por mares
nunca d'antes navegados: terras incog-
nitas a todos os antigos, que naõ ou-
ſavaõ navegar ſenaõ ao longo das Cóſ-
tas, e perdida a terra de viſta, elles
ſe tinhaõ por perdidos: terras incog-
nitas aos Sabios Gregos, e induſtrio-
ſos Romanos, que tinhaõ ao Mediter-
raneo por unico mar para as ſuas via-
gens; ao Eſtreito de Gibraltar por
baliza das ſuas navegaçõeſ; que mui-
tos ſeculos tiveraõ por huma temerida-
de haver audacia, que rompeſſe as co-
lumnas de Hercules, aonde interpreta-
vaõ o *Non plus ultra* por huma enuncia-
tiva, de que a terra ſe acabava ſobmer-
gida no Oceano, ou que nelle perderiaõ
a vida errantes os que ſe engolfaſſem
em hum mar ſem tino, nem termo.

Era vulg. A armada de Diogo da Azambuja pelo ſeu novo governo naõ houve miſter mais de quarenta dias de viagem para ferrar na Cóſta de Ouro de Guiné a enſeada de S. Jorge da Mina. Caramança era o Soberano daquelle Paiz, ao qual o noſſo Chéfe mandou huma Deputaçaõ para o informar da ſua chegada, e lhe pedir audiencia para tratar com elle os negocios, de que o encarregára El-Rei de Portugal ſeu amo. Obtida ella, deſembarcado o Azambuja, arvorado na praia o Eſtandarte Real, e celebrado nas Regiões brutas o Sacrificio tremendo do Altar, que commove os ſeus Principes das trévas até entaõ intruſos: o Chéfe Portuguez marcha á Corte de Caramança, que o recebe mageſtoſo, e acceita agradavel os ſeus ares civís. Havida licença para fallar, em tom féro, e inſinuante lhe diz: El-Rei de Portugal meu Soberano, Principe potentiſſimo do ultimo Occidente, dominante dos mares, Senhor de vaſſallos leões, me manda propôr-te, que a Religaõ Santa, que elle profeſſa, ne a unica verdadeira,

em

em que ha ſalvaçaõ em huma vida futura, que eſpera a todos os homens, e que elle te deſeja fazer participante da ſua felicidade na crença dos ſeus meſmos Dogmas para te eſtimar, como irmaõ: depois deſeja tratar comtigo huma amizade, e commercio effectivos, para o que he neceſſario nos permittas licença de edificar nas tuas terras huma Fortaleza, que ſirva de abrigo ſeguro aos ſeus vaſſallos, que negociarem com os teus. Era vulg.

Caramança, que nas trévas da barbaridade deixava ver luzes de politico, e prudente, reſpondeo: Que elle naõ podia deixar de eſtimar por huma marca de amor aos homens da ſua eſpecie mandar El-Rei de Portugal de taõ longe convidallo para as felicidades, que cria depois deſta vida preſente: Que como lhe dizia, que para as conſeguir era neceſſario abraçar a ſua Religiaõ, elle naõ podia fazer eſta mudança ſem conſultar os ſeus velhos Sábios: Que para o Commercio eſtava prompto, mas que duvidava na fabrica da Fortaleza, naõ ſuccedeſſe ſer ella o mo-

Era vulg. tivo de alguma alteraçaõ nos ſeus Póvos. O Azambuja, que queria reſpoſta mais favoravel, apertou os termos, e concluio, que nem trato, nem negociaçaõ podia haver entre os vaſſallos reſpectivos ſem preceder a conſtrucçaõ da Fortaleza. Rendeo-ſe Caramança a eſtas formalidades, mandou marcar o terreno para a Fortaleza, que foi chamada de S. Jorge da Mina em attençaõ á grande devoçaõ, que El-Rei tinha a eſte Santo, e ás minas de ouro, que havia nos ſeus contornos. Taõ copioſo foi o Commercio, que concorreo logo á nova fundaçaõ de toda a Ethiopia, e a povoáraõ tantos moradores, que El-Rei lhe deo o titulo de Cidade, e depois ajuntou aos ſeus o de *Senhor de Guiné*.

A extenſaõ do dominio, que nos ſugeitava a Fortaleza, e Cidade de S. Jorge era de quaſi ſetenta legoas entre os Reinos poderoſos de Axem, e de Cara, quatro gráos e meio ao Nórte da Equinocial na Cóſta de Ethiopia. O Fórte conſtava de tres baluartes, e hum cavalleiro ſobre hum rio para de-

fen-

fender hum padraſto. A Cidade ficava pouco diſtante delle em ſitio doentio; mas a abundancia do commercio em quantidade de algalia, muitos eſcravos, e ouro finiſſimo fazia toleravel eſte incommodo. No fim de dous annos voltou Diogo da Azambuja a dar conta da ſua commiſſaõ a El-Rei, que vendo o fructo das diligencias nos groſſos intereſſes, que já lhe vinhaõ da nova conquiſta, e ponderando os futuros, que eſperava mais avultados, uſou da fina politica de ſe fingir arrependido do empenho, que empregára na conquiſta de Guiné. Era vulg.

Deſviar as outras Naçõeſ deſte trafego, e naõ o entenderem os vaſſallos intereſſante era toda a idéa do Rei aſtuto. Para iſſo fez publicar, que navegaçaõ ſemelhante naõ ſe podia fazer, ſenaõ em embarcaçõeſ ligeiras, capazes da abordagem do porto pouco fundo, e que ella eſtava cheia de perigos. Para lavrar melhor o eſtratagema, mandou que os navios velhos de maior buque foſſem carregados de materiaes para as obras, e que depois de chegarem

Era vulg. a S. Jorge os deſpedaçaſſem para naõ virem ao Reino. Idéa, com que perſuadia a nacionaes, e eſtrangeiros, que elles ſe haviaõ ſobmergido na volta para Portugal, para que os primeiros naõ podeſſem alcançar os ſeus deſignios, e os ſegundos temeſſem os perigos de viagem taõ arriſcada.

CAPITULO III.

Os Caſtelhanos intentaõ perturbar o noſſo Commercio de Guiné, mas ſem effeito, e continúa a ſêllo o interior do Reino a reſpeito do Duque de Bragança.

AINDA que os Reis de Heſpanha Fernando, e Iſabel andavaõ occupados em negocios de alto caracter depois da mórte de ſeu pai El-Rei de Aragaõ: que lhes levavaõ attenções as contendas aſſás peſadas de Navarra até a entrada no Reino de Franciſco Febo, que viera de França a Pamplona, aonde foi jurado: que a guerra de Granada ſuſpendia a expectaçaõ das gentes,

é era o objecto mais importante do cui- Era vulg.
dado daquelles Principes, eſpecialmen-
te depois que os Barbaros tiveraõ a
fortuna de derrotar ao Marquez de Ca-
diz, ao Meſtre de Sant-Iago, de faze-
rem priſioneiro ao Conde de Cifuen-
tes, e a ſeu irmaõ D. Pedro da Silva:
ainda que a induſtria del Rei D. Joaõ
havia querido perſuadir á Europa, que
a navegaçaõ de Guiné era taõ difficul-
toſa, como a da Lagoa Eſtigia na bar-
ca de Acheronte, ou a dos Argonau-
tas na náo de Jaſſon: os Caſtelhanos,
naõ obſtante eſtarem taõ divertidos,
nem fazerem caſo dos eſtrepitos rui-
doſos, que perſuadiaõ intractaveis os
mares de Africa, elles pozeraõ na ſua
téſta o Duque de Medina Sidonia pa-
ra o fazerem author de huma navega-
çaõ a Guiné, que contrapeſaſſe a noſ-
ſa, e nos diminuiſſe as ganancias.

Em nome do Duque foi pedida per-
miſſaõ a El-Rei Duarte de Inglaterra
para nos portos do ſeu Reino ſe eſqui-
par huma fróta, a que a fama públi-
ca dava deſtino differente do verdadei-
ro. El-Rei D. Joaõ, que vigiava tanto

nos

Era vulg. nos movimentos das Cortes eſtrangeiras, como nos da propria, foi ſabedor do fim, aonde ſe dirigia aquelle apreſto, que derrotava as ſuas maximas de prevençaõ, e com o pretexto de renovar as alliançaſ antigas entre a ſua Corte, e a de Inglaterra, mandou a Londres com o caracter de Embaixadores a Ruy de Souſa, e a Joaõ de Elvas, que ſoubéraõ negociar effectivamente com aquelle Soberano. A ſua dexteridade lhe perſuadio os deſignios da armada, que ſe apreſtava em vóz do Duque; os juſtos titulos porque ao Rei ſeu Amo pertencia a conquiſta de Guiné; as excommunhões, que a Sé Apoſtolica tinha fulminado ſobre os Principes, que o perturbaſſem nella: tudo intimado com tanta efficacia de razões, que o Rei Inglez convencido prohibio com penas ſevéras, que ſe trabalhaſſe na armada.

Derrotados por eſte meio os intentos dos Caſtelhanos, El-Rei entrou em novas ſuſpeitas a reſpeito do Duque de Bragança deſcontente, e dos mais Fidalgos ſeus alliados: ſcena formi-

midavel, que desfigura toda a gentile- Era vulg.
za do reinado de hum Principe, que chamaõ Perfeito. Ántes que o desprazer se manifestasse rotura, El-Rei quiz fazer observações dissimulado, e pretextou divertimentos nas terras do Marquez de Monte-Mór, Condestavel do Reino, e irmaõ do Duque. O Marquez, que para viver separado de seu irmaõ, fora mandado para ellas desterrado, e por isso estava resentido, naõ obstante a sua dôr recebeo a El-Rei com huma pompa brilhante. Se no fundo das intenções dos Reis he permittido entrarem discursos dos vassallos, de todas as manobras até qui usadas por D. Joaõ, e das muitas que depois metteo em uso, se dizia, que todas as finezas da sua politica a nada mais se encaminhavaõ, que a enfraquecer o partido do Duque, o dos Grandes Senhores do Reino, para desterrar os sustos panicos, com que a debilidade de homem imagina dependente a Magestade de Rei.

A condiçaõ ardente do Marquez estimulado pelo desterro, agora mais pe-

Era vulg. pela viſita, bem póde ſer, ſegundo dizem, que concebeſſe idéas altivas reprovadas pelo Duque ſeu irmaõ, e por outros do corpo da Nobreza, que elle quereria comover, e intentaſſe ſuſtentallas com o poder da Corte de Caſtella, com quem tinha alliança taõ eſtreita, e que ainda naõ concebêra ſatisfaçaõ cabal das intenções del Rei, que em fim guardava no Reino a ſua rival reſpeitavel a Princeza D. Joanna. Como quer que ſeja, D. Joaõ convocou Cortes em Evora, aonde determinou, que entre outros negocios, ſe examinaſſem os titulos das mercês, que haviaõ feito os Reis ſeus predeceſſores, como fermento azedo, que tinha bem de actividade para levedar a maça da Nobreza.

Naquellas Cortes, depois de hum diſcurſo longo, que fez o Chanceler do Civel Vaſco Fernandes de Lucena, mandou El-Rei fazer a nova fórma de homenagem, para que até entaõ naõ havia Lei, nem Regimento. O primeiro que practicou eſte acto por ſi, e como procurador do Duque de Viſeo

D.

D. Diogo, que entaõ eſtava de refens em Caſtella, foi o Duque de Bragança. Depois delle ſeu irmaõ D. Alvaro pela ſua peſſoa, pela do Marquez de Monte-Mór, e pelo Conde de Fáro ſeus irmãos. Depois deſtas ſolemnidades até entaõ eſtranhas á Nobreza, foi a ida del Rei ás terras do Marquez de Monte-Mór, como diſſe, que o recebeo de galla, levando El-Rei ainda o luto de ſeu pai: politica do Marquez, que foi remunerada com huma reprehenſaõ dura, e caſtigado o encontro, que entaõ teve com o Arcebiſpo de Braga D. Joaõ Galvaõ com outro exterminio além do Téjo em Caſtello-Branco. Era vulg.

Juntos eſtes motivos de deſabrimento á reprovaçaõ das confirmações geraes, que até entaõ ſe praticavaõ, e entaõ ſe ordenou foſſem particulares ás peſſoas Eccleſiaſticas, e Seculares, aos Moſteiros, e Igrejas, ás Cidades, e Villas do Reino: eſtas graças ſeparadas, e a entrada dos Corregedores del Rei pelas terras dos Donatarios com expreſſo deſprazer do Duque,

Era vulg. que, e mais Senhores, principiáraõ a perturbar os animos, que entráraõ a ter por pezado o governo de hum Rei feliz. O Duque, que queria moſtrar-lhe pelos titulos da ſua caſa, como os ſeus predeceſſores haviaõ merecido as gratificaçõeſ recebidas dos Reis paſſados, para á viſta dellas ſuſtentar a ſua juſtiça, mandou a Joaõ Affonſo ſeu Mordomo, que do Archivo de Villa Viçoſa lhe trouxeſſe os Originaes. Já a eſte tempo o Duque, ſem que ſe nos diga com que intenções, havia dado parte do que ſe paſſava a ſeu reſpeito, de ſeus irmãos, e parentes aos Reis Catholicos, que até aquelle tempo naõ deixavaõ perceber inclinaçaõ a favor de alguma das partes, e eſtas Cartas do Duque com as ſuas reſpoſtas ſaõ as que tem de ſer origem de cataſtrofes funeſtos.

Joaõ Affonſo encarregou a ſeu filho a commiſſaõ do Duque, e eſte elegeo para ſocio nella a Lopo de Figueiredo, que já fora criado da Caſa de Bragança. Elle achou no Archivo do Duque as ſuas cartas para os Reis Ca-

Catholicos juntas com as reſpoſtas; e por entender cumpria á ſua fidelidade deſcobrillas a El-Rei, ou por lhe parecer a occaſiaõ propria de ganhar fortuna, as tirou diſſimulado, e as trouxe a Lisboa para inſtruir a El-Rei no motivo dos deſgoſtos do Duque. Eſte Principe as fez copiar pelo ſeu Secretario Antonio de Faria, e ordenou a Joaõ Affonſo, que com a meſma cautela, com que as havia tirado do Archivo, foſſe a Villa Viçoſa a metellas nelle. Lopo de Figueiredo tem dado o grande paſſo, que podendo bem ſer naõ encontraſſe algum tropeço ſe o moveſſe occulto, a ſua publicidade foi a cauſa de tantos precipicios, quantos ſe vaõ a vêr neſta Hiſtoria. Era vulg.

Contra a Corte de Caſtella aſſeſtou El-Rei D. Joaõ a primeira bataria, e lhe fez o fogo pela parte mais ſenſivel. Elle ordenou, que a Princeza D. Joanna ſahiſſe do Convento de Santarém; que appareceſſe na Corte; que ſe publicaſſe como entrava em ajuſtes para a caſar com Franciſco Febo, Rei de Navarra, que elles eſtavaõ nos ter-

mos

Era vulg. mos de ſe concluir, e que o Rei Luís XI. de França era intereſſado neſta negociaçaõ. Quando os Reis Catholicos ſe ſobprendiaõ de huma novidade taõ eſtranha, que rompia os laços do Tratado precedente, entrava pela ſua Corte com o caracter de Embaixador D. Joaõ da Silveira, Baraõ de Alvito, para lhes repreſentar: Como o Rei de Portugal ſeu Amo naõ podia convir, que ſeu filho o Principe D. Affonſo, e a Infante D. Iſabel ſua futura eſpoſa, e filha delles Reis, eſtiveſſem mais tempo com a Duqueza de Viſeo D. Brites de refens na Villa de Moura, que de veraõ era muito doentia: que os Principes haviaõ vir para a Corte, ou para melhor lugar; e que ſe Suas Mageſtades niſſo naõ convieſſem, ſe deſmanchaſſe o ajuſte dos refens, voltaſſe a Infante para Caſtella, e ſe recolheſſe a Portugal o Duque de Viſeo D. Diogo.

Nada differio por entaõ o Rei D. Fernando a huma propoſta, que entendeo ſe encaminhava a declarar a guerra, e porque a frente, que ſe lhe fa-

fazia com a Princeza D. Joanna, elle naõ a podia contrarreſtar com força mais vigoroſa, que a de conſervar como refens em ſeu poder os primeiros Principes de Portugal. O Baraõ, que nada conſeguia, ſe recolheo, ſem querer acceitar as grandes mercês dos Reis, que ficavaõ atonitos, como ignorantes dos ſucceſſos, dos motivos, que tinha a Corte de Portugal para fazer na ſua officios ſemelhantes. D. Joaõ pouco ſatisfeito da falta de reſoluçaõ de Caſtella, por ſuppôr aos Reis Senhores das ſuas inſtrucções mais occultas por meio da communicaçaõ do Duque de Bragança, tornou a mandar Ruy de Pina ao Moſteiro de Guadalupe, aonde eſtava a Corte, para reiterar com os Reis as meſmas inſtancias. Negociou eſte Miniſtro com tanta dexteridade, que conſeguio a entrega mutua dos refens, que valia tanto como dar por desfeito o contrato do caſamento dos Principes; mas para córar a negociaçaõ, pedio com maior dote a Infante D. Joanna por ſer filha ſegunda, como ſe a ſinceri-

Era vulg.

da-

Era vulg. dade permittiſſe o cambio de huma Senhora com fundamentos provaveis de vir a ſer herdeira de Heſpanha por outra dotada com mais humas poucas, ou muitas moedas.

1483 Quando ſe mettiaõ em uſo eſtas intrigas, a Rainha de Portugal teve hum máo ſucceſſo, que foi occaſiaõ de a viſitarem ſeu irmaõ o Duque de Viſeo, já reſtituido ao Reino, o Duque de Bragança, e outros muitos Senhores. Aproveitou El-Rei a conjuntura para ſe declarar com o de Bragança, fazello deſcobrir culpado, confeſſar o crime, e dar-lhe moſtras, que ſe ſatisfazia ſe o viſſe arrependido. Para iſſo, chamando-o de parte ſem mais teſtemunha, que D. Fernaõ Gonçalves de Miranda, Biſpo de Lamego ſeu Capellaõ Mór, lhe diſſe: Mui honrado Duque, quanto vou a dizer-vos he verdadeiro: eu tenho deſcoberto a voſſa perfidia, os voſſos deſignios contra o Eſtado, meſmo contra a minha peſſoa, e as intelligencias occultas, que tendes com o Rei de Caſtella; fazei troca de acçõeſ, e uni com os meus

os

os voſſos ſentimentos : ſe as allianças, que tendes comigo, vos faz entender, que vos privaõ da ordem de vaſſallo, eſſas meſmas vos devem obrigar a ſeres de mim inſeparavel : ſe vos inquietaõ as minhas ultimas Leis, he acçaõ bem propria de quem ſois, ſacrificar os voſſos intereſſes á obediencia para dares della hum exemplo ſignificante ao Reino : em fim, ſabei que de quanto obrais no retiro mais ſecreto do voſſo gabinete, de tudo eſtou informado : cuidai em corrigir-vos, que Eu naõ quizera com hum homem do voſſo naſcimento uſar de expedientes mais fórtes, que eſta advertencia affectuoſa, e ſincéra. Era vulg:

O Duque, que ou a conſciencia naõ o accuſava, ou ſe tinha algum leve eſcrupulo o entendia reconcentrado no aſylo ſagrado do peito do Rei de Caſtella, reſpondeo conſtante : Que elle naõ merecia as ſuſpeitas injuſtas, que ſe faziaõ da ſua impreterivel fidelidade, filha bem legitima do ſeu naſcimento, e caracter : Que conhecia ſer o primeiro dever da ſua honra amal-

Era vulg. lo, ſervillo, e ter-lhe a reverencia devida de Rei, como ſeu vaſſallo, que era: que a correſpondencia effectiva, que conſervava com o Rei D. Fernando, naõ era intrigante, mas hum effeito proprio das alliançaſ eſtreitas, que com elle tinha: que elle naõ ſe oppunha ás ſuas Leis, ainda que naõ negava haverem-lhe eſcapado algumas palavras de reſentimento juſto, por ſe vêr deſpojado dos eſtimaveis privilegios, que os Reis ſeus predeceſſores lhe haviaõ concedido em remuneraçaõ dos ſerviços relevantes, que ſempre lhes fizéra a ſua Caſa: que hum Principe taõ generoſo, como elle, naõ devia fazer caſo de palavras ſentidas, quando ſahiaõ de hum coraçaõ no ſeu ſerviço officioſo, efficaz, e fideliſſimo.

Depois que no Reino ſe ſoube eſta reſpoſta do Duque, elle a teve por leal, e verdadeira; mas o Rei, que ſabia diſſimular, eſtimando-a hum finjimento, lhe deo demonſtraçõeſ de ſatisfeito. Como os poderoſos ſempre tem inimigos grandes, naõ faltou quem diceſſe, que o Duque tivera a admoeſ-

ta-

taçaõ del Rei por falta de valor; por Era vulg.
medo, que concebia delle; por ſe recear del Rei de Heſpanha, e que diſſo capacitára ao Duque de Viſeo, e a ſeus irmãos nas conferencias, que tivéraõ no Vimieiro. Tambem publicou a calúmnia, que eſtes Senhores ajuſtáraõ entre ſi reſiſtirem á entrada dos Corregedores, quando era certo, que eſtas, e outras demonſtraçõ̃es fórtes, ſendo dellas manutendor o Marquez de Monte-Mór, todos os outros Principes, e Fidalgos as impugnáraõ; reſolvendo, que na ſituaçaõ mais critica, elles de ſórte alguma haviaõ deſobedecer a El-Rei, antes na conſternaçaõ ultima tomariaõ o partido de ſe deſnaturaliſar, como em muitas occaſiõ̃es tinhaõ praticado Portuguezes do ſeu caracter. As primeiras vozes falſas fizéraõ impreſſaõ no animo del Rei, que por evitar entaõ as contingencias do ſucceſſo, aſſegurou ao Senhor D. Alvaro, que elle ſuſpendia a entrada dos Corregedores nas terras dos Donatarios.

Eſta politica durou pouco em El-

Era vulg. Rei, que naõ tardou em uſar de outra bem perigoſa, qual foi a de ordenar ſe obſervaſſe naquella materia á riſca, quanto havia determinado. Todo o mundo entendeo logo, que eſta ordem ſe encaminhava a buſcar hum pretexto, que ſerviſſe aos ſeus deſignios; a tecer na face das gentes huma deſculpa ao ſeu projecto, que era caſtigar como rebelliaõ a falta de obſervancia á meſma ordem. Naſceo eſta reſoluçaõ ſevéra de ſe haver perſuadido a El-Rei, eſpecialmente os dous irmãos Gaſpar, e Pedro Juſarte, que entaõ foraõ premiados com muitas mercês, e o ultimo obteve o Senhorio de Arrayolos: como na Caſa do Duque em Villa Viçoſa eſtivéra disfarçado o Caſtelhano Triſtaõ de Villa Real, que da parte do ſeu Rei viéra negociar com elle as inſtancias, que devia fazer ao de Portugal para conſeguir que lhe entregaſſe a peſſoa de D. Joanna com o fim delle Duque a tratar em ſua Caſa como Princeza; mas fazendo-a viver Religioſa; e para que conſentiſſe, que os Caſtelhanos promiſcuamente

te com os Portuguezes podeſſem com- Era vulg.
merciar em Guiné: porque naõ con-
vindo El-Rei neſtas propoſtas, D. Fer-
nando tinha motivos juſtos para lhe
declarar a guerra, e os vaſſallos deſ-
contentes occaſiaõ de mettêrem os Caſ-
telhanos nas ſuas terras, e elles depois
paſſarem para Heſpanha a ſegurar as
peſſoas.

CAPITULO IV.

Negociaçõ̃es de Caſtella na Corte de Portugal, e outros ſucceſſos, com o da priſaõ̃ do Duque de Bragança.

QUANDO o Duque de Bragança, e ſeus irmãos D. Alvaro, e o Conde de Fáro divertiaõ̃ ao Marquez de Monte-Mór, tambem ſer irmaõ̃, as perturbaçõ̃es, que a ſua paixaõ̃ céga intentava atiçar na Pátria; o Rei de Caſtella naõ̃ podia diſſimular, que a Princeza D. Joanna ſua competidora houveſſe ſahido do Convento; que ſendo Religioſa, tiveſſe penſamentos de caſar; que naõ̃ a fizeſſem recolher a

el-

Era vulg. elle; e que a eſtar fóra, naõ foſſe em poder do Duque, ou de algum de ſeus irmãos, como ſe havia ajuſtado no Tratado ultimo. Eſta pretençaõ de D. Fernando fazia confirmar a El-Rei na certeza de ter havido a negociaçaõ occulta, que o Duque fora tratar á Vidigueira com o disfarçado Triſtaõ de Villa Real, e que ſe dizia elle levára para Caſtella mettida em huma bolla de cêra. Tudo El-Rei attribuia aos humores aballados do Duque, que para inſtrumentos de avançar os deſignios, ſe queria ſervir da peſſoa da Princeza D. Joanna: motivo ſuperabundante para elle em nada differir ás pretenções do Rei Catholico neſta parte.

Em quanto eſtes futuros ſe preveniaõ, El-Rei em lances taõ criticos, quando cuidava em deſcartar-ſe do Duque a todo o cuſto, foſſe em attençaõ á ſegurança da ſua peſſoa, foſſe para vingar neſte neto do Duque D. Affonſo a morte injurioſa de ſeu Avô, o Infante Duque de Coimbra D. Pedro, foſſe por preſumir tinha juſtiça para naõ deixar de uſar de ſeveridade in-

inflexivel contra taõ alta peſſoa: elle recebeo em Santarém, donde havia chegado de viſitar em Aveiro ſua irmã a Infante Santa D. Joanna, a noticia, de que eſtava em Avís o Prior do Prado, Confeſſor do Rei Catholico, depois Arcebiſpo de Granada, que vinha com o caracter de ſeu Embaixador. Sem demóra veio El-Rei a Avís para ſaber, que negocio trazia a Portugal o Prior D. Fernando de Talavera, que em diſcurſo breve lhe propôz como a paz entaõ firmada na entrega, e poſſe dos altos Refens, que a ſeguravaõ, naõ deviaõ ter mais garante, que a palavra Real dos dous Soberanos: que por eſta razaõ os Principes retidos em Moura com a Duqueza de Viſeo, era tempo de voltarem, o Principe D. Affonſo para a Corte de Portugal, a Infante D. Iſabel para a de Caſtella: que o Duque de Viſeo D. Diogo já eſtava neſte Reino, e ſeu irmaõ D. Manoel logo viría para elle, tanto que a Infante ſahiſſe. Era vulg.

Na meſma occaſiaõ ſe desfez o caſamento deſtes dous Principes; mas pro-

Era vulg. procedeo-se a novo ajuste do mesmo D Affonso com a Infante D. Joanna, filha segunda dos Reis Catholicos por mais déz contos de réis do que havia trazer D. Isabel : com condiçaõ porém, que se ella estivesse por casar, quando o Principe tivesse idade de o fazer, que entaõ em lugar de D. Joanna, contrahiria com ella o matrimonio. Celebrados estes ajustes, para receberem o Principe em Moura, e o trazerem á Corte, nomeou El-Rei ao Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, ao Chanceller Mór Joaõ Teixeira, ao seu Confessor Fr. Antonio, da Ordem de S. Francisco, que com o Embaixador de Castella foraõ para Moura, e El-Rei veio esperar o Principe a Evora. Dizem, que a esta Cidade lhe viera trazer Pedro Jusarte a instrucçaõ, que levára a Castella o disfarçado Villa-Real ; que lhe revelára muitos segredos importantes ; que desde logo ficára resoluta a prisaõ do Duque, que nada menos elle receava, ainda que a restituiçaõ dos refens o privava do apoio mais firme para a sua tranquillidade.

Com

Com bem pouco apparato eſtava o Duque na Villa de Portel, quando paſſáraõ por ella para Moura os Miniſtros nomeados. Elle lhes moſtrou compla- Era vulg.
cencia extrema da vinda do Principe, e lhes pedio o aconſelhaſſem ſe tocava aos ſeus deveres ir elle meſmo a Moura ſervillo, e acompanhallo á Corte, ſe entendiaõ que niſſo agradaria a El-Rei. Todos aſſentáraõ, que eſta acçaõ era propria da ſua grandeza: mas fazendo depois reflexaõ no genio do Principe, lhe mandáraõ do caminho hum expreſſo com aviſo deſta determinaçaõ do Duque; pedindo-lhe inſtrucçaõ do modo, com que ſe haviaõ conduzir. El-Rei com huma apparencia viſtoſa ſe deo por muito ſatisfeito do obſequio, que em ſeu ſerviço queria fazer o Duque, conduzindo o Principe, e hoſpedando-o nas ſuas terras: tudo com vozes taõ doces, e ſuaves, que ninguem podia entender ſe occultava o aſpide nas flores deſta carta. O Duque foi o primeiro, que ſe encheo com ella do prazer ſummo, que fez evidente na magnificencia da jornada de Moura

até

Era vulg. até Evora, donde logo sahio El-Rei com gente armada para o prender no meſmo acto de receber o Principe, e o naõ fez á viſta da confiança, com que o Duque, deſpreſando muitos aviſos, para que naõ entraſſe em Evora, ſe mettia ſem perturbaçaõ na Cidade.

A tranquillidade do animo do Duque ainda deixou paſſar em feſtejos o dia ſeguinte á entrada do Principe, que era veſpera do Corpo de Deos; e o agrado, que ſe via no ſemblante do Rei, fez que o Duque naõ déſſe credito a huma carta de ſeu irmaõ o Marquez de Monte-Mór, que lhe pedia ſahiſſe de Evora, e ſe pozeſſe em ſeguro. Dentro na Cidade, aonde ſe tinhaõ dado as ordens para elle ſer preſo na ſua entrada, quando ſe fizeſſe certo ſinal, o ſegredo andava entre muitas peſſoas, e algumas o participáraõ ao Duque. Se nelle haviaõ crimes, a conſciencia o accuſava taõ pouco da ſua gravidade, que ninguem lhe percebeo perturbaçaõ pelo infortunio, que o eſperava: taõ firme a ſua conſtancia, que no conceito das gentes, ella era huma próva

ter-

terminante da ſua innocencia; ella fa- Era vulg.
zia notar de injuſtiça a ſua accuſaçaõ;
ella eſtimulou a Nobreza a intereſſar-
ſe a ſeu favor ao meſmo tempo, que
com modos ternos, e compaſſivos,
com repreſentações heroicas, e ſubli-
mes.

O rumor creſcia tanto na Corte, que era o objecto de todas as converſações, já derrotado em negocio taõ grave, quanto nelle o ſegredo de Eſtado queria fazer de myſterioſo. Todos pareciaõ conſternados, menos o Duque, que vencia o rumor com a corage, e ſó com a ſua companhia entrou no Paço dia do Corpo de Deos a 29 de Maio para ſe deſpedir del Rei, e pedir licença para ſe recolher ás ſuas terras. Elle eſtava em deſpacho com os Deſembargadores; recebeo ao Duque com agrado; mandou vir cadeira, em que ſe aſſentou, e na ſua preſença deſpachou alguns negocios. A Infante Duqueza de Viſeo, ſogra del Rei, e do Duque, tinha vindo a Evora conduzindo os Principes, e ſeu filho D. Diogo havia ido acompanhar até á fron-

tei-

Era vulg. teira a Infante D. Iſabel, que ſe recolhia a Caſtella. Acabado o deſpacho, El-Rei ficou ſó com o Duque, e eſte naõ quiz perder a occaſiaõ de ſe juſtificar para desfazer o ruido, que entendia naſcer da perverſidade dos ſeus emulos.

Com os affectos expreſſivos, que o coraçaõ mandava á lingoa, o Duque diſſe ao Soberano a conſternaçaõ do ſeu eſpirito ao perceber os éccos da calumnia, que em huma peſſoa do ſeu caracter desfigurava a candura do zelo, e a ingenuidade do affecto, com que elle ſe empregava no Real ſerviço: que tantas vozes perdidas baſtavaõ para o deshonrar na face do mundo, que o teria em conta de vaſſallo infiel, de parente trahidor, quando a Caſa de Bragança da Época do ſeu eſtabelecimento até entaõ, em nada cuidava tanto, como em ſe moſtrar aos ſeus Reis parenta officioſa, vaſſalla fideliſſima: que inſtantemente lhe pedia naõ déſſe ouvidos aos officios abominaveis dos ſeus emulos, antes contra elles requeria huma juſtiça taõ rigoroſa,

sa, quanto era alta a pessoa, que el- Era vulg.
les atacavaõ, e grave a materia, em
que a offendiaõ. A esta proposta res-
pondeo El-Rei de hum tom firme: Eu
quero bem fazer justiça; eu vo-lo pro-
metto: e sobindo com o Duque a hu-
ma torre do Paço, elle mesmo o pren-
deo nella, e o entregou a Ayres da
Silva, e a Antaõ de Faria para o guar-
darem com cautela vigilante. O pri-
meiro destes Fidalgos, para o conso-
lar, lhe disse, que daquella demons-
traçaõ del Rei proveria a elle Duque
maior honra, e naõ devia por isso
entristecer-se, ao que o Duque respon-
deo: Que os homens, como elle, naõ
se prendiaõ para se soltarem.

Preso o Duque por El-Rei na mes-
ma Casa Real, que lhe déra o ser, a
honra, a grandeza, foi logo chamada
a Conselho a gente de maior authori-
dade, que se achava na Corte. Ao
mesmo tempo o Povo, que ouvio di-
zer estava o Duque prezo por trahidor,
correo em bandos ao terreiro do Pa-
ço, pedindo justiça contra elle. Entre
tanto no Conselho formava El-Rei o

pro-

Era vulg. proceſſo do Duque, allegando as culpas, que contra elle tinha, e provando-as, como ſe diz, com a cópia das cartas extrahidas do ſeu Archivo, e com as inſtrucçõẽs, que podéraõ haver os ſeus accuſadores. Determinouſe por entaõ, que a peſſoa do Duque ſe guardaſſe com ſegurança; que de tudo ſe déſſe parte a El-Rei de Caſtella, e que ſe mandaſſe tomar poſſe das Villas, e Caſtellos da Caſa de Bragança. He caſo inſolito, digno de reflexaõ, que trinta Praças guarnecidas, de que o Duque era ſenhor, ſem apparecer á viſta dellas a peſſoa del Rei, baſtou ſer ouvida a voz do ſeu preceito para naõ haver entre os ſeus Alcaides Móres hum ſó, que fizeſſe a menor reſiſtencia; mais attentos aquelles Chéfes, e moradores á fidelidade devida ao ſeu Rei, que á obſervancia dos juramentos dados ao Duque, de quem as haviaõ recebido.

O Marquez de Monte-Mór, que eſtava nas Alcaçovas, com a noticia da priſaõ fogio para Caſtella, e da terra de Campos mandou á Marqueza, ſua mu-

mulher, foſſe para Sevilha. O innocente Conde de Fáro, vendo hum irmaõ preſo, outro fogido, como homem temeroſo ſe retirou para Andaluzia, como honrado afflicto em poucos dias perdeo a vida. Ao quarto irmaõ o Senhor D. Alvaro permittio El-Rei, que ſahiſſe de Portugal, promettendo de lhe mandar as ſuas rendas a qualquer parte, aonde ſe eſtabeleceſſe, menos ás Cortes de Roma, e Caſtella, que lhe pôz interdictas. Elle partio com o deſtino de peregrinar a Jeruſalem; mas ſendo taõ grandes as honras, com que os Reis Catholicos o recebêraõ, ellas o fizeraõ eſquecer a obediencia forçada, e mandando ir para Caſtella a ſua mulher, e filhos, aquelles Soberanos em deſconto dos ſeus bens por eſta cauſa confiſcados, o fizeraõ Preſidente do Conſelho Real de Caſtella, ſeu Contador Mór, ſenhor do Eſtado de Gelves, Alcaide Mór de Sevilha, e de Andujar. Era vulg.

A Infante Duqueza D. Iſabel aviſada da prizaõ de ſeu marido, no meſmo inſtante mandou para Caſtella a ſeus fi-

Era vulg. filhos D. Filippe, D. Jayme, D. Deniz, e deixou na ſua companhia a Senhora D. Margarida, que falleceo poucos annos depois. Os Reis Catholicos tratáraõ aos tres Principes com a grandeza correſpondente ao ſeu Real caracter; e quando levavaõ mudos todo o cataſtrofe do Duque, em acçõeſ de magnificencia extraordinaria com ſeus filhos, e irmãos deſapprovavaõ quanto ſe practicava em Portugal com a cabeça da ſua familia, que com brevidade eſperavaõ ouvir dizer fora cortada. Os Fidalgos ſe dividíraõ em ſentimentos. Os poucos inimigos do Duque deſcobríaõ huma affectaçaõ de melancolia magnanima, que ſe queixava do Rei lhes naõ permittir, que o ſeu valor foſſe quem caſtigaſſe no Duque os crimes atrozes, que comettêra contra o Real decóro. Outros poucos contemplativos davaõ graças a Deos com ais mavioſos, por haver permittido ſe deſcobriſſe a perfidia, que a laborar mais tempo occulta, carretaria ao Rei, e á Pátria calamidades triſtes.

Pelo contrario o número maior,

ou

ou quaſi todo o corpo da Nobreza, Era vulg.
que naõ podia crêr na galla brilhante
do Duque a nodoa feia da infidelida-
de; elle ſe arroja aos pés do Rei, e
lhe pede, que mande tomar entrega
de todos os Fórtes, Villas, e Caſtel-
los, de que elles eraõ ſenhores, to-
dos os bens da Coroa, que poſſuiaõ,
e que além deſte penhor, offereciaõ
as cabeças, tudo para ſegurança da
lealdade do Duque dalli em diante, a
que toda a Nobreza ficava reſponſa-
vel; que em attençaõ a ella, uſaſſe de
hum lance forte, esforçado da ſua cle-
mencia innata, digno delle, proprio
de Rei; que mandaſſe ſoltar; que dei-
xaſſe viver o Duque. A diſſimulaçaõ em
público recebeo com circunſpecçaõ o
requerimento, em particular foi nota-
do de audaz; mas a meſma circunſ-
pecçaõ ſe neceſſitou a deixallo indeci-
ſo. Ainda ſe ignorava como na Corte
de Caſtella ſería recebido eſte ſucceſ-
ſo; devia-ſe ganhar tempo para aſſegu-
rar as terras do Duque, que com qual-
quer reſiſtencia perturbariaõ muito; e
pedia a prudencia, que ſe affectaſſe

Era vulg. hum eſpirito de tranquillidade, que fizeſſe naõ deſeſperar a concluſaõ de hum ajuſte.

Entretanto o ardor del Rei, que ſe queria prevenir aos movimentos já concebidos contra D. Diogo, Duque de Viſeo, ſeu cunhado, que logo temos de vêr outro deſpojo lamentavel, naõ tanto das forças da juſtiça, quanto dos impulſos da cólera; elle o mandou vir ao quarto da Rainha ſua irmã para o arguir, e lhe perdoar. Tendo-o El-Rei preſente como co-réo nos crimes do Duque de Bragança, e do Marquez de Monte-Mór, ſeu irmaõ, com o ſemblante reveſtido de mageſtade lhe lembrou: que elle era filho do Infante D. Fernando ſeu tio, irmaõ da Rainha ſua mulher; mas que eſtas relações naõ o deſobrigavaõ de conhecer os perigos, em que o involveria a ſua falta de fidelidade, e obediencia: que elle tomava por teſtemunha a Rainha preſente para em tempo algum ſenaõ queixar, de que deixára de o advertir: que em attençaõ a eſta irmã, e á memoria daquelle pai lhe perdoa-

va

va as faltas paſſadas, naõ ſe fiando em Era vulg.
razaõ alguma, com que ſe quizeſſe deſculpar, ſe commetteſſe as poſſiveis, e futuras. A Rainha reſpondeo a eſta merce del Rei com expreſsões tocantes de agradecida; o Duque com hum ſilencio reſpeitoſo, que nem confeſſava culpa, nem acceitava o perdaõ.

Conſervava El-Rei a politica de indifferença, em quanto ſe informava do que ſuccedia em Caſtella, do que ſe paſſava na entrega das Praças do Duque, para tomar pelas côres dos ſemblantes as medidas, ou de o punir, ou de o ſoltar. O ſilencio, que foi obſervando nos Reis Catholicos, o teve por huma próva de convicçaõ de ſerem verdadeiras as Cartas achadas no Cartorio do Duque; que aſſim ata a deſgraça as pontas dos indicios, quando quer perſeguir hum infeliz. As Praças ſe entregáraõ como diſſemos; e vendo-ſe El-Rei deſaſſombrado dos ſuſtos de Caſtella, ſem reſiſtencia alguma em Portugal, elle determina que com o ſangue do Duque de Bragança ſe apague no ſeu interior o incendio

Era vulg. dos receios de que lhe arranquem da maõ o Sceptro taõ firme. Entaõ foraõ chamados a Evora muitos Miniſtros de juſtiça, e na téſta delles Ruy da Gran por primeiro Juiz. Joaõ de Elvas foi nomeado Procurador del Rei, e do Duque Diogo Pinheiro, depois Biſpo do Funchal, e Affonſo de Barros. Em quanto ſe formava o Libello contra o Duque, e ſe provava com os depoimentos de Pedro Juſarte, Lopo de Figueiredo, Affonſo Vaz, Joaõ Velho, Lopo da Gama, Diogo Lourenço, Jeronymo Fernandes, e Fernaõ de Lemos, que ſe entendêraõ teſtemunhas deſintereſſadas incapazes de faltar á verdade: o Povo, ou melhor informado, ou compadecido do Duque, clamava contra os Reis de Caſtella por ſe moſtrarem inſenſiveis ao eſpectaculo eminente de ſe vêr derramar ás mãos de hum verdugo o meſmo ſangue Real, que circulava nas ſuas veias reaes, e poderoſas.

Foi o Juiz á prizaõ do Duque examinallo, e apreſentar-lhe o Libello, fazendo-lhe ſaber: que elle eſtava con-

ven-

vencido de perturbador do Governo do Era vulg.
ſeu Soberano, e que da ſua peſſoa fallava ſem reſpeito, e com injúria: que das palavras elle paſſava ás acçõẽs, entretendo com o Rei de Caſtella intelligencias perfidas, e perniciosas: que eſquecido das razõẽs de parente, e da obrigaçaõ de vaſſallo, quanto o ſeu Principe lhe moſtrava em confiança, elle o communicava nas partes, donde lhe podia vir o maior damno: que naõ ignorando de vêr manifeſtar ao Rei as intrigas perverſas do Condeſtavel Marquez de Monte Mor ſeu irmaõ, elle as cobria de muitos véos, como ſe foſſem os myſterios mais adoraveis: que da difficuldade da entrega dos Refens da ultima paz era elle o Promotor taõ efficaz, quanto na retençaõ dos Principes contemplava de intereſſante aos ſeus deſignios: que ſó elle tinha ſido a cauſa da perturbaçaõ, que os Caſtelhanos tinhaõ cauſado ao Rei na navegaçaõ de Guiné: que elle prevenia os Eſtados do Reino para ſe oppôrem nas decisões das Cortes aos ſentimentos juſtos do Soberano; e que

ſen-

Era vulg. ſendo taõ duro com os ſeus proprios vaſſallos, depois de os tratar com injuſtiça, lhes fechava todas as portas, para que os ſeus clamores naõ entraſſem á preſença dos Juizes legitimos, que podiaõ remediallos.

O Duque com a meſma conſtancia com que ouvio eſtes cargos, diſſe a Ruy de Pina, que eſtava preſente: Ide dizer a El-Rei meu Senhor, que na ſituaçaõ, e no tempo em que eſtá o Duque de Bragança, replîca a quanto acaba de ouvir com as palavras de David: Senhor naõ entreis com o voſſo ſervo em Juizo, porque na voſſa preſença vivente algum ſerá juſtificado: que lhe perſuadiſſe, como a ſua cauſa naõ devia ſer julgada por Deſembargadores, mas por Principes, e Duques, que foſſem como elle. A nada deſtes requerimentos ſe differio. O Duque foi ſentenciado como os outros homens, e na preſença de ſeu Senhor naõ encontrou juſtificaçaõ eſte vivente, quando ſe entrou com elle em juizo. Foi o Duque ſentenciado á mórte. Tanto eſperava elle por eſte

Acor-

Acordaõ, que ſendo chamado para aſ- Era vulg.
ſiſtir á repergunta das teſtemunhas, mandou a Ruy de Pina foſſe dizer a El-Rei: Que elle acabára de ſe confeſſar, e Commungar; que eſtava com o ſeu Confeſſor o Padre Paulo tratando couſas do eſpirito, e da eternidade; que eſſas para que o chamavaõ eraõ temporaes, do mundo, do ſeu Reino, aonde ſó elle era Juiz; que as julgaſſe como bem lhe pareceſſe, e que para iſſo a ſua peſſoa naõ era neceſſaria.

A ſala, aonde ſe havia dar a ſenteça, mandou El-Rei guarnecella de pannos de raz, que repreſentavaõ a juſtiça mandada fazer pelo clemente Imperador Trajano no revoltoſo Decebalo, Rei dos Dacios. Dous dias inteiros gaſtáraõ os Miniſtros em proferir os ſeus pareceres deciſivos; que tanto tempo neceſſitáraõ as conſciencias para depôr os remorſos, que neceſſariamente havia fazer nellas hum negocio taõ carregado no pezo proprio, como no das ſuas conſequencias. Em fim, preſente o Rei, na fórma das

Leis

Era vulg. Leis Patrias, e Romanas, acordáraõ unanimes os votos: Que o Duque de Bragança D. Fernando, II. do nome morreſſe mórte natural, ſendo degollado na Praça de Evora publicamente, e que perdeſſe todos os ſeus bens, aſſim os patrimoniaes, como os da Coroa, para o Fiſco Real. Naõ pode entaõ El-Rei occultar a ternura, a ſenſibilidade de homem; negar-ſe aos officios da natureza; deixar de arguir a Dignidade Real, que pelas ſuas razões de Eſtado o forçava a fazer á Juſtiça hum ſacrificio involuntario da ſua clemencia: ſacrificio taõ duro, que o obrigava a conſentir ſe abandonaſſe ao juizo dos homens o merecimento de hum Principe ſeu cunhado, e que a ſua cabeça foſſe entregue ás mãos de hum verdugo.

Naõ eſtava a ſentença firmada, quando El-Rei ſe reveſtio deſtas exterioridades apparentes, que quiz fazer criveis em huma como plena effuſaõ do coraçaõ, que perſuadia aos Juizes as dúvidas, que tinha, ſe as próvas dos indicios ſeríaõ cathegoricas; ſe

o

o proceſſo bem formado; ſe o Duque Era vulg.
digno de mórte: que elles deviaõ pe-
zar os ſeus votos mais, e melhor nas
balanças do Santuario; fazer huma at-
tençaõ mais féria no merecimento da
cauſa; reparar attentos, que nella ſe
intereſſava quanto na ſua Real Peſſoa
havia de grande, de reputavel, de
mageſtoſo. Como os Miniſtros eſtavaõ
bem inſtruidos, que eſtas vozes del-
Rei ſe deſconformavaõ muito do fun-
do das ſuas intenções, todos ſe callá-
raõ, tivéraõ o Acordaõ por muito bem
lançado, como provava o ſeu ſilencio;
menos Diogo Pinheiro, que reſpondeo
intrépido: Senhor, he contra a diſpo-
ſiçaõ de Direito, contra a equidade
aſſiſtir a Real Peſſoa de Voſſa Alteza
aos termos deſte negocio; quando V.
Alteza he olhado como parte contra
o Duque. Se eſte deſembaraço de Dio-
go Pinheiro attrahíra tanto a atten-
çaõ Régia, como levou depois o lou-
vor público, a Hiſtoria do Rei D. Joaõ
II. naõ ſe tiſnaria agora com eſta no-
doa, nem talvez que depois com ou-
tra mais feia.

Fi-

Era vulg. Finalmente o Duque, ſem ſe lhe dizer para que, foi conduzido á Praça de Evora, e o mettêraõ nas caſas de Gonçalo Vaz dos baraços, aſſim chamado por ſer elle o unico, que na Cidade vendia cordas. Aqui ſoube o Duque o a que hia, quando vio o ſeu Confeſſor o Padre Paulo, que o eſperava para o confortar no acto de ſe lhe lêr a ſentença, que neſſa meſma manhã do dia 20 de Junho ſe havia executar: Prevençaõ ſaudavel para os homens da plebe; mas deſneceſſario conforto para ſe intimar a mórte a hum Duque de Bragança, rodeado por hum lado de Chriſtandade, pelo outro de heroiſmo. Depois delle ſer conduzido da prizaõ do Paço para caſa de Gonçalo Vaz dos baraços com ſemblante alegre, montado em huma mulla levando Ruy Telles de ancas abraçado com elle, e cercado de gente armada, naõ lhe reſtava que temer em largar a meia vida, que lhe ficára. A chegada do Duque á Praça era o ſignal para ſe entrar a trabalhar no cadafalſo junto ás paredes da Igreja de

San-

Santo Antaõ, e em huma varanda até á janella das caſas de Gonçalo Vaz, por onde havia ſahir o Duque. Intimou-ſe-lhe a ſentença. Elle eſtava preparado para morrer. Tornou a repetir os meſmos actos; diſpôz o que reſpeitava á ſua Auguſta Familia, e ſem já mais ſe lhe perceber declaraçaõ, de que morria culpado, fez na ultima hora ſaber a El-Rei: Era vulg.

Que elle naõ cuidava em juſtificar-ſe na ſua preſença, mas em empregar os inſtantes nos esforços da reſignaçaõ, com que recebia humilde a mórte, bem merecida pelos ſeus grandes peccados, e deſordens da vida paſſada, de que era reponſavel ſó a Deos: Que elle em ſi meſmo eſtava ſentindo os golpes da maõ ſuave, que o tocavaõ; que a adorava occulta, e naõ podia deixar de agradecer a S. Alteza o tempo, que lhe havia dado para receber deſta maõ aberta a liberalidade, que enche de bençãos a todo o animal: que nada o confundia, ſenaõ padecer hum genero de mórte honrada, taõ deſconforme em tudo á ignominioſa,

que

Era vulg.

que padeceo o Redemptor ſendo Deos, e por iſſo na deſigualdade nada o conſolava, ſenaõ a ſobmiſſaõ profunda ás permiſsões divinas, e aos decretos humanos: que como elle morria, a cólera ſe ſoffocaſſe, ſem produzir outros effeitos na ſua familia, que tanto lhe tocava; que muito lhe merecia, para que a chamma naõ ateaſſe mais incendio que aquelle, que hia a eſconder-ſe nas cinzas do ſeu ſepulcro: Que a meſma graça lhe pedia para ſeus irmãos, e que tapaſſe os ouvidos ás ſuggeſtões dos ſeus inimigos, liſongeiros déſtros, que ſobiaõ ás alturas para arrojarem dellas os Gigantes, e ficarem os fulminantes dos opprobrios occupando com ludibrio as eminencias: Que elle morria goſtoſo na certeza, de que ſe Sua Alteza aprofundaſſe as informações reſpectivas ao merecimento daquelles perſeguidores, acharia huma innocencia irreprehenſivel, que lhes inclinaſſe huma juſtiça bem differente, da que com elle ſe praticava: Que elles eraõ taes, que ſe eſqueceriaõ do genero da ſua mor-

te,

te, ſendo irmaõ, quando viſſem, que a fidelidade de vaſſallos era nelles conhecida: Que ſó eſta conſideraçaõ da deſgraça naõ merecida dos ſeus o magoava; que em quanto ao mais, o Duque de Bragança naõ o tranſportava ir morrer em hum cadafalço, porque El-Rei queria, quando elle pelo ſervir, por vontade propria, tantas vezes arriſcára a meſma vida nos combates. Era vulg.

CAPITULO V.

Da morte do Duque de Bragança, D. Fernando II., e ſucceſſos depois della.

DAVAÕ as déz horas da manhã do dia 20 de Junho do anno, que trato, quando o Duque D. Fernando appareceo como réo ſobre o cadafalço na praça de Evora, que eſtava bordada de trópas para impedirem, que alguem intentaſſe livrallo das mãos da Juſtiça, animados pelo clamor da ſua innocencia, pela eſtranheza das vozes, que di-

Era vulg diziaõ hia morrer hum Principe como o Duque de Bragança por esforço do odio poderoso. Assentou-se elle em huma cadeira com espirito taõ sereno, que por haver passado a noite desvelado, dormio hum pouco com todo o socego. Pedio alguma cousa de alimento, e chamando o seu Confessor, reiterou o Sacramento da Penitencia, e disse fizessem delle o que quizessem, que elle da sua parte tinha feito tudo. Appareceo entaõ Francisco da Silva com a vara de Meirinho Mór em lugar do Conde de Marialva, que pedio a El-Rei o dispensasse por aquella vez das obrigações do seu officio na face do réo, que era o seu maior amigo; e o Duque quando vio o novo Meirinho, disse como quem se lastimava: Francisco da Silva está hoje bem galante.

Sem se perceber neste espectaculo decadencia de espiritos, senaõ nos assistentes magoados, chegou ao Duque hum homem alto todo coberto de preto, que dizem ser hum criminoso honrado, e até hoje se soube quem era:

ta-

tapou-lhe os olhos ; deitou-o de cos- Era vulg.
tas , e depois de ouvir neſta poſtura
o pregaõ eſpantoſo da Juſtiça , que
mandava fazer El-Rei em D. Fernan-
do , Duque , que fora de Bragança ,
por ſer trahidor ao ſeu Rei , e inimi-
go da Patria : tirou debaixo da loba
hum cutelo , e lhe cortou a cabeça.
Eſtava ordenado tocaſſe o ſino de San-
to Antaõ , logo que a execuçaõ foſſe
feita. Quando El-Rei o ouvio ſe pôz
de joelhos com os aſſiſtentes , e ba-
nhado em lagrimas de compaixaõ , lhe
encomendou a alma a Deos.

O cadaver eſteve huma hora no ca-
dafalço , tudo em ſilencio , ſem ſe ſa-
ber quem havia dar-lhe ſepultura. Hum
tempo taõ critico , em que os homens
ſe affectavaõ inſenſiveis como as pe-
dras , naõ teve juriſdiçaõ nos eſpiritos
pios , e generoſos do Cabido , e Cléro
da Cidade , que formados em hum cor-
po , com magnanimidade catholica ſo-
biraõ ao cadafalço , e carregando o ca-
daver ſobre os ſeus hombros , com
pompa funebre , mas brilhante , o le-
váraõ a ſepultar na Capella Mór do

Con-

Era vulg. Convento de S. Domingos. Os meſmos politicos, que eſcondiaõ as lagrimas, e diſfarçavaõ a dôr, naõ acabavaõ de louvar o zelo dos Conegos, que antepunhaõ o exercicio da ſua caridade a todos os outros reſpeitos. El-Rei naõ fallou tres dias, e deſcobrio no luto rigoroſo, que ſentia homem a juſtiça, que em ſeu primo, e cunhado o Duque de Bragança acabava de fazer Rei.

Eſte foi o fim tragico do memoravel Duque D. Fernando II., que naõ teve em Portugal mais inimigos, que aquelles que o eraõ do Eſtado; por amigos a todos os ſervidores fieis do ſeu Soberano: em todas as ſuas acçõeſ taõ próbo, que ſe fez amar dos iguaes, reſpeitar dos inferiores, venerar dos bons, temer dos criminoſos. As ſuas qualidades unidas ao naſcimento lhe atrrahiraõ os coraçõeſ. Foſſem ellas, ou a reputaçaõ de grande Capitaõ, de valente ſoldado, adquirida nas expediçõeſ de Africa; foſſem os grandes cargos, que occupava, ou a alliança dos Principes de alto caracter; com quem ſe pren-

prendia : elle naõ violentou o genio para viver conforme ao do Rei, que governava, entendendo que no ſeu reinado baſtava ſer quem era para ſe lhe continuarem os agrados do precedente. Enganou-ſe, e em ſi ſentio, que no primeiro foi exaltado a huma eſtimaçaõ ſumma, no ſegundo abattido a hum ſummo vilipendio. A gravidade o fez parecer ſedicioſo, a circunſpecçaõ lhe deo o nome de trahidor, ſer taõ aparentado, e taõ grande, neto do primeiro Duque D. Affonſo, inimigo do Infante D. Pedro, lhe mereceo odio de graça, que o fez morrer por juſtiça. Era vulg.

Soou pelo mundo o ecco deſte cataſtrofe, e até hoje tem ſido raros os politicos de complacencia, que approvaſſem eſte esforço do poder. Daquella Época vem a nós correndo o ruido imparcial, de que a morte do Duque de Bragança foi hum parto do odio, da vingança, do rancor do Rei de Portugal : que os crimes, que contra elle ſe publicáraõ, todos foraõ ſuppoſtos, e inventados, ſem próvas

Era vulg. conſtantes, nem indicios vehementes: que foraõ ſuſpeitoſas as cópias extrahidas das cartas do Duque, naõ ſe eduzindo dellas mais que humas conſequencias ligeiras, indignas de ſe tomarem para aſſumpto da mórte de hum Principe taõ grande: Que as teſtemunhas, que eu deixo nomeadas, ellas eraõ as benemeritas de paſſarem pelas mãos dos carraſcos pelo ſeu ſoborno, pelos ſeus crimes, pelos ſeus eſcandalos: circunſtancias abominaveis para ſemelhantes peſſoas ſerem confrontadas com hum Duque de Bragança: que no ſeu proceſſo, nem as Leis, nem os coſtumes do Reino ſe obſervváraõ, e por iſſo da accuſaçaõ á execuçaõ foraõ os dias taõ poucos, quando huma cauſa deſta natureza requeria diſcuſſaõ longa: que andando á luz do dia o odio, que El-Rei moſtrava a tudo o que tinha nome de Bragança, como era poſſivel eſconder, que a morte do ſeu Duque fora hum effeito daquelle odio?

Quanto eu acabo de dizer he tirado da bocca de Ruy de Pina, de Reſende, de Damiaõ de Goes, de Diogo

go de Mello Pereira, de Mariana, de Fr. Jeronymo Roman, de Antonio de Lebrija, de Jeronymo de Zurita, e de huma quantidade de Authores ſem ſerem Portuguezes, nem Heſpanhoes. Eu ſó me admiro, que em huma conjuraçaõ tal, que involvia os intereſſes de Portugal, e Caſtella; que a fomentava hum Rei como D. Fernando, e hum Duque como o de Bragança, ſó eſte foſſe o conjurado; naõ houveſſem ſocios; co-réos, intereſſados no meſmo crime; que morreſſe o Duque, e ſe acabaſſe a conjuraçaõ; naõ ſe fallaſſe mais nella, nem houveſſem outras conſequencias além da deſconfiança del Rei com todos, de todos com elle, de paſſar o reſto da vida aborrecido hum Principe taõ amavel, e de chegar ao fim della, naõ ſem ſuſpeitas de ſer a morte fabricada; de tudo o que he conſolaçaõ humana taõ deſamparado, que naõ tinha filhos, nem parentes, laſtimoſamente morto o unico herdeiro da quéda de hum cavallo no meio dos prazeres da ſua voda, que lhe trazia a ſucceſſaõ dos Reinos de Heſpa- Era vulg.

Era vulg. nha: golpes peſados, com que a maõ de Deos quiz purificar os ſeus defeitos para lhe dar o premio das ſuas grandes virtudes, que ſoube exercitar arrependido.

Já D. Manoel, irmaõ do Duque de Viſeo D. Diogo, tinha vindo de Caſtella, aonde eſtivera em refens, e ſendo vivos com prioridade de naſcimento vários herdeiros da Coroa, as diſpoſiçõeſ, que com elle practicava El-Rei, pareciaõ huns preſſagios da ſucceſſaõ, que a Providencia lhe deſtinára. Elle lhe pôz logo caſa de Principe, e nomeou por ayo a Diogo da Silva de Menezes, depois Conde de Portalegre: deo-lhe huma educaçaõ ſublime, criou-o na ſua meſma cama como filho, e deſtinou para ſua Deviſa a Eſféra, como ſe já o metteſſe na poſſe dos deſcobrimentos do Univerſo, de que tinha de ſer author.

Poucos dias depois da morte do Duque, El-Rei partio de Evora para Abrantes, aonde foi notificado da parte do Papa Xiſto IV. para apparecer em Roma em peſſoa, ou na de ſeus pro-

procuradores, a fim de reſponder ás Era vulg.
accuſações, que o Clero, e as Igrejas
do Reino fizeraõ contra elle. Funda-
va-ſe eſta queixa na privaçaõ dos privi-
legios, e iſenções Eccleſiaſticas, que os
Canones concediaõ aos queixoſos. Eſ-
te procedimento inquietou os eſpiritos,
que ignoravaõ houveſſe El-Rei dado cau-
ſa para elle, e ſe entendia effeito de
alguma entrepreza extraordinaria. Co-
mo El-Rei aborrecia ao Cardeal da
Coſta, por entender faltava ao reſpei-
to devido á ſua Soberania, elle foi ti-
do pelo agente deſta naõ ouvida novi-
dade, com que o Papa ſobprendido
queria ſobmetter a peſſoa do Rei á ju-
riſdiçaõ do ſeu Tribunal. Como o Car-
deal Arcebiſpo de Lisboa, temeroſo
de ir ao fundo do Téjo, depois que
vio lançar nelle a pedra, em que já
fallamos, havia buſcado o azylo de
Roma, aonde era taõ eſtimado do Pa-
pa, como em Portugal menos atten-
dido do Rei. Eſte Principe, naõ con-
tente de ſe deſculpar pelo meſmo Nun-
cio, que trouxe o Breve, nomeou por
Embaixadores, que deſabuſaſſem o Ché-

fe

Era vulg. fe da Igreja, ao Coudel Mór Fernaõ da Silveira, e ao Doutor Joaõ de Elvas.

O Cardeal informado do deſtino deſta Embaixada, que ſe dirigia a derrotar-lhe o crédito bem eſtabelecido em Roma, e a eſtimaçaõ, que devia ao Papa, tanto trabalhou pela revogaçaõ do emprazamento, que a conſeguio, e com ella a ſuſpenſaõ da partida dos Miniſtros nomeados. Eſtes, e outros negocios, que occorêraõ em Abrantes, naõ divertíraõ El-Rei da reſoluçaõ de praticar com a eſtatua do Marquez de Monte-Mór, Condeſtavel de Portugal, o meſmo que mandára fazer em Evora á peſſoa do Duque de Bragança ſeu irmaõ. Elle ſe havia retirado a Caſtella, e podendo a retirada fazello eſquecido, para a injúria da memoria foi lembrado. Com todas as ceremonias do coſtume em actos ſemelhantes, quando na realidade ſe executaõ, appareceo em hum cadafalſo a eſtatua do Marquez armado como Condeſtavel. Foraõ-o deſpojando das inſignias, degradando das honras,

e hum verdugo cortou a cabeça poſ- Era vulg.
tiça, que no oco levava hum vaſo pa-
ra moſtrar a invençaõ de ſahir delle
ſangue depois do golpe, e repreſentar
o do Marquez. Se o que deſcarregou
o cutelo o naõ ferio, elle em Caſtel-
la ſentio o da affronta, que ſem der-
ramar o ſangue, perdeo a vida.

Tanta ſeveridade no Principe, a que naõ eſtavaõ coſtumados os Portugue-zes, derramou hum terror univerſal, naõ havendo alguem, que deixaſſe de ſe temer ſuſpeitoſo. Todos os homens deſconfiavaõ, e El-Rei deſconfiava de todos. A confiſcaçaõ dos bens de D. Alvaro contra a palavra, que ſe lhe déra, ainda que elle ficára em Heſ-panha, foi outro aſſumpto da murmu-raçaõ, e ſe aſſentava que o odio contra a Caſa de Bragança naõ ſe ex-tinguia. As viſitas de Provincia em Provincia para obſervar as Praças do Duque, e o animo dos homens, ſe alguns do Povo, que ſe tinhaõ por vexados as eſtimavaõ, as outras gen-tes naõ as ſoffiaõ. Em Aveiro ſe de- 1484
morou mais a Corte para tratar o caſa-

men-

Era vulg. mento da Infante Santa Joanna com D. Diogo, Duque de Viſeo; mas eſta Senhora, que havia deſprezado as tres Coroas mais poderoſas da Europa, impreſſaõ alguma lhe podia fazer o ſer Duqueza.

Conſelheiros abominaveis principiáraõ a diſpôr em Santarém o animo del Rei para fazer, que eſte Principe infeliz, irmaõ da Rainha, foſſe objecto de outra láſtima ſemelhante á do Duque de Bragança, ainda mais eſcandaloſa. A meſma qualidade de ſuggeſtores induzíraõ eſte Principe de taõ alto caracter a aborrecer a El-Rei para ſer elle o inſtrumento, que deſagravaſſe a todos os que ſe imaginavaõ offendidos. Como ſe naõ ajutou o caſamento do Duque com a Infante D. Joanna, teve prática outro com D. Leonor, filha natural del Rei de Caſtella, que naõ duvidava dar-lhe em dote huma groſſa quantia de dinheiro pela bem fundada eſperança, de que algum dia veria eſta filha aſſentada no Throno de Portugal. As idéas deſta alliança, que traziaõ a Duque hum

apoio

apoio taõ conſideravel, qual era o Era vulg.
del Rei D. Fernando, facilitou aos eſpiritos revoltoſos tratar com o Duque ſe fizeſſe cabeça do ſeu partido para vingarem na vida do Rei a mórte do Duque de Bragança, e as mais ſeveridades da ſua condiçaõ auſtéra.

De quanto ſe tratava foraõ complices, e ſabedores, o Biſpo de Evora D. Garcia de Menezes; ſeu irmaõ D. Fernando, que naõ goſtou de ouvir tratar o abominavel parricidio; Fernaõ da Silveira, Eſcrivaõ da Puridade; D. Guterre Coutinho, filho do Marechal; D. Alvaro de Attaide, irmaõ do Conde de Atouguia; ſeu filho D. Pedro de Attaide; D. Lopo de Albuquerque, Conde de Penamacor, e ſeu irmaõ Pedro de Albuquerque, Alçaide Mór do Sabugal. O Duque ambicioſo de reinar, arrebatado do fervor da idade, condeſcendeo ao projecto infame de deſoccupar o Throno do Rei actual, e do direito do Principe ſucceſſor com a vida de ambos: O Throno, que a Providencia lhe tinha deſtinado, ſe elle antes de tempo,

Era vulg. po, e por modo taõ indigno naõ o pretendêra. O ſegredo vil repartido entre tantos, chegou á noticia de Diogo Tinoco, que alimentando a ſua baixeza com os fructos do procedimento de ſua irmã Margarida Tinoca, amiga do Biſpo de Evora, neſtas aguas envoltas peſcou a ſua fortuna, ſoubeſe fazer rico, e fez-ſe célebre, como ſuccede neſtes caſos.

Achava-ſe a Corte em Setuval, quando o Biſpo revelou o ſegredo á amiga, ella ao irmaõ, eſte a Antaõ de Faría para o communicar a El-Rei; mas ſem as circumſtancias individuaes da conjuraçaõ, e conjurados. Succedeo entaõ, que D. Guterre Coutinho, inſtrumento principal do crime execravel, ferido do horror, que os caſos deſta natureza coſtumaõ imprimir nos eſpiritos, já duvidoſo, heſitante, e como arrependido, communicou tudo a ſeu irmaõ D. Vaſco Coutinho. Facilitou-ſe D. Guterre a eſta communicaçaõ por ſaber, que D. Vaſco era hum dos queixoſos del Rei; que por iſſo eſtava reſoluto a ſahir do Reino

pa-

para ſervir a Principe, que lhe pagaſ- Era vulg.
ſe melhor; que como irmaõ adorna-
do de bellas qualidades lhe ſería fiel
em taõ grande deſignio, e que a iſſo
o obrigaria a eſperança de ſer mais
bem recompenſado pelo Duque de
Viſeo deſignado Rei. A politica honra-
da de D. Vaſco, que queria inſtruir-
ſe em tudo, naõ teve mais razaõ pa-
ra duvidar, que fingir naõ baſtarem
elles ambos para levarem ao fim hum
tal projecto, e que era neceſſario at-
trahir amigos.

D. Guterre mais confortado ſe
abrio todo com D. Vaſco. Elle lhe
declarou quem era o Chéfe da con-
juraçaõ, quaes os conjurados, com
todos os modos, e circunſtancias pre-
viſtas para ſahirem della. O illuſtre D.
Vaſco, mais illuſtre por obrar o que
devêra, quando mais offendido ſe
conſiderava do ſeu Rei, por meio de
Antaõ de Faria ſolicitou fallar-lhe, pa-
ra moſtrar ao mundo ſer hum vaſſallo,
que ſabia preferir a conſervaçaõ da
vida do ſeu Principe, e a tranquillida-
de do Eſtado á da vida, e intereſſes

de

Era vulg. de ſeu meſmo irmaõ, da ſua propria fortuna, e reſentimento. Elle peſſoalmente declarou a El-Rei quaes eraõ os ſeus inimigos, que intentavaõ matallo á ponta do ferro barbaro, levarem o Principe D. Affonſo para Cezimbra á diſcriçaõ do Duque de Viſeo, que o faria Rei ſe quizeſſe, ou lhe daria o deſtino, que lhe pareceſſe, e que Sua Alteza para evitar hum caſo taõ fatal ſe preveniſſe.

Como El-Rei depois da mórte do Duque de Bragança tinha augmentado a ſua guarda com huma trópa de ginetes, de que fez Capitaõ a Fernaõ Martins Maſcarenhas, ſem fazer novidade, cuidou em andar acautelado, e ordenou a Fernaõ Martins, que nunca o perdeſſe de viſta. Em tres occaſiões intentáraõ os trahidores ſacrilegos executar na peſſoa Real os ſeus intentos. A primeira deſcendo huma eſcada fingio D. Pedro de Ataide, que tropeçava para dar lugar a D. Guterre, que vinha pouco diſtante del Rei, a meter-lhe a eſpada; ao eſtrondo da quéda voltou o Principe colerico, e pergun-

tou

toũ com enfado, que movimento era o ſeu. Deſculpou-ſe D. Pedro com o caſual tropeço; mas El-Rei lhe tornou com o meſmo imperio: tende conta em vós, vede naõ cahais. Ao meſmo paſſo obſervou, que D. Guterre hia pegando na eſpada; mas o ſemblante feróz do Rei, que por entaõ naõ quiz fulminar mais, de tal ſórte atemoriſou o trahidor, que ſuſpendeo a reſoluçaõ, naõ ſuccedeſſe moſtrar ſem effeito, que o era. Era vulg.

Paſſeando no campo a cavallo percebeo El-Rei movimentos ſemelhantes. Com diſſimulaçaõ encoſtou elle a garupa ás paredes da Igreja da Anunciada, certo em que covardes infames naõ o haviaõ atacar pela vanguarda, para aſſim dar tempo a Fernaõ Martins de chegar com os ginetes. O terceiro encontro havia ſer no mar, quando voltaſſe de Alcacere do Sal para Setuval; mas aviſado por D. Vaſco, fez a jornada por terra, e entrou em Setuval a 22 de Agoſto. A entrada feliz del Rei foi o motivo, que obrigou o Duque de Viſeo a recolher-ſe a Pal-

me-

Era vulg. mela, com o pretexto de ir ver a Duqueza ſua mãi, donde dizem eſcrevêra logo aos conjurados eſtranhando-lhes a pouca reſoluçaõ, que deixára perder tres occaſiões opportunas: que a mórte del Rei naõ permittia dilações, porque ſe chegaſſe a ſaber as ſuas intenções, ſería inexoravel no perdaõ: que em taes lances a temeridade era valor, que enſinava a atropelar a ordem vulgar, com que os ſucceſſos de outra natureza ſe emprehendiaõ; e que para ſe animarem a hum arrojo heroico, baſtava a conſideraçaõ, de que todo o mundo os louvaria por vingadores de hum tyranno, libertadores da Pátria, e promotores do bem público.

El-Rei, que ſe occupava dos meſmos ſentimentos; que ſoubera tinha marchado D. Alvaro de Ataide a Santarem para ſe encarregar da peſſoa da Princeza D. Joanna, logo que foſſe informado do parricidio, para com eſta prenda ſe empenhar o Rei de Caſtella, que entretido na guerra glorioſa de Granada, em nada menos ſe occupa-

va,

va, que nas revoltas de Portugal; lo- Era vulg.
go no dia seguinte ao da sua chegada, que era o de 23 de Agosto, mandou chamar o Duque a Palmela, que veio afflicto, como que presagiando o catastrofe, que o esperava. O Duque, ainda que consternado, era muito político para deixar de obedecer a esta ordem, e naõ obstante trazer gravada em si a face do crime, entrou na antecamara del Rei com o rosto taõ sereno, como se elle fosse o mais innocente, o mais fiel, o mais officioso dos seus vassallos. Á porta do Gabinete tinha El-Rei prevenidos a D. Pedro de Eça, Alcaide Mór de Moura, a Diogo da Azambuja, e a Diogo Mendes do Rio para testemunhas da audiencia, que tinha de dar ao Duque.

Naõ gastou El-Rei com elle muitos cumprimentos. Como ficáraõ sós, e a porta estava fechada, o Soberano sem mais lembranças, que as que costuma ter qualquer homem, que deixa correr a cólera sem freio, lhe perguntou: primo, vós que farieis a quem soubesses, que intentava tirar-vos a vida?

Era vulg. da? Diſcorreſſe, ou naõ o Duque no intervallo breve, que a ſua dependia de repoſta prompta, que o fizeſſe entender innocente, elle diſſe com firmeza ſem demora: Senhor, eu lhe tirára a ſua primeiro, ſe podeſſe. Vós meſmo vos haveis julgado, replicou El-Rei, e tirando de hum punhal, pela propria maõ matou ao Duque ſeu primo irmaõ, e cunhado. Cauſa juſta deo elle a El-Rei para a ſua indignaçaõ; mas o Rei, que o tinha ſeguro no ſeu quarto para prendello, e proceſſallo conforme a juſtiça, todos os ſeculos naõ tem podido até agora apagar a nodoa delle obrar Rei indignado, ſer Juiz, e Executor na cauſa propria. E ſe houver de ſobir mais alta a conſideraçaõ, hum Principe moço, póde ſer que mal preparado para morrer, ſem ſe lhe dar tempo de expiaçaõ, de reconciliaçaõ com Deos, matallo ſem preparo, na duvida de ſe perder; que direito ſem impiedade o permittio já mais aos Juizes Catholicos?

O cadaver eſteve occulto em quanto

to ſe fechavaõ as portas da Villa, ſe poſtavaõ guardas dobradas, ſahiaõ batedores ao campo, ſe publicavaõ pregões horroroſos, que declaravaõ a conjuraçaõ, com penas ſevéras aos que eſcondeſſem, ou deſſem paſſagem aos conjurados. Na madrugada foi o corpo levado em humas andas cobertas de negro á Igreja, aonde eſteve até a tarde expoſto á viſta do povo. A todo o inſtante creſcia a deſordem; os moradores da Villa, e do campo pegáraõ nas armas ſem advertirem o para que; mas individuados os motivos do ſucceſſo, a fidelidade Portugueza clamava por juſtiça contra os co-réos do crime do Duque morto. El-Rei mandou logo fazer hum acto pelo Juiz Nuno Gonçalves, e por Gil Fernandes, Eſcrivaõ da ſua Camara, em que elle fez a acçaõ digna de hum Principe juſto, e ſevéro, ſobmettendo-ſe á formalidade da Lei, ſugeitando-ſe a ſer o primeiro que foſſe perguntado a reſpeito dos factos, e artigos allegados, e depois delle D. Vaſco Coutinho, e Diogo Tinoco, que juſtificáraõ a morte do Duque.

Era vulg.

Era vulg. Immediatamente mandou El-Rei trazer á ſua preſença a D. Manoel, que eſtava enfermo, e veio occupado do temor, que o ſemblante do dia funeſto introduzíra nos mais robuſtos. Depois de lhe moſtrar muito agrado, El-Rei lhe diſſe: Que elle matára ao Duque ſeu irmaõ, porque eſte atentára ingrato contra a ſua vida: que ficando vagos para a Coroa todos os ſeus bens, deſde já lhe fazia delles mercê, e doaçaõ perpetua, como a filho, que muito amava: que ſe ſuccedeſſe morrer o Principe ſem ſucceſſaõ, o nomeava por herdeiro deſtes Reinos; e que nas deſgraças, que lhe ſuccediaõ, elle attribuia a caſtigo dos peccados proprios o que eraõ culpas alheias. Ditas eſtas, que o tempo moſtrou parecerem profecias, D. Manoel, e o ſeu ayo Diogo da Silva, que eſtava preſente, beijáraõ a maõ a El-Rei com lagrimas mutuas, que naſcidas de taes origens, faõ expreſsões bem improprias dos affectos no ſemblante da Mageſtade. Ao meſmo Principe mudou El-Rei o Titulo, que havia ter de Duque de Viſeo no

de

de Duque de Beja, ſenhor de Viſeo, Era vulg. ajuſtando com elle a troca das Villas de Serpa, e Moura, que queria para ſi, e lhe deo em ſua vida a propriedade da Ilha da Madeira.

Depois de tomadas eſtas precauções, mandou El-Rei ao Doutor Nuno Gonçalves do ſeu Dezembargo, e ao Eſcrivaõ da ſua Camara, Gil Fernandes foſſem a Palmela notificar á Infante D. Brites a mórte de ſeu filho; lhe fizeſſem ſaber a cauſa della; os juſtos motivos que tivera para naõ uſar com elle formalidades; a reſpoſta, que na ſua meſma maõ dera hum punhal, como executor da ſentença, que contra ſi proferira o Duque, e as mercês que acabava de fazer a ſeu filho D. Manoel. Recomendou-lhes, que da ſua parte a confortaſſem muito, lhe lembraſſem o merecimento da paciencia: expreſsões inſinuantes, a que a Infante reſpondeo com os olhos, para naõ deſconformar a lingoa das configurações do tempo. Para ſe evitar algum tumulto nas terras do Duque, ſem perda de tempo foi gente por ordem del

Era vulg. Rei encarregar-ſe dellas, e todas ſe entregáraõ, excepto o Sabugal, aonde eſtava a mulher de Pedro de Albuquerque, que a rendeo a D. Pedro de Noronha depois de ſaber da prizaõ de ſeu marido.

CAPITULO VI.

Como o mundo teve a mórte do Duque por hum acto de crueldade do Rei, e dos mais caſtigos, que ſe deraõ aos outros conjurados.

OS ſucceſſos eſtranhos pelas ſuas qualidades, e circunſtancias ſempre ſe fizeraõ reparaveis ás Naçõ̃es civiliſadas, que ſe governaõ pelas Leis, e Equidade. Ainda os éccos da injuſta mórte do Duque de Bragança retombavaõ nos ambitos do univerſo, quando ſoou com pequeno intervallo de tempo o novo eſtrondo da do Duque de Viſeo ás meſmas mãos do Rei, ſeu primo irmaõ, e cunhado, e a dos Fidalgos mais principaes do Reino, ſem terem contra ſi mais próva, que a de duas teſ-

teſtemunhas, que eraõ D. Vaſco Cou- Era vulg.
tinho, cavalheiro antes pouco affor-
tunado, e Diogo Tinoco, homem taõ
vil, que conſentia na proſtituiçaõ in-
fame de ſua irmã com o Biſpo de Evo-
ra. Ainda que El-Rei, depois de lhe
paſſar a cólera, que he eclypſe eſ-
curo do Throno, havia tomado todo
o genero de precauções para ſalvar a
ſua reputaçaõ na Tragedia, que re-
preſentava verdugo hum Soberano:
ainda que elle tinha feito eſgotar todas
as forças da eloquencia adulatoria para
juſtificar o ſeu procedimento: ainda
que a perfidia ſe havia pintado com to-
das as côres de horroroſa, para naõ pa-
recerem á ſua viſta deformes nos caſ-
tigos as nodoas da atrocidade; as lin-
goas ſe ſoltáraõ, e foraõ na Europa
raros os ſentimentos, que naõ notaſ-
ſem a D. Joaõ de Tyranno; poucos no
Reino, que naõ lhe imprimiſſem a mar-
ca de Rei aborrecivel.

Para fallarem livres os eſpiritos
dos independentes, que naõ eraõ vaſ-
fallos, elles naõ ſe embaraçavaõ em
romper os véos da politica, que que-

riaõ

Era vulg. riaõ cobrir de juſtiça a acçaõ do Rei com os fundamentos, de que a hum Soberano tudo he permittido, quando ſe trata da ſegurança da peſſoa, e da tranquillidade do Eſtado. Que ſe o de Portugal mandaſſe inſtruir em fórma o proceſſo do Duque, e fazello executar em público, ſe expunha ás conſequencias de huma revolta, que naõ deixariaõ de mover os partidarios de hum Principe taõ grande. Impreſſaõ alguma fez nos meſmos eſpiritos a declaraçaõ Real, que ſe eſtabelecia em muita parte no poder, que o ſeu caracter de Rei lhe dava ſobre as peſſoas, e as vidas dos ſeus vaſſallos. Naõ ſe calláraõ por ouvirem dizer, que nos caſos de trahiçaõ, quando ſe intentava tirar a vida ao Principe, e eſte intento ſe provava; des de logo lhe era permittido apartar-ſe das regras ordinarias da juſtiça para acautelar o damno de contingencias naõ previſtas. Naõ emudecêraõ por ſe lhes perſuadir, que o Rei D. Joaõ nada obrára reprehenſivel; nada ſem conſelho; e que na ſituaçaõ dos negocios de Portugal, el-

elle ſe conduzíra como devêra para evitar na exccuçaõ os perigos grandes, a que ſe expunha, que lhe ſeriaõ inevitaveis. Era vulg.

Diſcurſo algum deſtes, e outros muitos ſemelhantes impedio áquelles eſpiritos levantarem altas as vozes, e clamar na face da terra: Que o Rei de Portugal ſacrificára indignamente á ſua crueldade hum Principe alto, o mais conjuncto ao ſeu ſangue, ſem o deixar morrer como Chriſtaõ; e tendo-o fechado em hum quarto do ſeu meſmo Palacio ao menos dar-lhe tempo para ſe confeſſar; acçaõ, que ſó era propria em hum barbaro: que tudo quanto elle havia feito, e de ordem ſua ſe tinha obrado, ſe oppunha formalmente ás determinações de Direito, e regras ordinarias da Juſtiça, naõ precedendo ao caſtigo do culpado a citaçaõ, e accuſaçaõ peſſoal, naõ ſe lhe dando tempo para juſtificar o crime, ou moſtrallo nelle convencido, nem ſe lhe concedendo para iſſo os dias neceſſarios: que em caſo tal naõ baſtavaõ os ditos de duas teſtemunhas

pa-

Era vulg. para por elles ſe condemnar á morte hum Principe, muito mais attendendo ao caracter de ambas; D. Vaſco, ſendo hum cavalleiro deſvalído, que quería deixar o Reino, porque o Rei lhe naõ deſpachava os ſerviços paſſados, e que ſe fazia ſuſpeitoſo, de que pelo preſente iria a ſegurar o deſpacho; Diogo Tinoco por naõ ſer figura capaz de ſe confrontar com hum Duque filho do Infante, e irmaõ da Rainha de Portugal, quando elle conſentia, que ſua irmã ſe emparelhaſſe com as proſtitutas públicas: que o deſpoimento do Rei naõ devia receber-ſe, como producçaõ, que era de quem ſe fez teſtemunha, ſe moſtrou Parte, ſentenciou Juiz, e foi Executor.

Redobrou-ſe o clamor com os raios, que o Papa fulminou ſobre o Rei. Elle ſe queixava de que eſte Príncipe, naõ contente com profanar o Paço, que ſalpicára com o ſeu meſmo Sangue Real, lançára maõ ao thuribulo para violar o Templo no concurſo, que déra para a mórte de hum Miniſtro da Igreja, que tinha impreſſo o ca-

caracter do Epiſcopado. Mas quando o mundo aſſim notava os caſos inſolitos ſuccedidos em Portugal, o ſeu Rei em nada cuidava tanto, como no caſtigo dós criminoſos. O Biſpo de Evora, que eſtava no quarto da Rainha, foi tirado delle pelo Capitaõ dos Ginetes Fernaõ Martins Maſcarenhas, e levado para o fundo de huma ciſterna de Palmela, aonde Garcia de Reſende, hum Official da Caſa do meſmo Rei, todo abandonado aos ſeus ſentimentos, naõ duvidou confeſſar, que morrêra no fim de tres dias, e ſe dizia, que de veneno. Era vulg.

EI-Rei aſſiſtio na Relaçaõ, a que foraõ chamados D. Fernando Menezes, e D. Guterre Coutinho. O primeiro, que ſe entendia innocente, e era esforçado, recitou ao Rei hum diſcurſo vivo, e patetico; mas taõ denodado, e pouco reſpeitoſo, que o foi pagar com a cabeça em hum cadafalſo na Praça de Setuval. D. Guterre quiz fallar com ſobmiſſaõ; mas o Rei o mandou tirar da ſua preſença ſem o ouvir, por ter promettido

Era vulg. a ſeu irmaõ D. Vaſco de lhe comutar a pena de mórte em priſaõ perpetua, que ſe lhe deo no Caſtello de Avís, aonde a palavra, que lhe poupou a vida a ferro, pouco depois lha mandou tirar com veneno. Fernaõ da Silveira deveo ao cego amor de hum criado, que o ſervíra, tello muito tempo occulto em ſua caſa, ſem temer, nem ſe cativar das grandes promeſſas, e eſpantoſas ameaças, que ſe mandáraõ publicar contra, e a favor de quem o entregaſſe, e encobriſſe. Naõ valeo a Fernaõ da Silveira o refugio de França, aonde El-Rei o mandou matar pelo Conde de Palhaes, Cavalleiro Catalaõ, que o Rei de França mandou ſentenciar á mórte, ſem que as inſtancias do de Portugal conſeguiſſem mais da equidade daquelle Soberano, que mudar a primeira pena na de rigoroſa prizaõ perpetua.

D. Alvaro de Attaide, que ſegundo ſe dizia tinha ido a Santarem por ordem dos conjurados para ſe encarregar da peſſoa da Princeza D. Joanna,

com

com a noticia do que ſe paſſava, ſou- Era vulg.
be valer-ſe melhor que todos dos grandes talentos, de que era dotado, e naõ obſtante ſe qualificar innocente a beneficio do tempo, eludio todas as diligencias, paſſando para Caſtella, aonde pedio á protecçaõ dos Reis Catholicos, que deſaprovavaõ eſtes cataſtrofes de Portugal. Elles o tiveraõ na ſua Monarquia com tanta ſegurança, que naõ houve para a ſua peſſoa hum Conde de Palhaes; mas hum Rei D. Manoel, que o chamou ao Reino, o declarou ſem culpa, reſtituindo-lhe a honra, e a fazenda. Pedro de Albuquerque foi prezo em Lisboa, e levado á Caſa da Suplicaçaõ, aonde fez a El-Rei huma falla eloquente, e reſpeitoſa, em que implorava a ſua clemencia, e lhe repreſentava os ſeus muitos ſerviços nos encontros mais perigoſos da guerra; mas todas as diligencias foraõ inuteis, e lhe cortáraõ a cabeça. A ſua mulher D. Catharina da Coſta, irmã do Cardeal deſte apellido, fez El-Rei merce dos bens, que ſe lhe confiſcáraõ, em attenção a lhe

en-

Era vulg. eintregar a Praça do Sabugal, que fora de ſeu marido.

O Conde de Penamacor foi o unico, que recolhendo-ſe neſta Villa do ſeu Titulo, reſiſtio ás ordens do Rei. Elle ſe pôz em eſtado de defenſa, quando eſte Principe marchava ao Sabugal contra ſua cunhada. Como El-Rei voltou do caminho para Santarem com a noticia; de que D. Catharina da Coſta tinha entregue a Villa a D. Pedro de Noronha; o Conde com Salvo-conduto Real lhe veio fallar no lugar das Cortiçadas. Naõ conſeguindo nada del Rei neſta conferencia, tomou o expediente de ſe retirar com ſua mulher, e filhos para Caſtella, aonde naõ ceſſou de ſer hum clarim ſurdo, das que elle chamava atrocidades no ſeu Principe. Por eſte modo ſe diſſipou a temída conjuraçaõ, que affligindo a muitos, a parte della mais ſenſivel cahio peſada ſobre a reputaçaõ del Rei, que quando a gratidaõ o queria louvar de benefico, o temor lhe imprimia nos actos da vingança o caracter de indomavel.

Em

Em Caſtello-Branco, quando El-Rei voltava do Sabugal, deo audiencia ao Biſpo de Cordova, e a Gaſpar de Fabra, Embaixadores de Caſtella, que da parte dos Reis Catholicos vinhaõ pedir a reſtituiçaõ dos filhos do Duque de Bragança ao Reino. Elle lhes reſpondeo deciſivamente diſſeſſem aos Reis ſeus Amos, que havendo de ſer Rainha de Portugal huma de ſuas filhas ajuſtada a caſar com o Principe D. Affonſo, que a ambos havia ſer prejudicial a reſtituiçaõ, que ſe lhe requeria. Vindo logo a Monte-Mór, premiou a fidelidade de D. Vaſco Coutinho com o ſenhorio, e Titulo de Conde de Bórba, que os ſeus deſcendentes trocáraõ depois com a Caſa de Bragança pela Villa do Redondo. O zelo de Diogo Tinoco foi remunerado com groſſas quantias de dinheiro, e o provimento de muitos beneficios, que lhe duráraõ pouco pela mórte naõ penſada, que foi para os contemplativos outro myſterio novo. Era vulg.

Os Embaixadores de Caſtella, que logo depois da reſpoſta del Rei ſe re-

ti-

Era vulg. tiráraõ, elles a communicáraõ aos ſeus Soberanos. D. Fernando, naõ ſe moſtrou ſó ſentido, mas ſe deixou vêr eſtimulado. Com tudo, ou foſſe por naõ ſe querer embaraçar em novas guerras com prejuiſo da conquiſta de Granada, ou por naõ romper o ajuſte do caſamento de ſua filha com o Principe de Portugal; tomou o expediente de naõ fallar mais palavra neſtes negocios, em quanto viveſſe o Rei D. Joaõ. De nada importáraõ os eſforços deſte Principe para arruinar na Caſa de Bragança o alto objecto do ſeu odio. O Ceo a preſervou no meio das maiores adverſidades para dar o ſeu ſangue a todos os Reis, eſmalte a todas as Coroas, á Coroa, e Reis a Portugal. Naõ tardará hum D. Manoel benigno, que chame á Pátria os deſterrados, lhes reſtitua honra, e fazenda, e declare a hum delles, que era o Duque D. Jayme, filho do meſmo infeliz D. Fernando II. por ſeu Succeſſor á Coroa, no caſo delle morrêr ſem geraçaõ, como veio a ſucceder aos deſcendentes do Duque hum ſeculo depois.

Bem

Bem póde ſer, que com o fim de Era vulg.
deſtruir no conceito das gentes as idéas
do odio concebido ao nome de Bra-
gança, ou ás peſſoas, que eraõ da ſua
Caſa, El-Rei entaõ nomeaſſe Biſpo de
Evora ao unico parente della, que ha-
via no Reino, D. Affonſo de Portu-
gal, filho natural do Marquez de Va-
lença, que fora primogenito do Du-
que D. Fernando I. Todos ſe enganá-
raõ com eſta nomeaçaõ, entendendo
vinha chegando o tempo do Rei de-
pôr as ſuas ſuſpeitas para reconhecer
o merecimento, e a fidelidade dos Se-
nhores de Bragança. Eſte Prelado il-
luſtre he o tronco da grande caſa dos
Condes do Vimioſo, Marquezes de
Valença, como pai de D. Franciſco
de Portugal, que foi o primeiro Con-
de, Senhor de Aguiar, e Camareiro
Mór do Principe. O Biſpo do Funchal,
Primáz das Indias D. Martinho de Por-
tugal, tambem foi filho do Biſpo de
Evora, e Varaõ memoravel entre os
do ſeu tempo.

Seria providencia de Deos ordina-
ria a peſte, que ſe ſeguio ás revoltas

re-

Era vulg. referidas, e o povo credulo attribuia a flagello da indignaçaõ Divina. O certo he, que elle naõ ſe ſuſpendeo ſenaõ á efficacia de preces fervoroſas, e penitencias públicas, eſpecialmente na Provincia do Alem-Téjo, aonde o contagio era taõ mortal, que ſe temeo a deſpovoaçaõ dos lugares, que elle atacou. Ainda que magnanimo o eſpirito del Rei, eſte aggregado de infelicidades naõ lhe permittiaõ executar as ſuas vaſtas idéas, que ſentia prezas em huma cadeia de infortunios. Acalmou a tormenta, em que ſe deixou vêr Palinuro deſtro, e entrou logo a moſtrar-ſe politico eminente. A delicadeza deſte caracter, quando o Rei de Inglaterra perguntou ao Senhor Deſcalas, que vira de raro em Portugal, lhe deo aſſumpto para reſponder: Que a couſa mais ſingular, que vira naquelle Reino, era hum homem, que mandava a todos, e que ninguem o mandava a elle.

Tal era a fina politica del Rei D. Joaõ II., que entaõ fez florecer a Agricultura, e as Artes, as Fabricas, e o Com-

Commercio ; mandando vir Profeſſo- Era vulg.
res de humas dos paizes eſtranhos, e
os experimentados no outro á Perſia,
á Arabia, ao Egypto, que foraõ as
primeiras fontes, donde depois manáraõ
para o Reino innundaçõ̃es de generos,
e riquezas. Eſtando em Béja, refor-
mou o Eſcudo das Armas Reaes, ti-
rando-lhe a Cruz verde de Avís, e
pondo-o na fórma, em que hoje o ve-
mos. Acreſcentou aos ſeus Titulos o
de Senhor de Guiné: mandou lavrar as
ſuas primeiras moedas de ouro, hu-
mas, que fez chamar Juſtos, outras
Eſpadins, alludindo o nome da primei-
ra á ſua Imagem aſſentada, como in-
culcando ſegurança, e por orla as pa-
lavras de David: *Juſtus ut palma flo-
rebit*, e o da ſegunda a huma eſpada
nûa com a ponta para o alto em ac-
çaõ de naõ temer, como o perſuadia
a letra do meſmo Rei Profeta na ſua
circunferencia : *Dominus protector vi-
tæ meæ, a quo trepidabo.*

As moedas chamadas vintens, e
meios vintens, os reaes, e reaes e
meio tambem foraõ fabrica inventada

Era vulg. por eſte Rei; mas como os Succeſſores eſtudaõ muito em naõ ſer eſcravos das vontades dos ſeus Predeceſſores, eſtes, e outros muitos uſos do tempo del Rei D. Joaõ eſpiráraõ com a ſua vida. As novas moedas, e Leis novas reſpectivas ás cobrança dos Direitos, ſe enriquecêraõ mais ao Rei, diminuíraõ muito as utilidades dos vaſſallos no commercio com os Eſtrangeiros. Dizia-ſe, que era neceſſario remediar, e com iſto ſe conſeguio o remedio dos abuſos dos Recebedores, e Miniſtros, taõ indulgentes, e trataveis, que ſe affirmava ſerem elles a cauſa com o ſeu facil acceſſo de naõ haver em todas as margens do Oceano pórtos mais frequentados de náos, que as do rio de Lisboa.

Em Setuval, para onde a Corte ſe mudára de Béja, recebeo El-Rei a noticia da mórte do Papa Xiſto IV:, e eleiçaõ de Innocencio VIII. Para lhe render obediencia mandou por Embaixadores a Roma o Mordomo Mór D. Pedro de Noronha, o Doutor Vaſco Fernandes de Lucena, e por Secretario

rio da Embaixada a Ruy de Pina, que Era vulg.
ao meſmo tempo hiaõ encarregados de
ſolicitar a publicaçaõ da Cruzada para
a continuaçaõ da guerra de Africa, e
outros muitos indultos para a econo-
mia eſpiritual do Reino. Como nós
haviamos feito hum grande ſerviço á
Républica de Veneza, amparando as
equipagens de quatro galés ſuas, que
os Francezes lhe tomáraõ no Cabo de
S. Vicente, e tratando-as com todas
as delicadezas da hoſpitalidade. Os 1485
noſſos Embaixadores, como particula-
res, foraõ vêr aquella Cidade; mas
ſabendo a Républica qual era o ſeu ca-
racter, os diſtinguio com as maiores
honras, fez em ſeu obſequio feſtas ma-
gnificas, e os obſequiou com ricos
preſentes. Pelo meſmo tempo a repu-
taçaõ del Rei eſtimulou a Carlos VIII.
Rei de França, para formar com elle
hum Tratado de amizade, em que
mutuamente conſentiaõ, que os ſeus
vaſſallos reſpectivos podeſſem livremen-
te entrar, ſahir, eſtabelecer-ſe, e
commerciar nos pórtos dos ſeus Do-
minios.

Era vulg. He memoravel eſte anno pela vinda a Lisboa do Genovez Chriſtovaõ Colomb, homem taõ conhecido pelo ſeu eſtudo na Coſmografia, como pela ſublimidade do ſeu eſpirito, ainda que no naſcimento humilde. Illuſtrado pelos ſeus talentos, e pelas noticias, que pode adquirir de hum Piloto Portuguez, entrou por Lisboa repreſentando as idéas de hum Novo Mundo deſpegado das tres partes conhecidas do Globo da Terra; offerecendo-ſe para ſeu deſcobridor. Naõ deſpreſou El-Rei a noticia, antes ordenou aos Meſtres Joſé, e Rodrigo, ſeus Coſmografos, conferiſſem com Colomb, e obſervaſſem os fundamentos do ſeu naõ penſado arbitrio. Depois de ouvirem a que elles entendêraõ pouca exactidaõ dos ſeus diſcurſos, aſſentáraõ que as idéas de Colomb eraõ quimericas, e as inſinuáraõ a El-Rei por impracticaveis. O meſmo ſentio no Conſelho de Eſtado, que El-Rei convocou ſobre eſta materia, o Biſpo de Tangere D. Diogo Ortiz, que ſe declarou abertamente contra todas as propoſiçõeſ do arbitriſta.

D.

D. Pedro de Menezes, Conde de Villa Real, contrariou o voto deſte Prelado. Elle perſuadio o eſtado do Reino, como nunca florecente para avançar a gloria em novas conquiſtas: que ſe as idéas de Colomb eraõ inadmiſſiveis, que os projectos do grande Infante D. Henrique ſe deviaõ ſeguir: que os Eſtados mais poderoſos decahiaõ faltando-lhes a navegaçaõ, e o commercio: que bem ſe via a exaltaçaõ de Portugal pelos intereſſes immenſos, que produzia o trato de S. Jorge da Mina: que Portugal ſe conſervava em paz profunda, e naõ devia eſtar ocioſo, perdendo em Africa, e pelo mundo as vantagens de exaltar a Fé, de promover a gloria do Rei, o credito da Naçaõ, os intereſſes do commercio, a reputaçaõ das armas. Eſte diſcurſo, em que D. Pedro preferia a todos os outros intentos a navegaçaõ de Guiné, e a continuaçaõ da guerra de Africa, deſconcertava as medidas de Colomb: elle tomou o partido de retirar-ſe, e em quanto ſe offerecia em Caſtella aos Reis Catholicos pa- Era vulg.

Era vulg. para metter hum Mundo debaixo do ſeu Imperio, mandou por ſeu irmaõ Bartholomeo Colomb fazer a meſma offerta a Henrique VII. Rei de Inglaterra.

1486 A noticia da Cruzada concedida pelo Papa para a continuaçaõ da guerra de Africa, o eſtrondo das armas, que neſte anno ſe preparavaõ em Portugal para ella, chegou a Azamor, Cidade da Mauritania Tingitana na Provincia de Ducala. Os ſeus moradores receando, que ſobre elles deſcarregaſſe o golpe, prevenîraõ os deſignios del Rei por meio de Emiſſarios, que lhe vieraõ render obediencia, trazerlhe as chaves da Praça, e reconhecello por Senhor com o tributo annual de dez mil Saveins. Naõ era occaſiaõ deſte ſuſto dos Barbaros ſó o armamento de Portugal; mas os progreſſos felices dos Reis Catholicos, que tinhaõ quaſi ſobmettido o Reino de Granada. Por eſtes tempos ſitiavaõ elles a importante Cidade de Malaga, que eſtando nos termos de ſe render, faltou a polvora no campo Catholico. Os Reis neſta conſternaçaõ enviáraõ com toda a di-

li-

ligencia a Santarem pedir a D. Joaõ, Era vulg. que ſem demora os ſoccorreſſe com eſte genero. Elle lho mandou gratuitamente em tanta quantidade, acompanhado da offerta de todas as ſuas forças, que renovados com vigor os ataques, os Mouros em poucos dias rendêraõ a Praça.

CAPITULO VII.

Trata-ſe das navegaçõẽs mandadas fazer pela Coſta de Africa, e outros ſucceſſos pelos annos ſeguintes.

QUANDO os Reis Catholicos de Heſpanha Fernando, e Iſabel ſe aproveitavaõ das offertas de Chriſtovaõ Colomb, que nós deſpreſamos ſem conſideraçaõ, e que os fizeraõ ſenhores das Indias Occidentaes: El-Rei D. Joaõ, deſejoſo de alcançar noticia das Grandes Indias do Oriente, em que já ſe fallava ſem ſe ter por impia a queſtaõ dos Antipodas, mandou por terra a Pedro da Covilhan, e a Affonſo de Payva, homens intelligentes, e robuſtos,

Era vulg. tos, para penetrarem todos os terrenos incognitos até aviſtarem as margens do Indo, e Ganges. Chegáraõ ambos os Aventureiros á Ilha de Rhodes, Alexandria, e Cayro, aonde ſe apartáraõ, o Payva para a Ethiopia, o Covilhan para a India. Teve eſte a fortuna de ſer o primeiro Europeo, que piſou as terras da Aſia; e voltando ao Cayro, porque achou morto o companheiro, continuou a perigrinaçaõ. Depois de examinar grande parte dos Reinos Orientaes; elle vio o do Preſte Joaõ, aonde o tratáraõ depois muitos Portuguezes, que nelle o víraõ eſtabelecido com temor de emprehender a perigoſa retirada.

Ao meſmo tempo, que El-Rei deſpedio ao Payva, e Covilhan, fez eſquipar duas frótas, huma para Guiné, outra para a India. A primeira foi entregue ao Commandamento de Diogo Caõ, a ſegunda a Joaõ Affonſo de Aveiro, homens de eſpirito capaz para deſempenharem as idéas do ſeu Principe. Se eſtes, e outros Capitães nos abríraõ os primeiros paſſos para a na-

ve-

vegaçaõ da India, como veremos, os muitos que deo por terra Pedro da Covilhan, nos trouxéraõ os veſtigios para ſabermos pôr os pés com mais firmeza. Elle havia paſſado do mar Vermelho a Adem, a Calicut, a Goa, a Çofala, e quando ſoube no Cayro por dous Judeos, que El-Rei manda-va a Ormuz, a mórte de Affonſo de Payva, pelos meſmos Judeos eſcreveo elle a El-Rei, dando-lhe parte, como havia reconhecido a India, navegado da Coſta de Ethiopia a Çofala; que todo eſte Continente corria até ao Pro-montorio das Tormentas em Africa; que paſſado elle, os ſeus navios en-contrariaõ hum rico Commercio em Quiloa, em Melinde, e lhe ficaria fa-cil o trajeto para todas as Cóſtas da Aſia. Era vulg.

Deſte modo ſe hiaõ diſpondo os ſucceſſos humanos para o cumprimen-to das promeſſas Divinas feitas ao Rei D. Affonſo Henriques no Campo de Ourique, aonde a Providencia decla-rou a eſcolha, que tinha feito dos Portuguezes para levarem o Nome do

Re-

Era vulg. Redemptor ás Nações eſtranhas. Ella conduzia pelos mares a Diogo Caõ, e a Joaõ Affonſo de Aveiro. Eſte deſcobrio o Reino de Beninos mares de Guiné, donde veio a Portugal a primeira pimenta, que teve logo grande eſtimaçaõ na Europa. O ſeu Principe quiz abraçar a noſſa Religiaõ, cultivar o noſſo Commercio, e com eſtes deſignios mandou a Portugal por Embaixador a hum dos ſeus Capitães, que foi tratado, e remettido a ſeu Amo com honras diſtinctas, e preſentes eſtimaveis. A condiçaõ dos de Beni, á ſua pouca fé, nos embaraçou para entaõ avançarmos os projectos, e neſta viagem falleceo o Commandante Joaõ Affonſo.

Com progreſſos mais felices deſcobrio Diogo Caõ o Reino de Congo ſituado na Ethiopia Occidental, confinante ao Nórte com Loango, e Anſiga, ao Meio Dia com Angola, e Malemba, ao Poente com o mar Ethiopico, e ao Levante com o Reino de Cacongo, e humas altas ſerras em que ha abundancia de prata, cryſtal, e ſa-

li-

litre. Na foz do conſideravel rio Zai- Era vulg.
re lançou ferro Diogo Caõ, e encon-
trou os Ethiopios taõ humanos, que
viéraõ a bordo das ſuas náos com de-
monſtraçõeſ da maior complacencia.
Os geſtos civís, mas acompanhados
da lingua incognita, nos facilitáraõ
mandar quatro Officiaes para ficarem,
como em penhor, ao Rei de Congo
por outros quatro dos ſeus vaſſallos,
que o Commandante trouxe a Portu-
gal. Inſtruidos em Lisboa na lingua
Portugueza, ſoubemos delles, que o
ſeu Rei era Caramança; que o ſeu
Reino ſe chamava Congo; que elles
deſejavaõ communicaçaõ com os Por-
tugueZes para lhe polirem a barbari-
dade: ſentimentos, que cauſáraõ a
El-Rei hum prazer extremo pela eſ-
perança de trazer ao gremio da Igre-
ja tantas gentes deſgarradas, e remo-
tas.

O meſmo Diogo Caõ foi em ſe-
gunda viagem reconduzir os quatro
Africanos ao Reino de Congo, e reſ-
tituir-ſe os ſeus Officiaes, avançando
os progreſſos, que logo veremos. En-

tre-

Era vulg. tretanto recebia El-Rei Embaixadores dos Reis de Tombut, e Mandinga, Eſtados ſituados na Negricia, que vinhaõ ajuſtar com elle alliança: prohibia o uſo das ſedas, e dos brocados para evitar o luxo, que ſempre foi hum dos inimigos capitaes das Monarquias: ordenava, que o uſo antigo de ſe examinarem na Chancellaria os Reſcriptos, Breves, e Letras Apoſtolicas vindas de Roma, foſſe abolido; porque teve aquelle procedimento nos negocios, que naõ prejudicavaõ ás regalias do Eſtado, por deſobediencia, e rotura da authoridade eſpiritual, que de ſua natureza, e por determinaçaõ Divina era Soberana, independente, tanto ſem ſuperior na terra, como o Rei na ſua authoridade Temporal: ultimamente, provava dous monſtros, hum de perfidia, outro de fidelidade, que naquelles tempos ſe fizéraõ célebres.

Era o primeiro hum tal Joaõ de Agualda, que tinha ſido criado de D. Pedro Alvares de Souto-Mayor, Conde de Caminha. Eſte homem infame pa-

para fazer fortuna, declarou a El-Rei que D. Alvaro de Souto-Mayor, filho do Conde, que eſtivera em Caſtella, ſe achava em Portugal com intentos de o matar. El-Rei, que depois da mórte dos Duques de Bragança, e Viſeo, tudo o aſſuſtava: mandou ſegurar o Joaõ de Agualda, prender a D. Alvaro, mettello a tormento, tirar exactas indagaçõ̃es; achando tudo falſo, e informado do fim a que o Agualda encaminhava o teſtemunho, mandou que eſte foſſe feito em quartos, e D. Alvaro ſolto. Era vulg.

Foi o ſegundo o illuſtre Fernaõ Rodrigues Pereira, que tendo ſervido ſempre com o meſmo zelo a Caſa de Bragança na differença das ſuas fortunas, o Duque D. Jayme, que eſtava no ſeu refugio de Caſtella, mandou a eſte homem excellente vieſſe disfarçado a Villa Viçoſa trazer huma Carta á Duqueza ſua mãi. Naõ lhe valêraõ os rodeios da marcha, nem a figura contrafeita para deixar de ſer conhecido, e levado a El-Rei. Temeo elle a cólera Real, que ſabia naõ eſtar ex-

tin-

Era vulg. tincta contra o nome de Bragança ; e porque naõ ſuccedeſſe a revelaçaõ do ſegredo de ſeu Amo cauſar-lhe maiores damnos , comeo , tragou , engolio a carta. Como nada ſe lhe achou , e baſtava o diſfarce para ſe fazer ſuſpeitoſo , intentou-ſe corromper a ſua fidelidade , primeiro com promeſſas ſobreeminentes ao caracter de Fernaõ Rodrigues , logo com tormentos ſuperiores á conſtancia de homem. A hum, e outro combate reſiſtio elle mais que homem commum , mais que Fernaõ Rodrigues Pereira , porque os esforços nada vulgares da munificencia , do terror de hum Rei , em ambas as qualidades ſublime , ſoube elle vencer intrépido , e generoſo.

1487 Entrou novo anno , em ſucceſſos feliz , que adquiríraõ a El-Rei reputaçaõ. Em quanto Diogo Caõ navegava para o Reino de Congo ; os Juriſconſultos , e Miniſtros de Portugal notavaõ de exceſſiva a condeſcendencia do Rei em impedir , que os negocios de Roma , antes de executados , paſſaſſem primeiro pela Chancellaria , como con-

trá-

trária aos uſos, e privilegios da Na- Era vulg.
çaõ : em quanto o ſeu deſintereſſe, para fazer a Setuval hum Emporio de commercio, lhe remettia todos os tributos, gabellas, e direitos, enobrecendo-a com aqueductos, e obras públicas. D. Diogo Gonçalves de Almeida partio para Africa com huma armada de trinta náos contra Barraxe, e Almandarim, dous Mouros poderoſos, que ſe haviaõ revoltado contra o Rei de Féz, com tal ſatisfaçaõ deſte Principe, por imaginar os ſeus intereſſes confundidos com os de Portugal, que naõ duvidou crêr, que o Rei fazia eſta expediçaõ unicamente a ſeu favor.

D. Diogo de Almeida, que depois foi Prior do Crato, e D. Joaõ de Ataide, filho do Conde da Atouguia, que era o ſegundo Commandamento, foraõ lançar ferro junto a Anafe, aonde poſtáraõ a gente em terra, antes que o Paiz tocaſſe a rebate. Formada a idéa de ſe perſuadir ao Rei de Féz, que eſta expediçaõ ſe dirigia a caſtigar os ſeus inimigos, elles foraõ dando nos Aduares rebeldes com tanto es-

for-

Era vulg. forço, que depois de degolarem 900, de ferirem innumeraveis, de cativarem 400, carregando a armada de despojos, e cavallos, se fizeraõ na volta de Portugal. O Rei de Féz ficou taõ satisfeito com a ruina dos seus vassallos, que mandou agradecella a El-Rei por huma Embaixada solemne acompanhada de presentes ricos, e de cumprimentos officiosos.

Cresceo o prazer do Rei Mouro com a prisaõ de Barraxe, que rendeo o nosso valor. Este Barbaro destemido, que governava Tetuaõ, veio com hum corpo consideravel de trópas talar a nossa campanha de Tangere, entaõ commandada pelo bravo D. Joaõ de Menezes, que depois foi Conde de Tarouca. Ao estrondo das suas hostilidades sahio D. Joaõ da Praça, e o atacou com tanto vigor, que depois de lhe derrotar o exercito, de degolar hum tio, de lhe tomar toda a preza, de o ferir com cinco grandes cutiladas, o trouxe cativo para Tangere. O Rei de Féz, e mais inimigos de Alé-Barraxe solicitavaõ de D. Joaõ

lhe

lhe tiraſſe a cabeça dos hombros para livrar Barbaria do ſeu eſcandalo. Elle deo parte a El-Rei, que pelo contrario lhe ordenou o eſtimaſſe como a hum Official General; que eſqueceſſe para com elle a qualidade de inimigo; mandando-lhe dizer, que elle enviava de Lisboa hum dos melhores Cirurgiões para a ſua cura, e hum Miniſtro da Fazenda para o ſuſtentar á ſua cuſta. Depois conveio no ſeu reſgate pelo cambio de alguns Chriſtãos, e por 15$\overset{\circ}{\text{D}}$000 cruzados, com palavra de naõ tomar mais as armas contra El-Rei: condiçaõ, que hum taõ bravo ſoldado, e grande Capitaõ depois naõ cumprio como barbaro. Era vulg.

Diogo Caõ com viagem feliz foi duzentas legoas avante da embocadura do Zaire, aonde a primeira vez abordára. Deixando naquella altura duas columnas com as Armas Reaes, e Inſcripçõeſ Portuguezas, e Latinas, que marcavaõ os deſcobridores, voltou ao Reino de Congo. Caramança o recebeo com prazer grande, que paſſou a extremo, quando os ſeus quatro vaſ-

Era vulg. ſallos o informáraõ do trato polido, que tiveraõ em Portugal, e das honras, que recebêraõ do ſeu Rei. No acto, em que Diogo Caõ lhe offereceo os preſentes, que levava, os geſtos do alvoroço pareceriaõ pueriliades a naõ eſtar conhecida a origem. A pureza da Religiaõ, e o poder do Rei foraõ os dous pontos do primeiro diſcurſo, que Diogo Caõ recitou a Caramança. Elle os intimou com tanta força, que o Principe nada deſejava tanto, como inſtruir-ſe já nos novos Dogmas, e ter contratada alliança com taõ grande Rei. Na audiencia de deſpedida lhe entregou para El-Rei preſentes das riquezas da terra; cartas, em que lhe pedia a volta de Diogo Caõ com Miſſionarios para baptiſarem os ſeus póvos; e permiſſaõ aos vaſſallos, que com elle quizeſſem vir a Portugal.

Com hum dos quatro Ethiopes, que haviaõ eſtado no Reino, ſe embarcáraõ muitos da ſua Naçaõ, que em Lisboa foraõ regenerados nas aguas do baptiſmo com aſſiſtencia del Rei, dos

Fi-

Fidalgos, e Damas da Corte. Gonça- Era vulg.
lo de Souſa os reconduzio á Patria, e
levava o caracter de Embaixador ao
Rei de Congo, Miniſtros Apoſtolicos
para plantarem naquellas Regiões a ar-
vore da Fé, os paramentos neceſſarios
para os Officios Divinos, e materiaes
para fundar Igrejas. Com a chegada
deſtes operarios principiou o Ceo a re-
gar a ſua futura vinha com innunda-
çõeſ de graça, que logo tocou a hum
tio do Rei, Governador dos portos
maritimos, para pedir o baptiſmo,
que lhe foi conferido, e ao mais mo-
ço dos ſeus filhos. Elle ſe deſculpou
com o Rei pelo preferir neſta felici-
dade, fundando-ſe no temor dos ſeus
muitos annos, e no da delicada idade
de ſeu filho, ambas perigoſas para eſ-
peranças longas. Creſceo o alvoroço
com a chegada á Corte dos Miſſiona-
rios, que foraõ recebidos por Cara-
mança, fazendo-lhes mercê de trinta
legoas de terra para a ſua ſobſiſtencia,
e dando-lhes o prazer de mandar redu-
zir a pó os Idolos do Gentiliſmo ao pé
dos Altares do Deos Verdadeiro.

Era vulg. Gonçalo de Souſa do lugar do deſembarque foi conduzido á Cidade de Ambaſſa, que era a Capital, pela eſcolta de 200 homens, acompanhado dos meſmos Miſſionarios, no meio de acclamações públicas daquelles póvos, já preparados pelo ſeu Principe para receberem a nova Religiaõ. Á viſta dos paramentos Sacerdotaes, e do Eſtandarte da Santa Cruz, que El-Rei mandava ao de Congo, todos ſe poſtráraõ por terra, e rompêraõ em clamores de alegria. Tratou-ſe da ceremonia do Baptiſmo do Rei, e reſolvêraõ que para maior decencia ſe fabricaſſe huma Igreja, aonde o Sacramento ſe lhe conferiſſe, e que ſe concluio em breve tempo. Nella foi baptiſado o Rei com o nome de Joaõ, a Rainha com o de Leonor, ſeu filho primogenito com o de Affonſo, que eraõ os dos Reis, e Principe de Portugal. Panſo Aquitimo, filho ſegundo, naõ quiz deixar as trevas da idolatria.

Depois da partida de Gonçalo de Souſa, e da mórte de alguns dos Miſſio-

ſionarios, que eſtranhárão a intempe- Era vulg.
rie do Paiz, diminuio muito o fervor
do Rei, e dos póvos, que coſtuma-
dos a huma vida brutal, ſe lhes fazia
intoleravel o uſo de huma ſó mulher;
perdoar aos inimigos; renunciar os
prazeres; mortificar a carne, e geral-
mente as maximas ſantas do Evange-
lho. O Principe Affonſo era a columna
da nova Religião; Panſo o perſeguidor;
e Caramança ſeu pai já Apoſtata, de-
terminou dar a primogenitura a Panſo,
e privar della a Affonſo. A morte, que
lhe ſobreveio, mudou a face dos ne-
gocios, ſem que o Principe ſe pertur-
baſſe com a rebelliaõ de Panſo, que
na téſta de 20ⱭOOO homens lhe diſpu-
tou o Throno. O pequeno partido dos
Chriſtãos o ſeguia, e na ſua frente
vinte Portuguezes, que animáraõ o
Principe para naõ eſmaiar pelas ſuas
poucas forças, nem temer as muitas
de ſeu irmaõ, quando elle defendia a
cauſa do verdadeiro Deos, que naõ
contava número para dar victorias aos
ſeus ſervos.

A confiança, que tinha Affonſo na

ſua

Era vulg. ſua Fé viva principiou a derramar o terror entre os Barbaros, quando o víraõ ſahir a campo contra o partido de Panſo. Atacou-ſe a batalha, em que os rebeldes ficáraõ derrotados, e o irmaõ priſioneiro, que depois lhe perguntava quem eraõ os ſoldados gentis, que com forças mais que humanas lhe haviaõ ganhado taõ completa victoria. O Tenente General deſte Principe devia ter a meſma viſaõ; porque entendendo, que Affonſo lhe caſtigára a rebeldia com a mórte, lhe pedio o naõ fizeſſe morrer ſem o contar no número dos ſeus Chriſtãos para ſe ſalvar: requerimeuto, que lhe mereceo a protecçaõ, e graça do Principe. O exemplo deſte novo Rei fez avançar os creditos da Religiaõ no Reino de Congo, e moveo o Rei de Benguéla, que por ſi, e em nome de outros Soberanos, ſeus viſinhos, mandou Embaixadores a Portugal para negociarem com El-Rei alliânças reſpectivas aos intereſſes, e progreſſos da meſma Religiaõ.

Tantos felices ſucceſſos, e as noti-

ticias que déraõ a El-Rei os Ethiopes, Era vulg.
que eſtiveraõ em Portugal da Cóſta de
Africa até ao Cabo das Tormentas, o
enchêraõ de eſperanças, de que os ſeus
navios haviaõ domar a ferocidade das
ſuas ondas. Para eſte fim mandou elle
eſquipar duas náos, e huma barca car-
regada de todos os provimentos ne-
ceſſarios, nomeando por Commandan-
te a Bartholomeo Dias, Capitaõ re-
commendavel, com regimento, que
foſſe correndo a Cóſta avante da que
já deſcobríra Diogo Caõ, até achar
noticias do Promontorio, que era o
termo da ſua eſperança. Com traba-
lhos, que ſó eraõ toleraveis á conſtan-
cia Portugueza, foi Bartholomeo Dias
á viſta das praias de Africa informan-
do-ſe das ſuas gentes, e coſtumes, da
ſua Religiaõ, e trato, quando pela
proa dos navios lhe faz frente o Pro-
montorio horrivel, que elle entaõ diſ-
ſe Tormentoſo, e El-Rei lhe chamou
depois de Boa Eſperança, pela grande
que dava de conſeguir a navegaçaõ eſ-
paçoſa dos mares Orientaes até á ſuſ-
pirada India. Fica eſte Cabo na Ca-

Era vulg. fraria, e parte mais Meridional de Africa entre os dous Promontorios mais pequenos de Santa Luzia, e das Agulhas, donde retrocedeo Bartholomeo Dias sem o dobrar por falta de viveres, e da gente que perdêra, gastando nesta expediçaõ dezasete mezes até entrar em Lisboa.

LIVRO XXXI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuaõ os ſucceſſos do Reinado de D. Joaõ II., ſucceſſos da Africa, e outros negocios.

AS qualidades heróicas del Rei D. Joaõ, os ſeus progreſſos vantajoſos, a ſua excellente economia lhe tinhaõ adquirido huma reputaçaõ ſublime entre os Principes da Europa. Ella era taõ grande, que o Rei dos Romanos Maximiliano ſeu primo o eſcolheo por Medianeiro do ajuſte de paz entre elle, e o Rei de França. Porque aquelle Principe foi prezo em Flandres, D. Joaõ ſe apreſtava a ſoccorrello, quando o Imperador ſeu Pai o fez pôr em liberdade; mas ſe a D. Joaõ faltou a occaſiaõ de dar eſte grande paſ-

Era vulg. 1488

Era vulg. paſſo, o mundo conheceo, que para elle lhe ſobejou o esforço. No meio da paz mais profunda com Caſtella mandou reparar todas as Praças da fronteira, reſpondendo attento ás repreſentações dos Reis Catholicos ſem deſiſtir das obras. Sobre os Judeos expulſos por aquelles Reis dos ſeus Eſtados, que depois de abraçarem o Chriſtianiſmo apoſtatavaõ, mandou fazer execuções rigoroſas, paſſallos pelo fogo, e lançar muitos do Reino, aonde a ſua perverſidade corrompia os coſtumes. Em fim, Naçaõ Deicida, que com qualquer máo exemplo facilmente tornava ao vomito.

Por eſte tempo eſtava degradado em Arzila o Conde de Borba D. Vaſco Coutinho, que com ſetenta de cavallo teve a curioſidade de correr a terra. O Alcaide de Alcacer-Quivir, que ſoube da ſortida, o veio eſperar na retirada com 500 lanças. Quando menos o eſperava teve o Conde eſte deſigual encontro, e naõ havendo meio entre entregar, ou combatter, eſcolheo o ultimo partido por melhor. Com ar-

ardor, que ſe naõ concebe, ſetenta homens ſe lançáraõ ſobre quinhentos, foraõ degollando nelles, captiváraõ o Alcaide, e ſe recolhêraõ a Arzila ſem perda, e ſem ſoçobro. Tanto eſtimou El-Rei eſta gentileza, que deo ao Conde o governo da Praça, e o Alcaide attonito da pouca gente, que o vencêra, diſſe: Deos hoje eſteve Chriſtaõ, algum dia eſtará Mouro. Era vulg.

A nova inquietaçaõ do Conde de Penamacor, e a prizaõ em Africa de D. Antonio de Menezes, filho do Conde de Villa Real, de Martim Vaz da Cunha, Senhor de Tavora, de Simaõ de Souſa, filho do Commendador Mór de Chriſto, e de Chriſtovaõ de Mello, Alcaide Mór de Evora, que cahîraõ no poder dos Mouros, foraõ dous negocios, que affligíraõ o Rei. O Conde de Penamacor, que depois da mórte do Duque de Viſeo ſe lhe fazia intoleravel eſtar ocioſo em Sevilha, ſem dar ao ſeu Rei demonſtrações de aggravado, paſſou a Inglaterra a fazer todos os máos officios contra elle junto á peſſoa do Rei Henri-

Era vulg. rique VII., que movido dos intereſſes propoſtos pelo Conde nas noſſas conquiſtas, naõ duvidava romper as allianças antigas com Portugal. Naõ aproveitou a El-Rei D. Joaõ a diligencia do valente Alvaro de Caminha, que foi mandado a Inglaterra matar o Conde; mas Henrique melhor informado, o mandou prender na Torre de Londres, donde depois pode eſcapar, vir a Barcelona, e ultimamente a acabar no antigo deſterro de Sevilha.

Os outros Fidalgos em Africa, que ſahíraõ de Ceuta, naõ contentes com haver batido os Mouros, ſem ſe carregarem de huma grande preza: elles os atacáraõ em grande número na retirada, que naõ podéraõ conſeguir ſem perda de gente, e da liberdade dos que deixo referidos. Para ella ſe lhes reſtituir, foi neceſſario relaxar aos barbaros os refens, que Alé Barraxe havia deixado pelo ſeu reſgate. O Capitaõ dos Ginetes foi a Arzila com hum troço da Armada deſpicar eſta injúria, unido com o ſeu Commandante o Conde de Borba, e com D. Joaõ

de

de Menezes, Governador de Tangere. Era vulg. Eſtes Fidalgos paſſáraõ a ponte de Alcacer-Quivir, aonde já mais haviaõ chegado as noſſas armas; e naõ ſe attrevendo or Mouros a fazer-lhes reſiſtencia, deſpojáraõ a terra, e ſe recolhêraõ com riquezas innumeraveis, e muitos captivos.

A noſſa reputaçaõ, os intereſſes das noſſas navegações, a actividade com que El-Rei reparava as Praças do Reino, como fica dito, eraõ humas taes manobras, que naõ podiaõ deixar de ter cuidadoſo ao Rei de Heſpanha. Deſcobrio D. Joaõ ao Conſelho de Eſtado, que as ſuas dexteridades eraõ eſtratagemas para aſſuſtar aquelle Principe, e o demandar pela palavra firmada no Tratado de Moura, em que prometteo, que eſtando por caſar a Infante D. Iſabel, quando o Principe tiveſſe quatorze annos, que ella, e naõ a Infante D. Joanna ſería a ſua eſpoſa. Que o Principe completára aquella idade: que elle lhe queria o caſamento de D. Iſabel; que ella eſtava por caſar; que ao meſmo tempo

po

Era vulg. po a pretendiaõ os Reis dos Romanos, de França, e de Napoles; æ que elle queria moſtrar a D. Fernando naõ lhe conſentiria fazer algum deſtes ajuſtes com ſocego. Como o conſelho aprovou a idéa, El-Rei mandou a Caſtella ao ſeu Moço da Camara Ruy de Sande, que depois foi D. Rodrigo, e homem grande, e encontrou no Rei D. Fernando acolhimento taõ agradavel, que baſtáraõ aos ſeus officios para ficar concluido o mallogrado caſamento do Principe com D. Iſabel.

Entre os Negros Jalofos dos rios Cenaga, e Cambéa ſoava a fama da magnanimidade del Rei D. Joaõ. Haviaõ elles detronado ao ſeu eſtimavel, e bem inſtruido Principe Bémohi, que vendo-ſe ſem refugio, ſe embarcou em huma das noſſas caravellas, e veio a Setuval pedir a protecçaõ del Rei, que o aquartelou em Palmella, e o fez tratar Soberano. A ſua primeira negociaçaõ foi habilitar-ſe fervoroſo para ſe lhe conferir o baptiſmo, em que teve por Padrinho a El-Rei, o nome de Joaõ, e a ſolemnidade de feſtas brilhan-

lhantes. Já filho obediente da Igreja, Era vulg.
mandou render a ſua ſobmiſſaõ ao Papa; cedeo a vaſſallagem dos ſeus Eſtados em El-Rei, e prometteo levar os Portuguezes pela Lybia interior além do Monte Atlas até ao rio Negro para os fazer ſenhores do ſeu commercio. Immediatamente ſe apreſtou o ſoccorro para Bémohi em vinte caravellas bem artilhadas ás ordens de Pedro Vaz da Cunha, que levava ordens, e materiaes para fundar huma Igreja, e Fortaleza na embocadura do rio Cenaga.

Chegou o barbaro commandante com o Principe infeliz ao lugar do ſeu regimento, e quando ſe eſperavaõ das forças de hum armamento taõ conſideravel muitos avances á Religiaõ, e ao Eſtado, aſſegura-ſe, que Pedro Vaz, ſem outro motivo, que o do ſuſto de morrer pela intemperança do Paiz, matou na camara da ſua caravella a Bémohi para naõ ter nelle demora; voltou proas a Portugal, e entrou pela barra de Tavira, aonde El-Rei eſtava, para ſe deſculpar com elle da

Era vulg. ſua façanha abominavel. Attençaõ alguma mereceo elle á Mageſtade bem informada, que ou por comprehender a culpa a muitos, ou por naõ vulgariſar mais a ſua deformidade com o caſtigo, teve por melhor deixalla em opiniões por impunida. Se ſe póde confrontar o valor del Rei com a fraqueza de Pedro Vaz, elle a fez mais feia com o encontro brioſo do touro indomito em huma rua de Alcochete, fogido do corro. Todos os que acompanhavaõ aos Reis ſe pozeraõ em ſalvo; mas elle fazendo frente á Rainha, trançando a capa, e tirando da eſpada, o eſperou immovel, e intrepido. Paſſou o bruto de largo, como ſe o inſtincto lhe enſinára a reſpeitar a Mageſtade.

1489 Na marcha para o Algarve, e demóra que El-Rei teve em Béja, determinou condecorar a D. Pedro de Menezes, Conde de Villa-Real, com o Titulo de Marquez. Como foi o unico deſta qualidade, que elle deo, o fez com grande pompa, e circunſtancias taõ diſtinctas, que além da aſſiſten-

cia

cia dos Principes, grande concurſo de Era vulg.
ſenhores, e Damas, nomeou quatro
Conſelheiros de Eſtado para acompa-
nharem o novo Marquez, e levar ca-
da qual huma das ſuas deviſas, que
eraõ o Eſcudo das armas, a Eſpada,
o Barrete, e o Anel em huma ſalva.
Acabada a marcha, a que precediaõ
muitos inſtrumentos bellicos, e muſi-
cos; o Rei, Principes, e Grandes
nos ſeus lugares reſpectivos; o Chan-
celler Mór Joaõ Teixeira recitou hu-
ma oraçaõ eloquente ſobre as virtudes
do Rei, do Principe, do Marquez,
que perſuadio benemerito da honra,
que hia a receber das mãos Reaes, ou
elle foſſe olhado pelo lado do ſeu me-
recimento ſublime, ou pelo da ſua
alta qualidade, ambos dignos da Real,
e geral attençaõ. Recitada a Oraçaõ,
o Marquez ajoelhou aos pés do Rei,
que tomando as deviſas da maõ dos
Conſelheiros, o ornou com ellas, e
com a Eſpada cortou as pontas do Eſ-
tandarte para ficar bandeira quadrada,
como a uſavaõ os Principes. O Mar-
quez beijou a maõ a El-Rei, e ao

Era vulg. Principe, que neſte dia lhe fizeraõ a honra de o admitttir á ſua meſa em melhor lugar que o Infante, Duque de Béja. D. Manoel.

Veio El-Rei ao Algarve para da Cidade de Tavira dar calor á fundaçaõ da Villa, e Fortaleza da Graciosa, que por Gaſpar Juſarte mandava fazer em Africa pelo rio de Larache a cima chamado Lucendo, em huma pequena Ilha, que formaõ as ſuas aguas. O engano, que houve antes, aſſim na navegaçaõ do rio, como no lugar para a fundaçaõ, incommodidade, e intemperie do ſitio, fez arrepender da idéa depois de ſe ſuſtentar hum arriſcado empenho. Quando ſe trabalhava com maior ardor na fabrica, que havia ſer hum freio das Cidades de Mequinez, Alcacer-Quivir, e Féz; o Muley-Xeque para a impedir appareceo nas margens do rio na frente de 400000 cavallos, e de hum numero ſem conto de infantaria. Baſtava vêr eſte apparato para decahirem os animos, ſenaõ foſſem Portuguezes; mas elles ſe preparáraõ para fazer huma defen-

fenſa vigoroſa, com maiores esforços do valor, que apparencia, e realidades do perigo. Era vulg.

El-Rei, que cada dia recebia aviſos do que paſſava, mandou ſoccorrer os ſitiados por D. Joaõ de Souſa, aquelle deſtemido Fidalgo, que louvando o meſmo Rei o ſeu esforço, porque o Conde de Borba diſſe, qúe as ſuas valentias eraõ acertos, El-Rei lhe reſponde: Verdade he, Conde, que ſaõ acertos; mas nunca os acerta, ſenaõ D. Joaõ. A moleſtia perigoſa, que lhe ſobreveio depois de eſtar na Gracioſa, o fez voltar para o Reino ſem dar exercicio á ſua corage; e forçado pelo Capitaõ dos Ginetes Fernaõ Martins Maſcarenhas, por D. Diogo de Almeida, e por D. Martinho de Caſtello-Branco, depois Conde de Vila-Nova, que El-Rei mandou obſervar o eſtado da Praça para reſolverem ſe ſe havia defender, ou arraſar. D. Diogo de Almeida ficou encarregado do governo della pela auſencia de D. Joaõ de Souſa, e na Fóz do rio com a Armada o Capitaõ Mór Ayres da

Era vulg. Silva. O poder dos Mouros, que ſe augmentava cada dia, a attacou por todas as partes. A guarniçaõ, quaſi toda de Fidalgos, fez huma defenſa ſuperior ás forças humanas com deſtroço continuado dos Barbaros.

Como elles recebiaõ o maior incommodo do fogo da armada, e a Praça tinha nella o melhor ſoccorro; cuidáraõ em huma parte do rio, que dava váo na vaſante da maré, fazer huma eſtacada com ceſtões de terra, e pedra ſolta, que lhe impediſſe chegar á Villa, e ao Fórte, como na realidade ſuccedeo. Com eſta noticia, que trazia a do perigo, em que ficavaõ tantos Fidalgos illuſtres, o ardor del Rei ſe inflammou para ir em peſſoa ſoccorrer a Praça a expenſas de huma batalha. O conſelho o impedia com razões de convicçaõ, que ignorava D. Joaõ de Abranches, filho do bravo D. Alvaro Vaz de Almada, quando El-Rei lhe perguntou o que faria naquelle aperto. Elle lhe reſpondeo: que occaſiaõ de tanta honra era digna de hum Rei do ſeu caracter; que a ſua preſen-

ſença redobraría o eſpirito das trópas ; que pela reſiſtencia , que fariaõ os ſitiados contra poder taõ formidavel na ſua auſencia , mediſſe elle os milagres de valor , que obrariaõ ſe o tiveſſem á viſta ; que naõ ſe devia gaſtar tempo em huma jornada , que facilitando o rendimento de Féz , Mequinez , e Alcacer-Quivir , naõ tinha menos conſequencias , que a conquiſta de toda a Mauritania com a melhor parte de Africa. Era vulg.

Eſte parecer do valeroſo Abranches , que acabava de chegar de Lisboa a Tavira para acompanhar a El-Rei no ſoccorro , foi o com que elle ſe conformou. Naõ foi neceſſario mover-ſe a ſua Real peſſoa para conſeguir pela reputaçaõ hum triunfo naõ menos glorioſo , que ſe o ganhaſſe com as armas. Soube Muley-Xeque a reſoluçaõ del Rei ; que o Reino ſe deſpovoava , e vinha a Tavira para o acompanhar a Africa. Baſtou eſta voz vaga para o Barbaro perder os eſpiritos , e propôr huma trégoa , que a ſituaçaõ dos negocios fez entender ſe devia abra-

Era vulg. abraçar. Já o Capitaõ Mór Ayres da Silva tinha acceitado a ſuſpenſaõ de armas em quanto ſe dava parte a El-Rei, que além dos poderes dados a eſte Chéfe da armada, mandou que com elle foſſem concluir os ajuſtes a Ruy de Souſa, a D. Affonſo de Monroy, Meſtre de Alcantara, e a Diogo da Silva de Menezes, Ayo do Duque D. Manoel, depois Conde de Portalegre. Ajuſtou-ſe, que El-Rei tiraria tudo da Villa da Gracioſa, entregando-a no meſmo eſtado, em que elle a tinha tomado; que a Fortaleza ſeria demolida, ſahindo a guarniçaõ com as honras militares de mecha acceſa, tambor batido, e bandeiras deſpregadas.

Parece que o grande zelo dos vaſſallos neſta occaſiaõ critica inclinára El-Rei a moſtrar-ſe com elles mais humano. Entre outros lances, ſaõ dignos da Hiſtoria os que ſuccedêraõ com Duarte do Caſal, que tendo-o ſervido com valor, e eſtando pobre, lhe diſſe: Duarte do Caſal, ſe tiveſtes mãos para obrar, tende lingoa para me pedir: com Ruy de Abreu, Alcaide

Mór

Mór de Elvas, que inſtando-o por hu- Era vulg.
ma mercê com ſemblante de aggrava-
do, lhe tornou alegre: Dou-vos hum
conſelho como amigo, Ruy de Abreu,
quando pedires mercês, naõ lembreis
aggravos: com Fernaõ Serraõ, que
vendendo duas quintas para comprar
gallas, lhe perguntou: Fernaõ Serraõ,
quantas quintas fazem hum gibaõ: com
Pedro Pantoja, que preſtando-lhe ſeis
centos mil reis em Tavira, e poucos
dias depois mandando-lhe dar ſete cen-
tos, que elle naõ quiz acceitar, lhe
diſſe: Hora tomai oito centos, e a cada
repplica irei accreſcentando cem: e
com outros muitos dos ſeus vaſſallos
em occaſiões differentes, taõ déſtro,
e engenhoſo em Apophthegmas célebres,
e judicioſos, que nas ſuas idades o fa-
ziaõ reſpeitavel, e nós por elles o ve-
neramos nas noſſas.

Era vulg.

CAPITULO II.

Do caſamento, e mòrte deſgraçada do Principe D. Affonſo, unico filho del Rei, e de outros ſucceſſos depois della.

1490 NÓS diſſemos, que chegando o Principe D. Affonſo á idade de quatorze annos, e eſtando por caſar a Infante D. Iſabel, filha mais velha do Rei Catholico D. Fernando, na forma do Tratado de Moura, mandou El-Rei a Ruy de Sande fazer ao Rei a propoſta do caſamento, que ſe acceitou ſem duvida, naõ obſtante as pretenções dos Reis dos Romanos, de França, e de Napoles. Neſte anno determinou El-Rei D. Joaõ concluir as vodas, e para ſe arbitrarem os meios da neceſſaria deſpeza, convocou Cortes em Evora no mez de Janeiro, e vieraõ a ſer celebradas no de Março. Preſente o Rei fez nellas huma falla pathetica o Corregedor da Corte, Ayres de Almada, em que propôz aos Póvos a al-

alta reputaçaõ a que os havia elevado Era vulg.
a ſua delicada economia : o ſocego
do Eſtado, depois que elle expôz a ſua
peſſoa á muitos perigos para o com-
prar a troco da ſua meſma ſegurança :
a gloria das armas, e da Naçaõ em
tantos encontros, conquiſtas, e na-
vegações felices : a neceſſidade de dar
eſtado ao Principe, e as conſequen-
cias vantajoſas da alliança com a In-
fante D. Iſabel, que trazia a Portugal
huma paz perpetua com Heſpanha ; e
o quanto neſta occaſiaõ eſperava El-
Rei encontrar officioſos os ſeus vaſſal-
los, contribuindo com o que lhes foſ-
ſe poſſivel para os gaſtos de huma oc-
caſiaõ taõ brilhante.

Elles, que naõ ignoravaõ eſtarem os theſouros diminuidos com as deſ-pezas da guerra de Africa ; que o apreſ-to de tantas náos de viagem, e de guerra conſumiaõ montes de ouro ; que com ancia deſejavaõ o caſamento do Principe com a Infante, e eſtavaõ diſpoſtos para lhe dar efficaz concur-ſo : ſem replica, antes goſtoſos, offe-recêraõ hum donativo de cem mil cru-

Era vulg. cruzados; ſomma conſideravel naquelles tempos. Os Reis Catholicos eſtavaõ entaõ em Sevilha, para onde El-Rei deſpedio com o caracter de Embaixadores Extraordinarios ao Coudel Mór, Fernaõ da Silveira, Regedor da Caſa da ſupplicaçaõ, ao Doutor Joaõ Teixeira, Chanceller Mór, e por Secretario a Ruy de Sande, que fora o primeiro enviado a eſte negocio. A Corte de Caſtella recebeo eſtes Miniſtros com a alegria, que já era geral em ambos os Reinos pela eſperança de gozarem a doçura da paz: Reis, e vaſſallos concurrentes no meſmo prazer, que naſcia das bem formadas idéas de proſperidades futuras. Como Fernaõ da Silveira levava os plenos poderes do Principe, em ſeu nome ſe recebeo com a Infante D. Iſabel na preſença do Cardeal D. Pedro Gonçalves de Mendoça, dos Reis ſeus pais, Principes, e Grandeza: ceremonia, a que ſe ſeguíraõ feſtas, em que taõ grandes Monarcas fizeraõ oſtentaçaõ da ſua magnificencia.

Em quanto ſe tratava eſte grande ne-

negocio, informado El-Rei, de que em Lisboa havia huma caſa de jogo eſcandaloſa, lhe mandou pôr o fogo, e arrazalla. Parece que quiz remunerar o Ceo eſte ſerviço, permittindo ſe ſoubeſſe a trahiçaõ infame de hum Lopo Sanches, que cégo do ſeu intereſſe, tinha ajuſtado com o perjuro Alé-Barraxe dar-lhe entrada na Cidade de Ceuta. Com eſte aviſo partio do Algarve para Gibraltar em huma eſquadra de 50 vélas D. Fernando de Menezes, filho do Marquez de Villa-Real, para eſperar de Ceuta a inſtrucçaõ de Fernaõ de Pina, que mandára diante. Eſte Fidalgo era irmaõ do Commandante de Ceuta D Antonio de Menezes, que por Fernaõ de Pina o aviſou vieſſe ao porto de noite para naõ ſer ſentido dos inimigos. Unidos os irmãos, determináraõ caſtigar a Barraxe com golpe ſenſivel na Cidade de Targa, ſobre a Cóſta do Mediterraneo, que leváraõ ſem reſiſtencia, entregando os Mouros as liberdades por naõ arriſcarem as vidas. Aqui reſgatáraõ trinta eſcravos Chriſtãos, dé- Era vulg.

raõ

Era vulg. raõ fogo a vinte e cinco navios, que tinhaõ no porto, e carregáraõ a armada dos muitos generos, de que eſtavaõ bem providos os armazens.

Succeſſo taõ feliz animou os dous Fidalgos para perſuadirem a D. Martinho de Tavora, Governador de Alcacer-Ceguer, e a Manoel Peçanha, que o era de Tangere, quizeſſem acompanhallos á empreza da conquiſta de Comice, que era temeraria ſó intentada pela ſua ſituaçaõ em hum rochedo eſcarpado, e eminente, bem fortificada, e defendida por huma guarniçaõ numeroſa. Todas as difficuldades atropelou a noſſa corage, que em hum aſſalto, todo horror, a troco da vida de ſetenta dos noſſos, rendemos com grande carnage dos Barbaros a invencivel Comice. O preço dos deſpojos igualou o valor da victoria, que na eſtimaçaõ del Rei foi taõ ſingular, como as honras, que delle recebeo em Evora D. Fernando de Menezes. O goſto deſtas duas victorias, a alegria do caſamento do Principe tudo foi perturbado por occaſiaõ da mórte em

Avei-

Aveiro da Infante D. Joanna, que ſe Era vulg.
a teve precioſa nos olhos de Deos,
como mórte de Santa, nos de D. Joaõ
moveo as lágrimas, porque era de irmã.
O luto por taõ juſtificada cauſa ſup-
primio o prazer, que preparava gal-
las; mas elle teve de ſer breve: que
nem o eſtrondo dos prodigios da San-
ta dava lugar a láſtimas, nem o al-
voroço das vodas conſentia prantos.

Quería El-Rei, que vieſſe voando
a noticia a Evora do dia, em que os
Principes ſe recebiaõ. Para iſſo man-
dou pôr cavallos de poſta de Sevilha
até á Torre dos Coelheiros, diſtancia
de tres legoas cada carreira, que em
dia, e menos de meio ſe completáraõ.
Creſceo o alvoroço, principiáraõ as
feſtas públicas, com grande goſto re-
cebeo El-Rei por vários Fidalgos Caſ-
telhanos cartas do Rei, e Rainha Ca-
tholica, apreſſáraõ-ſe os apreſtos, e
ſe cuidou em abbreviar a paſſagem.
Da ſua parte os Reis de Heſpanha a
nada perdoavaõ para indicarem o ſeu
júbilo, e para abbreviarem a vinda da
Princeza, que foi encarregada ao Car-

deal

Era vulg. deal de Caſtella, e aos maiores Senhores da Corte para a conduzirem ao rio Caya ſobre a fronteira, aonde ſe havia fazer a entrega. Bem longe dos penſamentos, de que ſe hia a encontrar com a futura eſpoſa, que o Ceo lhe tinha deſtinado, D. Manoel, Duque de Béja, foi em quem cahio a ſórte da nomeaçaõ para conductor da Princeza do Caya até Evora.

Acompanhárаõ ao Duque os Biſpos de Evora, e de Coimbra, os Condes de Cantanhede, e Monſanto, grande número de Fidalgos, e Cavalleiros. No dia 22 de Novembro ſahio a Princeza de Badajoz, e o Duque entrou pela raia de Caſtella para a receber da maõ do Cardeal. Sobre o Caya fez o Chanceller Vaſco Fernandes de Lucena huma falla florida, terna, mageſtoſa, e eloquente á Princeza em nome del Rei, do Principe, e do Reino, que a reconheciaõ por Filha, Eſpoſa, e Senhora, e acabada ella ſe deſpedíraõ as comitivas brilhantes para os ſeus lugares reſpectivos. El-Rei, e o Principe incognitos, mas pompoſos, marchá-

chárão a Eſtremoz, aonde as viſtas mutuas fizérão inexplicaveis os prazeres reciprocos, e completo o júbilo na renovação das vontades, que quiz El-Rei fizeſſem os Principes na preſença do Arcebiſpo de Braga. No dia ſeguinte partirão ambos adiante para Evora, depois a Princeza com a ſua comitiva, que ſe alojou no Convento do Eſpinheiro de Monges Jeronymos, meia legoa diſtante da Cidade, até ſe preparar a entrada pública, que nella havião fazer. Era vulg.

Para ella foi deſtinado o dia de Domingo 27 de Novembro, com a pompa, e grandeza, que até então ſe víra neſtes actos em Heſpanha. El-Rei foi com a ſua Corte ao Eſpinheiro para conduzir a Princeza, que veio a cavallo com as Damas. O ruido dos inſtrumentos, a pompa dos Fidalgos, o grande número de guardas, que bordavão o caminho, repreſentavão lumioſo o apparato. Chegados á porta de Avís, o Duque de Béja D. Manoel, e o Senhor D. Jorge, filho natural del Rei, póſtos a pé cada hum de ſua par-

Era vulg. parte, levárão a Princeza, como palafrens. Muito illuminado era o Duque D. Manoel, primeiro Principe de Portugal, e segundo herdeiro do Reino, para não pensar, quando se vio nesta figura sem distinçaõ dos outros Grandes, que elle hia huma copia pintada pelo desagrado de seu irmaõ o Duque de Viseo, que nelle se desfigurava. A Providencia porém, que prescruta as intenções, naõ tardará em remunerar o abatimento, fazendo Rei, e Espoſo do mesmo objecto o Duque, que a pé o vai servindo, e levando de redea.

Hum Orador famoso de Sicilia recitou á entrada da pórta hum discurso respeitoso em nome da Camara da Cidade, e depois delle continuou a marcha com apparato soberbo direito á Sé, aonde os Principes beijáraõ a Reliquia do Santo Lenho, e se recolhêraõ ao Paço. Seguíraõ-se banquetes esplendidos na Corte, festejos os mais brilhantes, corridas vistosas de touros, e justas magnificas, em que a dexteridade, e grandeza del Rei se fi-

zé-

zéraõ admirar. Álém delle, eraõ os Manutendores do campo o Duqne D. Manoel; Valenzucla, Prior de Saõ Joaõ de Caſtella, que eſtava deſterrado em Portugal; D. Diogo de Almeida, depois Prior do Crato; Ayres da Silva, Camareiro Mór; o Francez Monſieur Vaupargas; D. Joaõ de Menezes; Alvaro da Cunha, Eſtribeiro Mór; Ruy Barreto; D. Joaõ Manoel; Pedro Homem; Garcia Affonſo de Mello; Lourenço de Brito; Joaõ Lopes de Sequeira; Antonio de Brito; D. Fernando de Menezes, depois Marquez de Villa Real; o Heſpanhol Pedro Ayres; D. Henrique Henriques, Senhor das Alcaçovas; D. Joaõ de Almeida, Conde de Abrantes; Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes; D. Rodrigo de Menezes, Guarda Mór do Principe; D. Martinho de Caſtello Branco, depois Conde de Villa Nova; Jorge da Silveira; D. Diogo Pereira, Conde da Feira; D. Rodrigo de Monſanto; D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito; D. Pedro de Souſa, depois Conde do Prado; Era vulg.

Era vulg. D. Franciſco da Silveira, Coudel Mór; D. Diogo da Silveira; Pedro de Abreo: Nuno Fernandes de Attaide; Garcia de Souſa; Joaõ Ramires de Arelhano, Heſpanhol; e Diogo de Mendoça.

Seis mezes duráraõ os feſtejos, ainda que interpolados por cauſa de vários acontecimentos. Graſſava entaõ a peſte em Lisboa, e pelo grande concurſo de gente, que vinha a Evora de todas as partes do Reino, entráraõ a lavrar as doenças, foi grande o cuidado na Corte. Creſceo elle com a moleſtia, que ſobreveio a El-Rei; e ſe entendeo mortal, cauſada de veneno, que ſe diſſe haviaõ deitado na Fonte-Cuberta, que era em huma herdade junto a Evora, aonde elle bebêra. Tomou mais corpo eſta deſconfiança com as mórtes, que padecêraõ inchados, e por diſſoluçaõ do ventre, depois que bebêraõ na meſma occaſiaõ da dita fonte, o Copeiro Mór Fernaõ de Lima, Eſtevaõ de Sequeira, e Affonſo Fidalgo. O certo he, que El-Rei, ainda que entaõ melhorou, pouco depois lhe

lhe repetio a meſma queixa, que o acompanhou o reſto da vida, e dizendo-ſe depois, que de veneno ſe lhe originára a mórte, aſſentou-ſe, que os deſcontentes lha principiáraõ a traçar do tempo do ſucceſſo referido na Fonte-Cuberta. Era vulg.

Foi El-Rei convalecer a Viana, huma Villa diſtante cinco legoas de Evora, donde voltou pouco depois a eſta Cidade por occaſiaõ da chegada de D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, que com huma equipagem brilhante vinha renovar as feſtas. Eſte Fidalgo, depois da mórte del Rei D. Affonſo V. ſe havia retirado para as ſuas terras ſentido da grande perda, que tivera na falta do Principe, que tanto o honrára, e até agora naõ havia ſeguido a Corte. Neſta occaſiaõ para dar próvas da ſua fidelidade, veio a Evora renovar os meſmos divertimentos das Juſtas, danças, e entretenimentos igualmente eſtimaveis pela delicadeza das idéas, e deſpezas avultadas, que nellas fez o Conde.

Neſte anno ſe mudáraõ as Freiras

Era vulg. da Ordem Militar de Sant-Iago de Santos o Velho, aonde eraõ os Paços além da Boa-Vista, para o lugar que hoje dizemos Santos o Novo, e entaõ era Santa Maria do Paraiſo, entre os dous Moſteiros de Santa Clara, e o da Madre de Deos. A commendadeira, que entaõ era a eſtimavel Matrona Violante Nogueira, e as mais Senhoras foraõ a pé em prociſſaõ, levadas pelo Cabido, Cléro, e Communidades de Lisboa, e no novo Convento collocáraõ as Reliquias dos Santos Martyres, que de tempos antigos guardavaõ no Velho. No meſmo tempo de que eſtou fallando, ſuccedêraõ a El-Rei caſos dignos de memoria. Indo elle ao Eſpinheiro, Convento de S. Jeronymo em Evora, diſſe a muitos Fidalgos, que o ſeguiaõ, foſſem comer, que eraõ horas. Reparando, que de todos ainda quatro o acompanhavaõ, voltou a elles com enfado: Naõ vos diſſe, que foſſes comer? Reſpondeo por ſi; e pelos companheiros Joaõ Goo: Sim ſenhor, os que tinhaõ que comer, foraõ; nós que o naõ temos,

 ſi-

ficámos. El-Rei lhes tornou prompto: Era vulg; Eu prometto de vo-lo dar, e logo. Assim o fez, despachando todos quatro sem demora.

Ao Vigario de Thomar, que em huma causa deo sentença contra El-Rei, elle lho agradeceo de palavra, e remunerou com 200 cruzados. Ao Doutor Nuno Gonçalves, que havendo de votar em outra, o naõ quiz fazer em quanto elle estiveſſe presente na Relaçaõ, por ser parte, El-Rei sahio dizendo: que a elle lhe parecia o mesmo, que a Nuno Gonçalves, para o respeito lhe naõ impedir a julgar segundo a sua consciencia. A hum reo, que se lhe queixou, de que em quanto teve que dar, os Ministros lhe prolongáraõ a vida preso, e que agora que nada tinha, o queriaõ enforcar, respondeo El-Rei, os Desembargadores saõ os que merecem a mórte; mas como naõ devo matar a tantos, se elles vivem, vivei vós. A outro réo em Relaçaõ perguntou a causa, por que o sentenceavaõ á mórte. Disse elle, que hum moço seu amigo lhe namorára huma ir-

Era vulg. irmã; que a ambos aviſára lhe naõ fizeſſem affronta; que elles deſpreſáraõ a advertencia, e que vindo do campo, e encontrando-os eſcondidos no matto, fora a elles, e os matára. Pois tu naõ ſabias, replicou El-Rei, que por eſſe crime te haviaõ enforcar? Sim ſenhor, reſpondeo o réo, mas a minha honra offendida quiz antes por-me neſte perigo, que fazer que eu conſentiſſe em tal injúria. Entaõ concluio El-Rei: pois tu, que bem o dizes, e aſſim o entendeſtes, eu te perdoo, e vai-te.

Diſſe hum homem mal de outro na ſua preſença, e que a ſua conducta era tal, que ſó mancebas tinha vinte. El-Rei como que naõ ouvíra lhe perguntou: quantas mancebas? Vinte, Senhor, reſpondeo o maldizente, e o provarei. Tirai-vos diante de mim, lhe tornou El-Rei, que homem de vinte mancebas naõ tem nenhuma. Vio elle hum Touro furioſo correr a hum homem; que eſte o eſperava brioſo; que a capa feita, e eſpada em maõ ſe deitára a elle, e o matára com tremendas cutila-

ladas. Chamou-o El-Rei goſtoſo de vêr, Era vulg. que hum homem vulgar fizera huma acçaõ mais conſumada, que a que lhe ſuccedêra em Alcochete. Tanto inſtou com elle para ſaber quem era, que o miſeravel lhe diſſe: Senhor, ſou hum infeliz, que em Lamego matei hum homem, e ando na Corte, porque ninguem me conhece. Elle ſe notava de inconſiderado, quando vio a preſſa, com que El-Rei mandava chamar o Corregedor; mas deſaffogou o eſpirito com a ſua chegada, ouvindo-o receber eſta ordem: Ide logo Corregedor livrar-me eſte homem criminoſo, que tenho niſſo prazer: e depois de livre o acommodou por ſeu criado.

Pedio-lhe certo homem hum Officio, e dizendo-lhe El-Rei, que eſtava dado, o pretendente lhe beijou a maõ. Se o Officio eſtá dado, porque me beijais a maõ? perguntou o Principe. Pela mercê que Voſſa Alteza me fez de me poupar com o deſengano o que havia gaſtar nos requerimentos; reſpondeo a parte. Tornou-lhe El-Rei: Pois eu vos dou o Officio, e compenſa-

Era vulg. ſarei a peſſoa, que o tinha, com outra mercê. Manoel de Mello, irmaõ do Conde de Olivença era hum Fidalgo de grande valor, que ſendo Capitaõ de Tangere teve muitos encontros com Alé-Barraxe, ſempre victorioſo delle em número muito deſigual de gente. Depois de eſtar Manoel de Mello em Portugal, Barraxe continuava as ſuas cavallarias com eſpirito incançavel. Deo-ſe parte a El-Rei da inquietaçaõ deſte Barbaro, que naõ fazendo caſo da palavra, que deo de naõ pegar mais em armas contra os Portuguezes, quando obteve a liberdade, elle o fazia tanto pelo contrario, que naõ dava ſocego ás guarniçõeſ das noſſas Praças. Eſtando preſentes muitos Fidalgos, diſſe El-Rei a todos: guarde-ſe Barraxe naõ mande eu tirar o caparaçaõ a Manoel de Mello. Com eſtes, e outros ſemelhantes modos fortes, e inſinuantes eſte Principe alentava os eſpiritos, e com os louvores fazia creſcer a virtude.

CA-

CAPITULO III.

Era vulg.

Da mudança da Corte de Evora para Santarém; aonde ſuccede a laſtimoſa mórte do Principe D. Affonſo, e outros ſucceſſos deſte tempo.

DE Viana, como diſſemos, ſe ti- 1491
nha El-Rei recolhido a Evora, aonde paſſou a Quareſma deſte anno; mas entendendo-ſe, que ſó hum bom ar reſtabeleceria a ſua precioſa ſaude, elle determinou paſſar com a Corte a Santarém. Com todo o genero de divertimentos ſe fez eſta jornada por Monte Mór, Almeirim, e mais lugares das margens agradaveis do Téjo até chegar áquella Villa. Os Principes hum dia antes del Rei, no de 14 de Junho foraõ recebidos nella com grandeza extraordinaria em mar, e terra. O meſmo ſe praticou com as peſſoas dos Reis, que aqui recebêraõ dos Embaixadores Eſtrangeiros os cumprimentos, que lhes mandavaõ fazer os ſeus Soberanos pela occaſiaõ do caſamento

dos

Era vulg. dos Principes. Em prazeres exceſſivos ſe paſſáraõ as feſtas do S. Joaõ, e como no mundo ordinariamente as Cytharas ſe convertem em lutos, tantas alegrias extraordinarias pareciaõ preludios de pezares extremoſos. Incomprehenſiveis aos homens os juizos de Deos, quando parecia neſte Reinado que tudo concorria para a felicidade commum, e hum contentamento profundo trazia extactico o goſto, tudo muda em hum inſtante, hum momento tudo acaba.

Aconſelháraõ os Medicos a El-Rei, que naquelle Veraõ uſaſſe os banhos do Téjo. No dia 12 de Julho mandou elle aviſar o Principe vieſſe acompanhallo, e divertir-ſe nas margens do rio. Elle ſe eſcuſou por ter chegado da caça fatigado, e lhe fez pedir o quizeſſe diſpenſar. O amor de filho único, que ſempre traz o Pai aſſuſtado, preſumindo alguma moleſtia no Principe, foi o Rei a viſitallo; mas vendo-o a huma janella divertido com a Princeza, cortejou-os, e marchou para o rio. Reparando o Principe neſ-

te

te cuidado de ſeu Pai, quiz correſponder-lhe; montou em hum ſoberbo ginete, e ſeguio-o. Por entender o calor ainda agitado pelo movimento da caça, naõ quiz neſte dia nadar como coſtumava, e com D. Joaõ de Menezes, o que depois morreo em Azamor, ſe ficou entretendo na praia. Inſtou-o o Principe para darem huma carreira, no que D. Joaõ naõ queria convir, ou por ſer já noite, ou porque o dia era Terça feira, agouro fatal para os Fidalgos do ſeu apellido. Era vulg.

O Principe ſe apeou para ſobir em huma mula; mas ao montar ſe lhe quebrou hum loro, e o deſtino o conduzio a voltar para o Paço no meſmo cavallo. Tantas foraõ as ſuas inſtancias para correr de mãos dadas com D. Joaõ, que eſte naõ teve mais remedio, que condeſcender. Hiaõ elles no meio da carreira, que hum homem inconſiderado attraveſſa correndo; aſſuſta-ſe o cavallo, em que hia o Principe; levanta-ſe com elle, e cahe de cóſtas com golpe taõ violento, que lo-

Era vulg. logo o deixou com todas as apparencias de morto. Naõ houve mais acordo, que o de recolherem o deſgraçado Principe na choupana de hum pobre peſcador, aonde viéraõ os Reis, a Princeza, a Corte toda ferindo os ares com gemidos, affogados os olhos em lágrimas, truncadas as vozes pelos ſoluços. Eſgotáraõ-ſe os remedios, que enſina a Arte; recorreo-ſe aos Divinos com preces fervoroſas do Cléro, penitencias incriveis do povo, votos ardentes dos Fidalgos; todas as claſſes com hum ſó coraçaõ, e huma ſó alma clamavaõ em huma ſó voz ao Deos das miſericordias ſe lembraſſe, de que eſtas eraõ nelle muito antigas; que o caſtigar ſe lhe fazia como violento. Naõ quiz o Ceo differir ás noſſas ſúpplicas, naõ obráraõ os remedios naturaes, e no dia ſeguinte pela huma hora da noite, ſem dar acordo, na idade de dezaſſete annos, e vinte dias, morreo o Principe D. Affonſo, unico filho legitimo del Rei D. Joaõ II.

Eis-aqui hum eſpelho diafano para

os

os ambicioſos das honras, os amantes da vaidade, os homens todos compô-rem as imagens do ſeu interior. Vêr hum Principe minino, pouco antes, entre os apparatos da grandeza, aſſumpto de Epinicios fauſtos; agora, acabando na choupana vil de hum peſcador, objecto laſtimoſo de Epicedios funebres, he huma demonſtraçaõ evidente do que o mundo vale. Neſta perda irreparavel diſſe depois El-Rei ſeu Pai, que ſe conſolava, quando advertia, que o Principe pela brandura, e affabilidade do genio, naõ era capaz de ſer Rei de Portuguezes. Diz hum Hiſtoriador do ſeu tempo, que neſta expreſſaõ moſtrava elle o grande amor, que tinha aos ſeus Póvos; como ſe os de Portugal, no conceito da Rainha Catholica D. Iſabel, e das Naçõões mais civís da Europa, ſendo todos filhos, naõ neceſſitaſſem antes de hum Rei Pai, que de hum Pai Rei. Era vulg.

Celebradas as exequias em Santarém, o Marquez de Villa Real, com grande ſequito de Senhores, e concurſo numeroſo de toda a ſórte de gen-

tes

Era vulg. tes, conduzio o cadaver do Principe para o Convento da Batalha, aonde foi ſepultado junto ao Monumento do Rei D. Affonſo V. ſeu Avô. O luto nas peſſoas Reaes foi o mais rigoroſo, que até entaõ ſe tinha viſto: a Princeza com o cabello cortado, e veſtida da almafega mais groſſeira, El-Rei, e a Rainha do humilde panno negro da terra, e a eſta imitaçaõ os Fidalgos, Damas, e Povo: luto, que indicava, naõ ſó a perda de tal Principe, mas a dôr de que o Reino, que depois de tres ſeculos e meio ſempre paſſára dos Pais para os filhos, ou dos irmãos para os irmãos, ſem interrupçaõ da linha viril, agora hia buſcar a collateral na peſſoa do Duque D. Manoel, ſe acaſo os esforços do poder naõ intentaſſem, na peſſoa de D. Jorge, collocar no Throno outro baſtardo. A Duqueza de Bragança D. Iſabel, irmã da Rainha, deixou neſta occaſiaõ o ſeu retiro, e appareceo na Corte coberta de ſegundo dó, como eſquecida do primeiro luto, e ſe demorou nella quinze dias.

Neſ-

Neſte eſpaço naõ deixaría de ouvir as vozes populares, que interpretes dos juizos de Deos em todos os ſucceſſos dos Eſtados, com elles confrontavaõ os diſcurſos. Raros ſe deixavaõ vêr como Idolatras do Fado, que attribuiſſem eſta mórte ao acaſo: todos a criaõ esforço da Providencia, que com a mórte do filho caſtigava no Pai a injuſtiça da do Duque de Bragança, a atrocidade da do Duque de Viſeo, a perſeguiçaõ inexoravel contra os Fidalgos bannidos, contra os Principes de Bragança deſterrados, e cada qual, huns no fundo dos cerebros, outros nas pontas das linguas, antecipavaõ a El-Rei o dia do Juizo. Elle, que ſupprimia em ſi a dôr taõ freſca, e exceſſiva, depois que a Duqueza de Bragança deixou miſturadas as lágrimas com as da Rainha ſua irmã; eſcolheo o retiro de huma caſa particular, aonde ſe eſcondeſſe aos cumprimentos de pezames, que vindo de todas as partes, naõ ficava alguma na indiviſibilidade da alma, que naõ lha feriſſem. Era vulg.

Determinou El-Rei no Agoſto ſeguin-

Era vulg. guinte ir em peſſoa ao Moſteiro da Batalha celebrar as Exequias do Principe. Naõ conſentio, que o acompanhaſſem a Rainha, e Princeza por lhes naõ renovar a dôr; mas foi ſeguido da officioſa Duqueza de Bragança, da Infante D. Filippa, irmã da Duqueza de Viſeo D. Brites, de muitas Senhoras, e Fidalgos do Reino. Imagens bem differentes das de Evora o anno paſſado, deſcobrio El-Rei ao longe no Convento, quando vio tremolar das ſuas torres muitas bandeiras negras, eclypſes triſtes daquellas luzidas glórias, que provocaraõ o pranto univerſal da Corte. Durou a tempeſtade das lágrimas todo o tempo dos Officios, e ellas com o pezo das ſuas vozes foraõ as interpretes do diſcurſo laſtimoſo, que entaõ recitou entre ſoluços intercadentes o Padre Fr. Joaõ Farto da Ordem de S. Franciſco.

Tendo El-Rei poſto caſa ſeparada a ſeu fiiho natural D. Jorge, e encarregando-o ao Conde de Abrantes para naõ parecer diante da Rainha, e lhe avivar as memorias do Principe, elle pou-

pouco depois mudou das idéas, que fo- Era vulg.
raõ occaſiaõ de diſcordias entre os
Reaes Conſórtes. Entrou El-Rei a re-
flectir no Succeſſor, que havia dar á
Coroa, e foſſe que o ſeu deſprazer pa-
ra com a Caſa dos Duques de Viſeo
aſndá ſe conſervava vivo, ou porque na
peſſoa de ſeu filho D. Jorge achava qua-
lidades, que o faziaõ digno do Sceptro,
elle o quiz preferir a D. Manoel, Du-
que de Béja. Rodeado deſtas imagina-
çõeſ, foi corriendo o véo aos myſte-
rios, que ſe fizéraõ intoleraveis á Rai-
nha, e á Nobreza, juſtamente aban-
bonados a favor do Duque. Todos te-
miaõ alteraçõeſ no Eſtado pela oppo-
ſiçaõ dos ſentimentos, muito mais
quando ſe contemplava no genio do
Soberano a difficuldade de o fazer mu-
dar da primeira inclinaçaõ huma vez
concebida.

Os Reis Catholicos, que eſtavaõ
ſitiando Granada, quando recebêraõ a
noticia infauſta da mórte do Principe,
mandáraõ logo a eſte Reino ao Biſpo
de Cordova, e ao Prior de Guadalu-
pe para lhe aſſiſtirem ás Exequias, e

Era vulg. consolarem os Reis. Chegou tambem D. Henrique Henriques, Conde de Alva de Liſte, Tio del Rei D. Fernando, que vinha encarregado de conduzir a Princeza a Heſpanha na companhia dos outros Embaixadores. Eſta ſahida de Santarém no meio do apparato mais funebre, que tinha viſto Portugal, cotejado com a mais ſublime pompa na entrada de Evora, fez que o écco dos ſoluços feriſſe os horiſontes. Em ſilencio profundo chegou a Corte á Abrantes, e El-Rei acompanhou a Princeza duas legoas além da Ponte do Sor, o Arcebiſpo de Braga até Olivença, aonde a eſperava o Meſtre de S. Tiago com muitos Fidalgos Caſtelhanos. A maior parte dos Portuguezes retrocedeo de Olivença, excepto os que ſeguíraõ a D. Joaõ de Menezes, que fora Governador da Caſa do Principe, e que por ordem del Rei a acompanhou, e ſervio até chegar á preſença dos Reis ſeus Pais, que a recebèraõ com ternura, pela occaſiaõ, lattimoſa.

Veio a Corte para Lisboa, aonde ſe ouviaõ entre ſuſpiros as vozes ſurdas,

das, que nomeavaõ ſucceſſor a D. Manoel, menos attentas por D. Jorge. Nos ouvidos del Rei naõ faZia boa harmonia hum applauſo taõ geral, nem D. Manoel goſtava de o entender taõ público. O primeiro ſe affligia pelas difficuldades, que havia encontrar na approvaçaõ de ſeu filho; o ſegundo com o temor, de que as vozes populares o fizeſſem objecto da indignaçaõ do Pai, que lhe podería ſer fatal, ſe conſternava. El-Rei, ainda que ſobmergido na triſteza profunda, que lhe cauſava a memoria da mórte do Principe; elle a dobrava no deſagrado para com a Rainha, que entendia toda inclinada ao partido de ſeu irmaõ o Duque de Béja. A noticia de que em Roma ſe ſolicitava a legitimaçaõ de D. Jorge a inſtancias de ſeu Pai, naõ ſó affligio a Rainha, e o Duque, mas encontrou a oppoſiçaõ aberta dos Reis Catholicos. Os ſeus Officios efficazes junto ao Papa, fortificados com as repreſentações da Rainha de Portugaal, derrotáraõ o empenho del Rei, que houve de mudar os intentos. Era vulg.

Era vulg. Elle pretendeo do Papa para D. Jorge os Meſtrados das Ordens de S. Thiago, e Avis, que o Principe D. Affonſo havia poſſuido, como lhe foi acordado pelo Santo Padre. Immediatamente chegáraõ as letras, ordenou El-Rei o acto da poſſe na Igreja de S. Domingos, aonde pelos Commendadores, e cavalleiros lhe foi dada obediencia. Fezſe eſta ceremonia na preſença del Rei, de hum grande número de Prelados, e de toda a Corte, precedendo-lhe, e ſeguindo-ſe feſtas luzidas, que o Rei quiz honrar para admirar o Reino no repente, com que a melancolia ſumma paſſou para huma alegria extrema. Para reger a peſſoa, e caſa de hum Principe taõ moço, que acabava de reveſtir de dous empregos, em que neceſſitava ſaber-ſe conduzir, nomeou a D. Diogo de Almeida, Fidalgo de muitas qualidades, do agrado del Rei, e que pouco depois foi Prior do Crato, por fallecimento de D. Vaſco de Attaide.

Se eſtes foraõ os esforços, que a natureza inſpirou a El-Rei a favor de

seu filho, as luzes da sua providencia Era vulg.
eraõ muito claras, para que deixassem
de penetrar nos futuros as contingen-
cias respectivas ao mesmo filho. Elle
contemplava ao futuro successor D.
Manoel irmaõ do Duque de Viseo mor-
to ás suas mãos, alliado do Duque de
Bragança, que mandára matar pelo
Executor da Alta Justiça, irmaõ da
Rainha reinante desgostada, da Duque-
za de Bragança sentida, e filho da de
Viseo melancolica: pensamentos tris-
tes, que lhe suggeriaõ as grandes des-
graças, a que D. Jorge ficava exposto,
se o Duque D. Manoel sobisse ao Thro-
no, porque o faria alvo da indignaçaõ
de todos. Depois do filho, o Rei con-
siderava, que do furor do mesmo Prin-
cipe, e Senhoras queixosas seriaõ ou-
tras tantas victimas todas as pessoas,
que directa, ou indirectamente con-
corrêraõ, suggeríraõ, approváraõ a
mórte dos Duques, e todos estes lan-
ces taõ criticos á sua politica illumi-
nada requería, que fossem acautela-
dos.

Da sua parte aquelles Senhores naõ

cui-

Era vulg. cuidavaõ menos em prevenir-ſe, e o Duque, que meditava os extremos del Rei para com ſeu filho, naõ menos aſſuſtado dos preſentes, que El-Rei prevenindo os futuros, tomou o expediente de ſahir da Corte, e retirar-ſe para Béja. Com eſte voluntario exterminio quiz elle evitar, que a ſua preſença naõ augmentaſſe a inquietaçaõ del Rei, e obſervar de longe os movimentos. Mas em quanto eſtas couſas ſuccediaõ em Portugal, os Reis Catholicos de Heſpanha, cobertos de glória, tinhaõ continuado a guerra feliz de Granada, com rendimento das Praças mais importantes, como eraõ Malaga, Guadix, Baza, Almeria, e outras. Os Póvos, por onde paſſavaõ os dous ſoberanos ſahiaõ aos caminhos a vellos com alvoroço, como a dous milagres da fortuna guardados nos ſeios da Providencia. E porque o fim deſta guerra tem de fazer reflexos em Portugal, que daqui em diante ſe ha de vêr enlaçado com allianças repetidas em Heſpanha, nós daremos della huma breve noticia no Capitulo ſeguinte

pa-

para irmos atar o fio da noſſa Hiſto- Era vulg.
ria.

CAPITULO IV.

Conquiſta glorioſa do Reino de Granada, favoravel á ſucceſſaõ de D. Manoel, Duque de Béja, com a noticia de ditos, e acçõẽs célebres del Rei D. Joaõ II.

JÁ intoleravel aos animos heróicos dos Reis Fernando, e Iſabel de Heſpanha o ſoffrimeuto dos Mouros por mais tempo no ſeu continente: reſolvêraõ acabar com elles de hum golpe, e metter na ſua obediencia a cabeça contumaz do Reino teimoſo, e aguerrido. Para eſte fim déraõ occaſiaõ os Mouros revoltoſos de Granada, que ſe rebellláraõ contra Chiquito, que os Reis Catholicos haviaõ feito ſeu confederado. Com eſte motivo mandáraõ elles hum recado aos Chéfes de partido, que ſe logo naõ depunhaõ as armas, e lhe entregaſſem a Cidade, houveſſem a guerra por declarada. Conheceo o

Rei

Era vulg. Rei Chiquito, que as palavras dos Monarcas Catholicos ſoavaõ a ſeu favor; mas penetrou que as intenções eraõ dellas mui differentes. O ſuſto concebido concordou os dous partidos barbaros, e por todo o territorio de Granada os Cacizes convidavaõ as gentes para huma guerra ſanta.

No fim do anno paſſado entrou El-Rei D. Fernando pela veiga de Granada, e deixando-a deſtruida, encarregada a fronteira á vigilancia do Marquez de Vilhena, veio com o Principe D. Joaõ ſeu filho invernar a Sevilha, e apreſtar-ſe para na Primavera formar o ſitio da Capital. Com 10ↄ000 cavallos, e 40ↄ000 infantes, huma grande parte da Nobreza de Heſpanha, no dia 23 de Abril ſe poſtou El-Rei á viſta de Granada. Encarregou-ſe ao Marquez tallar a campanha, aonde queimou mais de vinte Aldêas, que podiaõ fornecer mantimentos á Cidade. Hum theatro de horror fez o Vilhena ao territorio agradavel de Granada, que ſempre foi eſtimado pelo paraiſo de Heſpanha. Veio ao campo a valeroſa Rainha

com

com ſeus filhos , e mandou cercar o Era vulg.
exercito com linhas de circunvalaçaõ ,
e contravalaçaõ feitas com tal arte ,
que parecia hum Povo , e deſde entaõ
o foi com o nome , que ainda con-
ſerva de Santa Fé. Eſte ſitio foi dos
mais glorioſos , que ſe vio da Época
dos Mouros em Heſpanha até entaõ.
Elle durou oito mezes , e treze dias.
O valor dos Heſpanhoes obrou faça-
nhas , que pareciaõ temeridades ; que
lhes adquiríraõ reputaçaõ brilhante ;
que reduziraõ os Mouros á ultima ex-
tremidade.

Sentiaõ os valentes largar a ſua ter-
ra , que poſſuíraõ tantos ſeculos : te-
miaõ os covardes o perigo , que lhes
decepava os animos ; e porque no nú-
mero deſtes entrava o Rei Chiquito ,
que ſentindo depois com lágrimas a
perda da ſua Corte , ouvio da propria
mãi a reprehenſaõ dura : Bem he que
a chore minino , quem naõ a ſoube de-
fender homem : elle fez hum diſcurſo
longo aos moradores , todo dictado pe-
lo eſpirito do terror , que ſem demo-
ra ſe comunicou da cabeça aos mem-
bros.

Era vulg. bros. Tomada a reſoluçaõ da entrega, ſe fez avizo da ſua parte aos Catholicos Soberanos, para que no dia ſeguinte, que era o de Reis, ſeis de Janeiro de 1492, vieſſem em peſſoa receber da ſua maõ as chaves da Cidade: dia fauſto, memoravel, em que acabámos de arvorar os trofeos ganhados ſobre os Mouros na guerra diuturna de 805 annos, ſuſtentada por tantos Reis glorioſos, felizmente concluida no dia conſagrado á memoria de tres Reis Santos.

1492 Contribuio Portugal para os applauſos deſta victoria com tudo, quanto cabe na grandeza para enunciar huma alegria extrema. Ella ſeria relativa mais aos avances da Religiaõ, que aos intereſſes do Eſtado; mais privativa do commum, que particular do Rei. Via eſte aos de Heſpanha ſem inimigos nella, que daqui em diante lhe divertiſſem as forças; que elles abertamente eſtavaõ declarados a favor da ſucceſſaõ do Duque D. Manoel para o Reino; que eraõ os protectores dos Principes perſeguidos da caſa de Bragança ſeus

pa-

parentes ; que os laços da amizade ſe podiaõ ter por quebrados com a rotura dos do matrimonio cauſada pela mórte extemporanea do Principe D. Afonſo : tudo idéas triſtes , que já concebiaõ para D. Manoel as preferencias á Coroa com prejuiſo dos intereſſes de D. Jorge. Era vulg.

Quiz El-Rei cuidar de longe nas providencias de fazer forte o Reino em trópas de cavallaria , e publicou huma Lei rigoroſa , em que mandava , que peſſoa alguma de qualquer qualidade podeſſe montar em cavallos, e mulas ſem ſer apta para tomar as armas. Para animar a Ordenaçaõ com o exemplo , elle foi o primeiro , que dahi em diante naõ aparecia , ſenaõ em cadeira de mãos. Ella ſe dirigia a renovar ſem violencia as coudelarias , em que havia muito tempo ſe deixava de cuidar, para deſte modo haver no Reino abundancia de cavallos. Todo o Cléro ſe queixou ſentido de huma Lei , que ſobre lhe derogar os ſeus privilegios, o punha na conſternaçaõ de andar ſempre a pé com perigo da vida de muitos ,

e

Era vulg. e da ſalvaçaõ de naõ poucos pela falta da adminiſtaçaõ dos Sacramentos nas diſtancias. Declarou El-Rei, que a Lei naõ ſe entendia com o Cléro; mas mandou ordem pelas Comarcas a todos os ferradores, que naõ ferraſſem cavallos, e mulas, que naõ foſſem criados nas coudelarias, e das peſſoas habeis, que a Lei declarava.

As idéas vaſtas, em que ſe occupava o Principe magnanimo, naõ lhe impediaõ fazer muitas mercês, e repetir graciosos ditos. Quando a Rainha de Caſtella lhe mandou repreſentar o goſto, que tinha de vêr Lisboa, ſem mais companhia, que a de vinte criados montados em mulas, reſpondeo: Que o meſmo deſejava elle fazer em Sevilha com cincoenta cavallos á deſtra diante de ſi. D. Pedro de Eça, Alcaide Mór de Moura, eſtando para morrer, lhe mandou entregar as chaves do Caſtello por Antaõ de Faria. Ordenou-lhe El-Rei as tornaſſe a levar, e diceſſe a D. Pedro, que aos filhos de hum cavalleiro como elle, naõ ſe privavaõ das honras, que tivera ſeu pai.

A hum Fidalgo, que lhe pedio a Alcadaria Mór de Caſtello de Vide, que vagára por fallecimento de Vaſco Martins de Mello, diſſe: A mercê, que vos poſſo fazer, he guardar-vos ſegredo no requerimento, por ſe vos naõ eſtranhar o pedires-me os deſpachos de hum pai de cinco filhos, que todos me ſervem com a lança na maõ. Quando alguns Fidalgos reparáraõ em elle ter provido o emprego de Mordomo Mór em D. Joaõ de Menezes, que naõ ſabía viciar a politica com a adulaçaõ, reſpondeo: Fiz Mordomo Mór a D. Joaõ, porque nunca me falla a vontade, ſenaõ a verdade. Era vulg.

Para honrar ao grande D. Franciſco de Almeida, depois primeiro Viſo-Rei da India, que acabára de chegar da guerra de Granada, aonde obrou acçõeſ dignas do ſeu valor, tendo-o convidado para ir á caça, e vindo quando El-Rei comia, lhe perguntou ſe tinha jantado. D. Franciſco lhe tornou, que era muito cedo, e que reſervára fazello quando voltaſſe. Entaõ lhe diſſe El-Rei: Pois aſſentai-vos ahi,

Era vulg. e comei comigo: o que elle fez á vista dos Grandes, que á mesa assistiaõ em pé. Faz-se digno de reflexaõ o caso de Diogo Gil Magro, muito seu favorecido, que em Evora fez huma injúria grave a Alvaro Mendes do Esporaõ, e se pôz em cobro no Castello de Arrayolos. Joaõ Mendes, e Diogo Mendes de Vasconcellos sentíraõ tanto a affronta de seu pai, que acompanhados dos seus amigos, huma noite forçáraõ as portas do Castello, entráraõ, e fizeraõ em postas a Diogo Gil. Como El-Rei sentio muito esta mórte, certo Fidalgo se adiantou em lhe pedir os bens dos agressores, que deviaõ perder na forma das Leis, e que elle os merecia por ser irmaõ do mórto. Depois del Rei lhe responder, que obraria melhor em dar aos réos as fazendas de Pedro Jusarte, Alcaide Mór do Castello, e de Diogo Gil, do que a elle; a de Pedro Jusarte, porque taõ mal guardou o Castello; a de Diogo Gil, porque taõ mal se soube guardar a si: ordenou, que nesta causa se pozesse perpetuo silencio; lembrando, que

se

se a seu pai lhe fizessem injuria seme- Era vulg.
lhante, elle faria o mesmo, que acabavaõ de fazer Joaõ, e Diogo Mendes.

A 15 de Maio deste anno se lançou a primeira pedra no grande edificio do Hospital Real de Todos os Santos de Lisboa, com assistencia del Rei, para soccorro dos infelices, a quem a fortuna negára os seus bens. Desde entaõ começáraõ a ser exercitadas nesta casa rica, e poderosa as virtudes da caridade, e hospitalidade sem interrupçaõ até o anno de 1750, em que hum incendio voráz a consumio, e foi necessario mudalla do lugar do Rocio para outro sitio. Como os vagabundos, e ociosos entráraõ logo a aproveitar-se dos comodos do Hospital, pretextando enfermidades occultas para se escusarem de ganhar trabalhando; El-Rei, que o tinha prevenido, além de destinar officiaes para fazerem exames rigorosos nos enfermos fingidos, publicou huma Lei severa contra todos aquelles, que tendo aptidaõ para os differentes ministerios da Republica,

fos-

Era vulg. foſſem enganar os Miniſtros do Hoſpital para entreterem a ocioſidade.

Conſervava El-Rei huma boa harmonia com a Corte de França, que eſteve em termos de ſe romper pela avareza de huns coſſarios, que lhe tomáraõ huma náo, que vinha da Cóſta da Mina com quantidade de ouro. Propôz elle ao Conſelho o que faria neſte caſo, quando no ſeu alto eſpirito levava concebida a idéa do deſaggravo. Concordáraõ todos os votos, em que foſſe hum Enviado queixar-ſe ao Rei de França, e pedir· a reſtituiçaõ da náo. El-Rei ſe levantou dizendo, que receava houveſſe demora em ſe differir ao ſeu Miniſtro, e immediatamente mandou fazer repreſália em déz navios Francezes, que eſtavaõ no Téjo, tirar-lhes as vergas, recolher as mercadorias na Alfandega, e ordenou a Vaſco da Gama, que depois deſcobrio a India, foſſe fazer o meſmo a todos os que eſtiveſſem pelos mais portos do Reino. Os intereſſados ſobprendidos deſta novidade, recorrêraõ ao ſeu Soberano, que informado da origem,

don-

donde ella naſcia, fez reſtituir a pre- Era vulg.
za, que mandou a Portugal acompa-
nhada de huma ſatisfaçaõ completa.

Demonſtraçõ̃es taõ̃ delicadas mere-
ciaõ̃ aos Principes da Europa as equi-
dades del Rei, e a ſua reputaçaõ̃ era
de tal ſórte ſublime, que naõ̃ lha diſ-
putavaõ̃ os que podiaõ̃ ſer emulos da
ſua gloria. Della deo hum teſtemunho
bem evidente o meſmo Carlos VIII.,
Rei de França, que fazendo quaſi to-
dos os Monarcas liga contra elle, diſ-
ſe: Que naõ̃ os temia, porque para
desbaratar a todos, lhe baſtava a al-
liança com ſeu irmaõ̃ D. Joaõ̃ II. de
Portugal. Naõ̃ ſaõ̃ menos illuſtres em
outros pontos criticos as decisõ̃es dos
Reis Catholicos Fernando, e Iſabel.
Repreſentou-ſe ao primeiro, que caſ-
tigaſſe ao ſeu Chroniſta, que eſcre-
vendo a batalha de Toro o privava da
gloria para dar toda ao Principe D. Joaõ̃
de Portugal. Mandou-o elle vír, e lêr
na ſua preſença eſta paſſagem, que ou-
vio attento, e diſſe depois ao Chro-
niſta: Iſſo, e muito mais do que eſ-
creveis he verdade, que eu ví, e aſ-

Era vulg. ſim fique eſcrito, porque vós ſois obrigado a dizer a verdade. Na face da Rainha D. Iſabel houve quem notaſſe as acçõẽs do meſmo Principe, mas ella reſpondeo prompta: Deos me faça aos meus filhos, como elle he. Com outra ſublimidade de eſpirito atalhou a Catholica Rainha os ſuggeſtores, que a inſtavaõ fizeſſe a guerra a D. Joaõ com o fundamento, de que os Caſtelhanos eraõ muitos, e poucos os Portuguezes, dizendo-lhes: E iſſo, que importa, ſe aquelles poucos ſaõ filhos, e os noſſos muitos ſaõ vaſſallos.

Neſte anno ſe avançáraõ muito os deſcobrimentos pelos vaſtos Reinos, e Provincias de Guiné, aonde muitos dos ſeus Reis, e grandes peſſoas corriaõ illuminados pela graça a buſcar as fontes ſaudaveis do Baptiſmo, com gloria grande da Eſpoſa do Cordeiro, que regenerava tantos filhos nas Regiões brutas da Gentilidade céga. Naõ poupava El-Rei fadigas, nem deſpezas para promovêr obra taõ ſanta, digna do ſeu zelo, e piedade: obra ſanta, que diz

diz o noſſo Joaõ de Barros, naõ a po- Era vulg.
de haver na Igreja digna de maior lou-
vor de Deos, que por indúſtria del Rei
no lugar mais encoberto da terra, e
na gente mais remota do Nome de Je-
ſus Chriſto, aonde podemos crêr, que
naõ chegou a prégaçaõ dos Apoſtolos,
hoje eſtar cheio de Altares, oblaçõeſ,
e ſacrificios offerecidos em nome do
meſmo Jeſus Chriſto. Todo para a pie-
dade o Rei D. Joaõ, depois que ſe dei-
xou ſentir os golpes da maõ occulta,
que toca fórte do fim até ao fim, e
tudo diſpoem ſuavemente: elle naõ ſó
quiz o fervor para a converſaõ dos In-
fieis; mas determinou fazer obſervar
no Reino a devoçaõ.

Com eſte deſignio impetrou hum
Breve do Papa para inſtituir hum nú-
mero de Conegos, que na Capella
Real do Paço recitaſſem todos os dias
as Horas Canonicas. D. Diogo Ortiz,
Biſpo de Tangere, foi criado Deaõ,
e Adminiſtrador da meſma Capella,
aonde deſde entaõ até agora ſe fizeraõ
ſempre os Officios com a pompa, e
ſolemnidade das Cathedraes, eſpecial-

Era vulg. mente depois do reinado de D. Joaõ V. de glorioſa memoria, que a erigio em Baſilica Patriarcal com a maior magnificencia, como diremos, ſe Deos permittir que eſcrevamos a vida daquelle Principe em todas as idades memoravel. Para corôa de tantas acçõẽs pias, e Catholicas, ordenou D. Joaõ II., que em todas as ſuas Praças, Fortalezas, Caſtellos, e Palacios ſe celebraſſe ſe cada dia o Sacrificio tremendo do Altar, admoeſtando aos ſeus Miniſtros naõ paſſaſſe algum ſem aſſiſtirem a elle para alcançarem do Ceo a illuminaçaõ neceſſaria para a deciſaõ acertada dos negocios.

Os effeitos do veneno, que El-Rei bebeo na fonte de Evora, ou a afflicçaõ contínua, que lhe cauſava a lembrança do Principe, que para ſempre lhe derrotára a ſaude, foi cauſa de ſe lhe renovar a enfermidade com accidentes taõ violentos, que eſteve ſem eſperança de vida, e lhe tirou a de recobrar a diſpoſiçaõ antiga na idade mais robuſta. Além da incommodidade propria, El-Rei ſentia que a ſua con-

conſiſtencia debil lhe impediſſe moſtrar Era vulg.
com as armas o ſeu reſentimento ao
Rei de Caſtella D. Fernando, ſempre
oppoſto aos ſeus ſentimentos, prote-
ctor dos ſeus deſvalídos, agora já deſ-
cobertamente intereſſado na peſſoa de
futuro Succeſſor para Portugal: reſen-
timento, que ſe podia aproveitar de
occaſiaõ taõ oportuna, como era a da
guerra, que elle trazia vigoroſa con-
tra França ſobre o Reino de Napoles,
e reſtituiçaõ dos Condados de Ruyſe-
lhon, e de Sardenha.

Mas o ſeu eſpirito a tudo ſuperior,
para conſervar moderado, e circunſ-
pecto aquelle Monarca, dentro, e fo-
ra do Reino mandou fazer apreſtos for-
midaveis, que indicaſſem proxima hu-
ma guerra terrivel. Até ao ſeu Embai-
xador D. Pedro da Silva, Commenda-
dor Mór de Avís, que por occaſiaõ da
mórte do Papa Innocencio VIII. man-
dára a Roma dar obediencia ao ſeu Suc-
ceſſor Alexandre VI. ordenou, que co-
mo o Rei Carlos de França hia a Ita-
lia, elle naõ entraſſe na Curia ſem
primeiro da ſua parte viſitar aquelle

Prin-

Era vulg. Principe ; offerecer-lhe as ſuas forças para com eſta politica animar mais o fingimento em Caſtella do quanto eſtava inclinado á juſtiça, e intereſſes do Rei Carlos. Com os meſmos deſignios occultos fez eſquipar huma grande fróta para enviar ao Mediterraneo, guarnecida da melhor gente, e nomeou por Almirante a Alvaro da Cunha ſeu Eſtribeiro Mór.

Neſta fróta havia ir a grande náo de mil toneladas, que elle mandára conſtruir, a maior que até então havia ſurcado os noſſos mares, com muita, e groſſa artilharia, a mais fórte, e eſcolhida equipagem. Deſejava El-Rei aſſiſtir a eſte botafóra, quando o aviſáraõ naõ vieſſe a Reſtelo arriſcar a ſua precioſa vida, porque na armada haviaõ fallecido de peſte algumas peſſoas. Suſpendeo-o eſte incidente; mas de Sintra, aonde eſtava, mandou a D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, foſſem da ſua parte expôr a Alvaro da Cunha quanto ſentia o ſuſto, que tivéra na armada, e augurar-lhe viagem

fe-

feliz. Temêraõ os dous Fidalgos o contagio, e escrevêraõ a Ayres da Silva representasse a El-Rei, que elles naõ executavaõ a ordem, por lhes parecer temeridade arriscarem as vidas sem fructo. Tanto se desagradou El-Rei da reposta, e o estimulou de sórte o naõ cumprimento da ordem, que desprezando o perigo, veio logo a Belém em pessoa, fallou a Alvaro da Cunha, e a todos os Fidalgos, que hiaõ na armada, e dizem fora mesmo a bordo da capitania: acçaõ, que em tal Principe naõ podia ter menos fim, que a troco do risco proprio persuadir aos vassallos, que deviaõ temer menos as desgraças temporaes relativas á vida, que expôr-se á de perder a graça do Soberano. Era vulg.

Tantos eraõ por estes tempos os interesses do nosso Commercio de Guiné, que se assegurava excediaõ aos de todos os Reguengos do Reino, campos da Golegã, e lizirias de Santarém. Nos seus moradores viamos nós hum Povo fiel, catholico, taõ unido comnosco, qne naõ só nos soccorriaõ em to-

Era vulg. todas as conjunturas ; mas tinha tanta corage , que era capaz de nos ajudar em vaſtas conquiſtas , ſe nós nos ſerviſſemos delle , como entaõ o faziaõ os Reis de Marrocos. Os fructos da Ethiopia eraõ tantos , e taõ delicados, que podiaõ deſpertar os ſentidos mais groſſeiros do goſto ſem appetite , da viſta ſem reflexaõ. Diz porém o noſſo Barros , que Deos por algum juizo occulto nos fechou o interior daquella regiaõ eſtimavel por algum Anjo percuciente de febres mortaes , que nos impedem penetrar as terras banhadas pelas fontes , donde procedem os rios de ouro , que por tantas partes da noſſa conquiſta ſahem ao mar.

Era vulg.

CAPITULO V.

Tratão-se outros ſucceſſos deſtes tempos, e a entrada dos Judeos em Portugal, intrigas, e Embaixadas mutuas da noſſa Corte á de Caſtella.

EL-REI D. Joaõ II. naõ ſó attento á glória das armas, ao avance das conquiſtas, ás vantagens do Commercio, aos eſtrondos da reputaçaõ; elle ſabia eſtimar o merecimento em qualquer traje, que o encontraſſe. Naõ menos inclinado aos valentes, e induſtrioſos, que aos ſábios, e eruditos, pôz em igual parallelo para o apreço a Pallas togada, e a armada; fez o meſmo goſto da gente de armas, que dos homens de letras. Florecia entaõ em Italia Angelo Policiano, natural de Monte Policiano na Toſcana, diſcipulo excellente de Andronico de Theſſalonica. Lourenço de Medicis, que fez glória de trazer a Florença os ſabios do ſeu tempo, metteo no ſeu número a Angelo, que nomeou Meſtre de ſeus fi-

Era vulg. filhos depois de o haver feito Conego. Elle teve trato com todos os homens de letras da ſua idade, eſpecialmente com Joaõ Pico Mirandulano, ſeu amigo, e condiſcipulo. Todos os eruditos fallaõ com louvor nas cartas latinas de Angelo Policiano, e os ſeus verſos engenhoſos merecêraõ, que Paulo Jovio lhe chamaſſe Poeta divino.

Para nós termos huma próva clara da eſtimaçaõ, que El-Rei fazia das letras, baſta ſabermos a Carta honrada, que eſcreveo a Angelo Policiano. Elle, que lhe conhecia o merecimento, por aquella carta lhe fez ſaber, que o havia eſcolhido para compôr a Hiſtoria de Portugal nas linguas Latina, e Italiana. Se baſtava a eſpecioſidade da eleiçaõ de Principe taõ grande para recompenſa vantajoſa deſte Author; El-Rei formava o deſignio de a proporcionar ao ſeu trabalho, e nós penſamos, que ella ſería huma obra digna das materias, que lhe haviaõ dar a alma, do eſpirito, que tinha de organiſar o corpo, ſe dous annos depois a mórte naõ arrebatára o ſeu Author

an-

antes de pegar na penna. Ella teve pou- Era vulg.
cas ſemelhanças com as outras acçõẽs
racionaes da vida deſte homem. Dizem
que por huma Dama lhe naõ acceitar
as ternuras do ſeu amor, elle freneti-
co rompêra a cabeça contra huma pa-
rede, e que ſe matára. Nas Anecdo-
tas de Florença ainda ſe aponta outra
cauſa mais infame da ſua mórte. Me-
lancthon, e Luís Vives affirmaõ que
elle ſe laſtimava de ter lido huma ſó
vez a Eſcritura Santa, por haver niſſo
empregado taõ mal o ſeu tempo. Pa-
rece que eſtes Authores calumniaõ a
Angelo, que era hum Eccleſiaſtico ve-
lho, do qual ſe diz, que p égava as
Quareſmas na ſua Cathedral com
edificaçaõ do Povo; e ſe elle com as
vozes da Eſcritura naõ fallava aos co-
raçõẽs, entaõ a edificaçaõ ſuperficial
ſería hum effeito de Cythariſta do ou-
vido.

Da meſma inclinaçaõ, que El-
Rei tinha ás letras naſceo a ſeveri-
dade, que moſtrou contra as Igrejas
Cathedraes, porque recuſavaõ pagar
as penſõẽs dos Lentes, e Profeſſo-

tes

Era vulg. res de Universidade, conforme o uso antigo determinado pelos Reis D. Diniz, e D. Affonso IV., que as haviaõ arbitrado com approvaçaõ da Santa Sé. Desta renitencia, que tiveraõ as Igrejas em pagar, se originou entre ellas, e a Universidade huma disputa, que promettia consequencias funestas. El-Rei tomou o partido da ultima, e principiou a descobrir para ella a inclinaçaõ com a liberalidade. Elle naõ deixaria a controversia sem decisaõ, se as suas enfermidades naõ o fossem levando de mal em peior; já confirmado, de que a molestia provinha do veneno, que descobria os effeitos na quantidade de manchas negras, que lhe appareciaõ pelo corpo.

Esta decadencia no Principe animava os espiritos dos muitos descontentes, que viviaõ hypocritas do medo depois da mórte dos dous Duques, e Fidalgos, do exterminio dos Principes de Bragança, e dos outros Senhores, e principiavaõ a levantar a cabeça com as bem fundadas esperanças,

ças, de que haviaõ vêr inclinadas até a terra as que se endireitavaõ a beber os ventos. Principiáraõ entaõ a introduzir-se abusos no Estado; a tomarem corpo as contestações, e os pontos de Jurisdicçaõ a ser assumpto de controversia nos dous membros principaes da Monarquia. A differença de D. Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, com o Prior de Santa Cruz, D. Joaõ de Noronha he hum exemplo bem evidente desta verdade, e de quanto tem de perniciosos nas Cidades, e Provincias dous partidos grandes encontrados, se as raizes senaõ cortaõ, quando principiaõ a brotar as vergonteas. Era vulg.

Nesta figura se achavaõ os negocios de Portugal, quando os Reis Catholicos de Hespanha, Fernando, e Isabel, transportados de zelo pela Religiaõ, querendo agradecer a Deos huma série continuada de felicidades, que recebiaõ da sua maõ liberal, elles determinaõ, que a grande cópia de Judeos estabelecidos em Hespanha, intoleraveis pelas suas prostituições, es-

Era vulg. eſcandalos, uſuras, e enormidades, ou ſe façaõ Chriſtãos, ou com pena da vida, ſem remiſſaõ, e a de confiſcaçaõ de bens, no termo fixo, e peremptorio de quatro mezes ſahaõ dos ſeus Eſtados, naõ podendo levar delles ouro, nem prata, mas cambiados eſtes metaes em outros generos. Alguns deſtes infelices, tocados das inſpiraçõnes temporaes das ſuas commodidades, recebêraõ o Baptiſmo, ſempre Judeos no fundo dos oſpiritos, como brevemente entráraõ a moſtrar as experiencias. Os mais delles, obſtinados Deicidas, que ha tantos ſeculos trazem em cima de ſi o peſo da maõ de Deos indignado, antes quizeraõ perder as vantagens da vida, que depôr a cegueira cahida em parte ſobre Iſrael até a conſumaçaõ dos ſeculos.

Pedíraõ eſtes ao Rei de Portugal permiſſaõ para virem aos portos do ſeu Reino a troco de groſſas quantias de dinheiro: com condiçaõ de eſtarem nelles oito mezes, e depois ſe lhes darem embarcaçõnes, que os tranſportaſſem a lugares da ſua eleiçaõ. El-Rei,

que

que ſe via na idade de trinta, e ſete annos, e ainda naõ perdêra as eſperanças de fazer a Africa huma jornada, que tanto appetecia, acceitou o contrato dos Judeos, e recebeo delles as quantias eſtipuladas para o deſtino de Africa, que ſe acháraõ em ſer depois da ſua mórte. Deſtináraõ-ſe os portos, aonde havia ſer recebida eſta colonia da Naçaõ errante, ſem Rei, ſem Templo, ſem Sacerdote, Ephod, nem Teraphim. Vieraõ, e pagáraõ os Judeos; paſſou o tempo ajuſtado, e apreſtáraõ-ſe embarcações para os que ſe foraõ. Era vulg.

Deſtes deſgraçados homens grande parte pereceo em Portugal tragados de huma devoradora peſte, que foi o primeiro bem, que nos trouxeraõ; outros acabáraõ pelos hermos ſem auxilio humano; alguns ſem corage para ſopportar tantos trabalhos, eſcolhêraõ para remedio o lavatorio de Siloé nas fontes ſacroſantas do Baptiſmo; os mais ſe embarcáraõ para Africa, aonde encontráraõ no Rei de Féz outro Salmanaſar, Nabuco, Tito, ou Adriano.

Era vulg. no. Naõ he dizivel a perſeguiçaõ, que fizeraõ os Mouros a eſta eſcoria das gentes. Elles os affrontáraõ, os roubáraõ, os eſcarnecêraõ, e á viſta dos pais, e dos maridos dormiaõ com as mulheres, e as filhas. Aos conſentidores eſpancavaõ, aos cioſos tiravaõ as cabeças, aos indifferentes carregavaõ de opprobrios. Neſta afflicçaõ, para caſual muito ſevéra, os Judeos miſeraveis, que ſahiraõ de Caſtella, e Portugal, naõ tiveraõ mais refugio, que voltar aos meſmos Reinos, fazer do erro confiſſaõ de bocca, moſtrar a dôr na cara, pedir á Igreja os recebeſſe no ſeu regaço, como lhes foi concedido; ficando deſde entaõ juſtamente promiſcuos com o Povo Catholico, para moſtrar a Mãi piedoſa, que ella tem as condições do ſeu Eſpoſo em naõ haver para a ſua bondade excepçaõ de peſſoas; guardando como elle, para os dignos, os premios; atiçando á ſua imitaçaõ, para os relapſos, o fogo.

Nós concluiremos os mais ſucceſſos deſte anno, lembrando, que El-Rei teve por taõ grave o aſſaſſinato,

que

que no Caſtello de Arrayolos comet- Era vulg.
teo contra Diogo Gil Magro, em deſ-
pique da injúria feita a ſeu pai, Joaõ
Mendes do Eſporaõ, que o nomeou
Embaixador para Caſtella. Deſte Fidal-
go deſcendêraõ os Condes de Figueiró, e a ſua caſa com o mórgado do
Eſporaõ o poſſuem hoje os Condes de
Villa-Nova na varonia de Lancaſtros.
Nunca eſquecido de D. Jorge, Chéfe
dos deſte Appellido, El-Rei ſeu pai
nos intervallos da ſaude reforçava os
empenhos em Roma para obter do Papa a graça da legitimaçaõ. Elle encarregou a conſecuçaõ com todos os esforços a D. Franciſco de Almeida, Biſpo de Ceuta, irmaõ de D. Pedro da
Silva o Embaixador, que foi ſaudar
ao Papa Alexandre VI. pela ſua exaltaçaõ ao Solio Pontificio, e a D. Diogo de Souſa, Biſpo do Porto, que ambos eſtavaõ em Roma, quando chegou
a ella D. Pedro da Silva.

Os deſejos do Rei, e a actividade
dos Biſpos impreſſaõ alguma fizéraõ no
eſpirito do novo Papa, que logo foi
prevenido pelos meſmos canaes, que

Era vulg. haviaõ levado o écco dos inconvenientes aos ouvidos do ſeu predeceſſor. Deſenganado deſte meio produzir effeitos correſpondentes aos deſignios, D. Joaõ naõ perdeo a corage, e procurou mais longe o recurſo. Elle quiz capacitar ao Imperador Maximiliano I. que a Coroa de Portugal lhe pertencia de direito, como a neto del Rei D. Duarte, filho de ſua filha a Imperatriz D. Leonor, que fora mulher de ſeu pai Frederico III. O direito daquelle Principe ſim ſería inconteſtavel, ſenaõ tiveſſe duas oppoſiçõeſ, que inteiramente o derrotavaõ. A primeira era a das Leis fundamentaes de Lamego, que excluem da ſucceſſaõ do Reino aos Principes eſtrangeiros. A ſegunda a do Duque de Béja D. Manoel, que era filho do Infante D. Fernando, Duque de Viſeo, e neto do meſmo Rei D. Duarte, naõ devendo preferir os filhos da Imperatriz D. Leonor como femea, aos do Varaõ o Infante D. Fernando ſeu irmaõ.

A recuſaçaõ dos dous Papas Innocencio, e Alexandre á legitimaçaõ de

D.

D. Jorge, a repugnancia do Imperador Maximiliano á formaçaõ de hum Tratado manifeſtamente injuſto, impozéraõ ao Rei hum ſilencio perpetuo neſte negocio. Deſde entaõ ſe determinou a tratar o Duque D. Manoel como Succeſſor indiſputavel da Coroa, já conforme com os deſtinos da Providencia, fiado na bondade do Principe, que por attento aos de Bragança, e ſentido da mórte do de Viſeo ſeu irmaõ, eſqueceria a vingança para ſe lembrar no filho D. Jorge, que das mãos do pai recebêra o Reino. Elle o diſpunha com multiplicar agrados, que ſendo de Soberano, tem actividade para fazerem eſquecer injúrias, e D. Manoel, como bom politico ao meſmo tempo grato, dava todas as demonſtraçõeſ, de que as ſuas nem na imaginaçaõ lhe faziaõ eſpecie. Era vulg.

Entrou o novo anno, e no principio delle chegou a Lisboa Chriſtovaõ Colomb, que vinha de deſcobrir as Antilhas por mandado dos Reis Catholicos de Heſpanha. Trazia elle todos os ſignaes da nova terra em gente, 1493

Era vulg. fructos, ouro, e outras producções daquellas Ilhas, eſtranhas ás do noſſo Continente. El-Rei o recebeo com muito deſagrado, por entender ſe mettêra a cortar os mares, que elle preſumia ſe incluiaõ na demarcaçaõ das ſuas conquiſtas. Colomb ſoberbo com a proſperidade, a tudo reſpondia na Corte, accuſando a omiſſaõ del Rei em naõ querer aproveitar-ſe da offerta, que lhe veio fazer para eſtes deſcobrimentos, de que agora ſe ſentia, ſendo a culpa ſó ſua. El-Rei partio immediatamente para Torres Vedras, aonde determinava convocar o Conſelho para ſe deliberar em ponto taõ critico. Elle ſe reprehendia a ſi meſmo pela glória, de que neſte deſcobrimento ſe privára: glória, que elle entendia reſervada ſó para os ſeus vaſſallos, taõ conhecidos entaõ por unicos dominantes dos mares.

Hum penſar todo de reflexões lhe inſpirava diſputar aos Reis Catholicos a honra, e os intereſſes; e porque na jornada para Torres Vedras elle foi viſitar a Excellente Senhora D. Joanna,

pre-

preſumptiva herdeira de Heſpanha, eſ- Era vulg.
ta marcha repentina, e viſita naõ eſ-
perada fizéraõ naſcer o rumor, de que
El-Rei determinava inquietar os de Caſ-
tella, e tirar D. Joanna ao theatro pa-
ra pretextar o rompimento. Se neſta
ſegunda parte erráraõ os juizos, o ac-
certo da primeira ſe vio na reſoluçaõ
do Conſelho, em que foi determina-
do, que logo ſe preparaſſe huma gran-
de armada ás ordens de D. Franciſco
de Almeida, depois primeiro Viſo-Rei
da India, para ir atacar outra de Caſ-
tella, que ſe aparelhava, nos meſmos
mares do ſeu deſtino Com eſta noti-
cia, os Reis Catholicos mandáraõ re-
preſentar ao de Portugal, que as armas
ſe deviaõ ſuſpender, em quanto ſe exa-
minava a qual das Potencias pertencia
o novo deſcobrimento, no que El-Rei
naõ teve dúvida.

Para eſte fim mandou elle a Ruy
de Pina, e ao Doutor Pedro Dias,
que encontráraõ aos Reis em Barcelo-
na coroados de novos triunfos no Rei-
no de Napoles, e no ajuſte da paz com
França, ſenhores de Perpinhaõ, e do

Era vulg. Condado de Ruyſelhon. Nada concluíraõ os dous Miniſtros nas primeiras propoſtas; e como nada trouxéraõ decidido, e os Reis Catholicos queriaõ ganhar tempo, mandáraõ por ſeus Embaixadores a Lisboa o vaidoſo D. Garcia do Carvajal, e a D. Pedro de Ayala, coxo de huma perna: circunſtancias nos dous Miniſtros, que déraõ occaſiaõ a El-Rei para dizer: que eſta Embaixada de Caſtella naõ tinha pés, nem cabeça. Eſtes Embaixadores, como tambem vinhaõ a entreter, ainda deixáraõ o negocio ſem concluſaõ; gaſtáraõ o tempo em cumprimentos; leváraõ os dias em fazer oſtentaçaõ do ſeu fauſto brilhante; mas El-Rei, que naõ ſe ſatisfazia com delongas em negocio tanto do ſeu intereſſe, os deſpedio para elle applicar officios, que o levaſſem aos termos do ultimo complemento, como veremos no Capitulo ſeguinte.

CA-

CAPITULO VI.

Era vulg.

Da célebre Linha de Demarcaçaõ, com que os Reis de Portugal, e Caſtella dividiraõ entre ſi os dous hemiſferios Oriental, e Occidental, e outros ſucceſſos, que ſe ſeguiraõ.

SE a ambiçaõ do grande Alexandre, já ſem concurrentes no dominio do Univerſo, o fez chorar, quando nã extremidade do Globo lhe diſſéraõ, que naõ havia mais terra: ſeja o zelo da Religiaõ, ſeja o amor dos intereſſes ſem deſordem, ou ſejaõ as reflexões racionaes para a evitarem; os Reis de Portugal, e Caſtella, naõ rompendo a harmonia da concordia, mas por hum ajuſte amigavel entre ambos, determináraõ deitar ao Mundo huma Linha, que o dividiſſe pelo meio em dous hemiſferios iguaes habitados de Nações livres, para elles, com o pretexto eſpecioſo da Religiaõ, os conquiſtarem, o de Portugal o hemiſferio Oriental, e o Occidental o de Caſtel-

Era vulg. tella. A eſte fim, já ſentido do pouco fructo de duas Embaixadas, mandou El-Rei aos Catholicos de Heſpanha terceira reſoluta para ſer deciſiva, compoſta das peſſoas dos Miniſtros mais habeis, que foraõ Ruy de Souſa, ſeu filho D. Joaõ de Souſa, Ayres de Almada, Corregedor da Corte, e por Secretario o bem inſtruido Eſtevaõ Vaz.

Chegáraõ os Embaixadores a Medina del Campo, aonde eſtava a Corte, e fizéraõ os primeiros officios com tanta viveza, que os Reis houvéraõ de dar principio ás conferencias ſem demora. Taõ ſenhor eſtava El-Rei dos ſegredos do gabinete daquelles Principes, ou tanto tinha corrido por Heſpanha o ouro de Guiné ſahido das ſuas mãos, que deſde logo entrou a aviſar os ſeus Miniſtros das dúvidas, que ſe lhes haviaõ pôr, e em que dias, prevenindo-os com as reſpoſtas promptas, que elles lhes deviaõ dar. Repentes taõ acertados, que naõ podiaõ vir incluidos nas Inſtrucçõẽs por naõ penſados, alheios por ſua meſma natureza para

os

os Embaixadores por ſi proprios os re- Era vulg.
ſolverem ſem novo recurſo á ſua Cor-
te, fez conceber aos Reis a origem
verdadeira, donde naſciaõ, e entráraõ a deſconfiar dos do ſeu meſmo Conſelho. Bem póde ſer, que eſta deſconfiança abbreviaſſe a negociaçaõ, que com effeito ſe concluio á ſatisfaçaõ de ambos os Monarcas.

A diviſaõ do mundo, que elles fizéraõ entre ſi, a ſaber o hemisferio do Oriente para a conquiſta dos Portuguezes, o do Occidente para a dos Caſtelhanos, elles a remetêraõ ao Papa Alexandre VI.: mas como ainda nella ſe neceſſitava buſcar hum lugar, por onde paſſaſſe o Meridiano, que havia ſeparar eſtes dous hemisferios, o Papa o aſſignalou nas Ilhas dos Açores. Os Principes naõ contentes com eſta diviſaõ primeira, preſcrevêraõ outra Linha propriamente chamada de Demarcaçaõ, que paſſa 370 legoas ao Occidente das Ilhas de Cabo Verde. Brevemente foraõ perturbados eſtes ajuſtes pacificos; pretendendo ambas as Naçõeſ as ganancias vantajoſas, que

lhes

Era vulg. lhes promettia a poſſe das Ilhas Molucas em pimenta, cravo, e outras drogas: ambiçaõ, e avareza, que foraõ cauſa de apparecerem transformados todos os planos Geograficos.

Os Caſtelhanos pelas ſuas medidas, naõ ſó pretendiaõ inſinuar-ſe nas Molucas; mas em toda a terra, que ha entre ellas, e Malaca. Para iſſo ſuppunhaõ aquellas Ilhas affaſtadas do primeiro Meridiano ao menos 180 gráos, que por iſſo naõ podiaõ pertencer aos Portuguezes, nem eſtes pretendêrem mais, que a meia periferia de 180 gráos, que era o ſemicirculo da terra, que lhes tocava. Elles acreſcentavaõ, que o mar entre as cóſtas do Perú, e das Molucas, naõ tinha mais de 1600 legoas Heſpanholas de traveſſia, que correſpondem a 91 gráos, que ſommados com os 70, que ha entre o Perú, e o primeiro Meridiano, fazem 161 gráo, de ſórte que vinhaõ a ficar os Portuguezes com 19 gráos, ou 200 legoas de mais. Eſtes pelo contrario, firmados no ponto do ſeu hemisferio, que começava nas Ilhas dos Açores, ſup-

pu-

punhaõ as Molucas em 160 gráos de longitude; affirmavaõ, que ainda lhes faltavaõ 20 gráos para terem a ſua repartiçaõ completa; que por eſta conta, e para ſe encherem dos ſeus 180 gráos deſtinados ás ſuas conquiſtas, devia ſer o termo dellas o Japaõ, e as Ilhas dos Ladrões. Era vulg.

Empenháraõ-ſe os Mathematicos Caſtelhanos em ſuſtentar com theoremas o ſeu partido: o meſmo fizéraõ os Portuguezes, que levados dos eſtimulos de ſe fazerem os primeiros ſenhores das Eſpeciarias da Europa, ſe valêraõ de todos os meios para perſuadirem ao mundo, que as Molucas, e o Japaõ ſe continhaõ no ſeu hemiſferio. Como em Portugal ſe fizéraõ leis ſevéras, para que as longitudes da extremidade da Aſia naõ ſe pozeſſem nas Cartas, ſenaõ conforme as noſſas pretenções, e para que nós as mediſſemos calculadas pela obſervaçaõ dos eclipſes, daqui naſceo apparecer a Aſia mais abbreviada, do que nas cartas antecedentes. Os ſoldados porém, que naõ ſe embaraçavaõ com figuras,

Era vulg. e dimenſões aſtronomicas, pozéraõ a deciſaõ da cauſa no valor das armas, e á força dellas lançáraõ os Caſtelhanos das Molucas: talvez entendendo, que para titulo da ſua poſſe lhes baſtava, que ellas houveſſem ſido deſcobertas por hum Portuguez, qual era Fernaõ de Magalhães, ainda que occupado no ſerviço de Principe eſtranho.

Nós naõ podemos negar, que antes deſta contenda, as cartas Portuguezas tinhaõ pouca differença das de Ptolomeo: que depois ſe diminuíraõ tanto, que nellas ſe via a Aſia desfigurada, e a ſua grandeza contrahida a eſpaços taõ curtos, que mal podiaõ caber naquella parte do Mundo, reduzidos a Provincias, os Imperios, e Reinos vaſtiſſimos, de que ella ſe compoem. Com tudo deſtas medidas naõ fomos nós os inventores, nem os Caſtelhanos ſe pódem queixar ſó de nós. Para o fim dos noſſos intereſſes quizemos ſeguir a doutrina dos Arabes, que pelas obſervações dos eclipſes procuravaõ diminuir as diſtancias, e naõ-

nos

nos faltavaõ votos, que remettiaõ a Era vulg. decisaõ desta grande disputa ao metho-
do de medir as longitudes pelos eclip-
ses, como elles inventáraõ. Isto naõ
obstante, he certo que a nós nos
notavaõ de dissimulados, de astutos,
quando de repente supprimimos todas
as cartas geograficas, e maritimas,
que substituimos com outras, aonde o
mundo entrou a admirar perdida a fi-
gura da Asia. Tambem o fundamento
do Portuguez Fernaõ de Magalhães ter
sido o descobridor das Molucas, foi
olhado como titulo vaõ, quando elle
fez aquella viagem com as forças, e
ordens dadas pelo Imperador Carlos V.
a quem servia.

Em fim, nós firmámos as nossas
pretenções na doutrina dos Arabes; e
como as novidades costumaõ levar
as estimações, entráraõ as longitudes
a ser medidas pelos eclipses. Esta pa-
recia que tirava toda a esperança de
composiçaõ entre as duas Nações, dis-
putando nós nada menos, que pela dif-
ferença de 40 gráos, que fórmaõ a no-
na parte do Globo terraqueo: novi-

da-

Era vulg. dade, que exceptuando a Sanſaõ, e Duval, habeis Mathematicos, levou a pôz ſi o mundo todo. Ainda hoje ha diſcipulos deſta eſcóla, que por medirem a terra pela obſervaçaõ dos eclipſes, que eſtraga a Geografia, que deſfigura a Aſia, naõ repáraõ que cortaõ ao Equador 44 gráos, que lhe ſaõ neceſſarios para completar o número indefectivel dos ſeus 360 gráos, e que fazem aquelle roubo ao mar Pacifico.

Coartando eſta materia ſómente ao que pertence aos dous Principes D. Joaõ de Portugal, e D. Fernando de Caſtella, em quem vou fallando, deve-ſe ſaber, que feita a primeira demarcaçaõ pelo Papa Alexandre VI., El-Rei D. Joaõ, pela antiguidade do ſeu direito, eſcolheo o hemisferio Oriental, e D. Fernando foi obrigado a accommodar-ſe com o Occidental. Eſte Principe, que naõ via o de Portugal contente com a partilha, quando ſe lhe deixou livre a eſcolha; que ſoube eſcrevêra ao Papa queixando-ſe, e que o meſmo lhe fizera a elle; que

na-

naquella conjunctura naõ era a guerra conveniente, naõ reſpirando o Rei Catholico ſenaõ paz; elle, por proprio movimento, cedeo a D. Joaõ mais 70 legoas de Paiz, além das 400, que o Papa lhe havia entaõ adjudicado: concluſaõ feliz, que deſempedio a armada de Colomb para fazer os deſcobrimentos vantajoſos, que eu refiro. Era vulg.

No dia 25 de Setembro ſahio Colomb do porto com a fróta Caſtelhana, e depois de huma navegaçaõ longa, chegou á Ilha de Guadalupe, huma das Antilhas na America Septentrional, donde ſeguio a viagem para a Ilha Heſpanhola. Como naõ encontrou os Heſpanhoes, que deixára naquellas terras, e a Villa de Bom, que elle fundára, a achou reduzida a cinzas, edificou huma nova fortaleza, que em obſequio á Rainha, fez chamar Iſabel. Pouco depois deſcobrio a grande Ilha, que chamou Fernandina, e nós dizemos Cuba, que pela ſua vaſta extenſaõ entendeo ſer terra firme. Na Jamaica teve de ſe batter com os Indios,

que

Era vulg. que lhe diſputáraõ a entrada. Depois deſte combatte, que lhe foi feliz, voltou á Ilha Heſpanhola, aonde vio muitos Caciques determinados a lhe fazer a guerra com huma numeroſa multidaõ de Indios. Na primeira viagem havia Colomb contrahido amizade com Guacanagri, Senhor poderoſo do Paiz, que o ajudou a ganhar huma victoria completa ſobre os inimigos. Ella lhe adquirio tanta reputaçaõ, e os Caciques ficáraõ taõ cortados, que pode a ſeu ſalvo fundar huma boa fortaleza para ſegurar o Paiz, e coberto de ſegunda glória entrou em Caſtella entre vivas, e acclamações do Povo, favorecido de honras, e mercês do Principe juſtamente merecidas.

Ainda El-Rei eſtava em Torres Vedras, quando appareceo na Corte Monſieur de Lion, com a comitiva de mais de trezentos criados, que attrahido da fama de taõ grande Principe vinha ouvir a ſua ſabedoria, conhecer o ſeu valor, e offerecer-ſe para o ſervir em Africa com a ſua numeroſa

fa-

familia. Elle fez a El-Rei huma falla pública, em que diſcorreo elegante ſobre eſtes tres motivos da ſua vinda a Portugal. Reſpondeo-lhe o Principe com elegancia taõ mageſtoſa a cada hum dos pontos da ſua Oraçaõ, que baſtou a reſpoſta para conhecer o Senhor Francez, que a ſapiencia del Rei era maior, que o rumor, que tinha ouvido. Naõ foi ſó de palavra o agradecimento Real, que ſe acompanhou da magnificencia das obras, com que o fez Conde de Gaſa em Africa; da riquiſſima baixella, quantidade de cavallos eſcolhidos, eſcravos de bella figura com que o regalou, e criando ſeus moços Fidalgos alguns rapazes diſtinctos, que trazia entre os muitos, e qualificados cavalleiros da ſua brilhante comitiva. Naõ foi eſte Senhor ſervir a Africa; porque aviſado da nova guerra, em que entrava França, houve de o ir fazer á ſua Patria. Era vulg.

Na meſma Villa de Torres Vedras ouvio El-Rei os cumprimentos officioſos, e acceitou em público o grande preſente, que o Rei de Napoles lhe

Era vulg. mandou offerecer por huma Embaixada ſolemne, que ſe reduzia a louvar as ſuas altas qualidades, e a cultivar huma amizade ſincéra O goſto, que podiaõ cauſar ao Principe eſtes effeitos da ſua bem eſtabelecida reputaçaõ, foi perturbado por hum novo ataque na ſaude, que o chegou ao ultimo perigo da vida. Quiz o Ceo ouvir o voto, que fez de ir a pé de Torres Vedras viſitar o Convento de Santo Antonio da Caſtanheira, como cumprio, quando ſe vio convalecido. No lugar da Atalaya o ſuſto da peſte obrigou a D. Joaõ de Souſa pouſar fóra delle; mas no meio dos perigos, El-Rei naõ ſe eſquecia de honrar os homens. Perguntou elle a D. Joaõ, aonde pouſava; e reſpondendo eſte, que fóra do lugar, diſſe o Prior do Crato, que naõ ſe haviaõ achado caſas, em que D. Joaõ coubeſſe. Naõ he eſſe o motivo, acodio El-Rei prompto; que D. Joaõ ſenaõ achaſſe caſas, tinha as minhas, e a minha meza. O Prior goſtaria taõ pouco deſte dito, como da reprehenſaõ; os Reis naõ tem aveço, nem di-

reito ; que lhe deo o meſmo Rei, Era vulg.
quando paſſou ſem tirar o gorro, entendendo que elle o naõ via por lhe ficar de cóſtas.

Deſtes lances ſaõ tantos na vida de D. Joaõ, que ſó elles podiaõ dar materia larga á Hiſtoria. Entre outros, naõ he para eſquecer o do honrado velho Ruy de Souſa, pai do meſmo D. Joaõ, que pedia a El-Rei huma mercê com tanta impertinencia, que elle enfadado lhe diſſe ſe retiraſſe da ſua preſença. Sentido depois por haver deſgoſtado o benemerito Fidalgo, foi a ſua caſa, e lhe ordenou mandaſſe fazer huma cama, que queria dormir a ſéſta. Chamou depois a D. Joaõ de Souſa, e preſentes pai, e filho, lhe diſſe: Ruy de Souſa, eu vos eſcandaliſei hoje, porque me fallaſtes como a Rei, e naõ como a homem: com tudo, como eu foſſe D. Joaõ voſſo filho, vos peço, que me perdoeis, porque eſtou muito ſentido do que vos diſſe. Os dous Fidalgos ſe lhe lançáraõ aos ſeus pés fallando-lhes as almas nas linguas ; e vindo a Corte a buſcar El-Rei, elle ſe re-

Era vulg. recolheo em público para o Paço com Ruy de Souſa á ſua maõ direita, e D. Joaõ ſeu filho á eſquerda. Outras deſtas acçõeſ innumeraveis referem as noſſas Chronicas, e ellas ſaõ os riſos, os agrados, os pedaços de ſi meſmos, com que os Reis ſem ſe dividirem, nem ſe defraudarem compraõ a bom mercado as joias ineſtimaveis dos coraçõeſ dos vaſſallos.

Quiz D. Joaõ povoar a Ilha de S. Thomé, que déra de juro herdade a Alvaro de Caminha, Fidalgo da ſua Caſa. Para eſte fim ſe lembrou, de que os Judeos vindos de Caſtella, além de viverem ſempre obſtinados na ſua cegueira, haviaõ faltado ao ajuſte de ſahirem do Reino no tempo, que lhes foi preſcripto, e que por eſta infracçaõ do contrato, todos eraõ ſeus eſcravos na fórma da meſma convençaõ. Valeo-ſe El-Rei deſte fundamento para lhes mandar tirar os filhos, e enviallos áquella Ilha, aonde apartados de ſeus Pais, ſeriaõ bons Catholicos, e go-

za-

zariaõ as commodidades da terra co- Era vulg.
mo seus povoadores. Com estes suc-
cessos damos por acabados os do an-
no de 1493, e no Livro seguinte con-
tinuaremos com os que nos faltaõ até
ao fim da vida del Rei.

LIVRO XXXII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Segue-ſe pela ordem dos tempos os mais ſucceſſos da vida del Rei D. Joaõ até ſe aggravar a ſua enfermidade.

Era vulg. 1494

A ILLUSTRISSIMA Rainha de Portugal D. Leonor, mulher del Rei D. Joaõ II., deixou entre nós memoria ſaudoſa pelas ſuas grandes virtudes, qualidades, e exercicios, que a faziaõ diſtinguir naquellas idades entre as altas peſſoas da ſua meſma qualidade, e caracter. Rainha, e Portugueza ſoube eſtimar a Naçaõ, e honrar a Patria. Ainda hoje ſe illuſtra ella com a inſtituiçaõ magnifica da Irmandade da Miſericordia, que muda o exercicio das ſuas ſete obras corporaes em cem boc-

cas mais ſonoras, que as da Fama pa- Era vulg.
ra gritarem os elogios ſublimes deſta
Princeza. A fundaçaõ do Convento ex-
emplar da Madre de Deos de Lisboa
he outro Padraõ immortal da ſua me-
moria. O da Anunciada, o Hoſpital
das Caldas, a Igreja Parrochial da
Villa da Merciana, a Capella imper-
feita da Batalha, as Merciarias de San-
ta Maria de Obidos, e as de Noſſa
Senhora da Graça de Torres Vedras
ſaõ outros tantos Obeliſcos, em que
ella gravou o ſeu nome para toda a
poſteridade.

Voltava o Rei ſeu eſpoſo de San-
tarén, aonde fora viſitar a Excellen-
te Senhora, e achou em Alcochete a
notica, de que ella eſtava com pou-
cas eberanças de vida em Setuval. El-
Rei ſobprendido com eſta nova infauſ-
ta, quaſi ſó ſe pôz a caminho, che-
gou alta noite a Setuval, e obſervou
o perig da Rainha maior, que o en-
carecimnto do aviſo. Ella ſe diſpôz
para morer recebendo todos os Sacra-
mentos om tanta piedade, pratican-
do actos le virtude taõ heróicos, que

pa-

Era vulg. parecia naõ ſe dever deſejar, que a mórte ſe differiſſe para outra conjuntura. Naõ eſtavaõ porém completos os termos da vida, que lhe foraõ preſcriptos; e o Rei, que inconſolavel a chorava ſem ella, veio a morrer hum anno depois, a Rainha lhe ſobreviveo trinta, ſopportando continuada a mórte da ſaudade por tempo taõ longo. Seus irmãos o Duque de Béja, e a Duqueza de Bragança lhe fizéraõ companhia officioſa todo o eſpaço da doença, e na melhoría o Rei em Lisboa, e os Eſtados da meſma Senhora, em feſtas públicas, e brilhantes, fizeraõ manifeſta a ſua extrema complacencia.

Sempre vigilante nas vantagens do Eſtado, para evitar as grandes leſpezas, que ſe faziaõ nos navios groſſos, que guardavaõ as cóſtas dos Cſſarios de Barbaria; eſtando El-Rei em Setuval fez tantas experiencias, de conſeguio ſer o Inventor de plantar nas caravellas, e embarcações ligeiras bombardas, e artilharia groſſa para tirar ao lume da agua. Taõ ſingula foi eſte in-

invento, que os Portuguezes com as pequenas embarcações assim armadas, fizérão amainar náos de alto bordo, e ellas se retiravão do seu encontro. Em quanto o nosso segredo senão fez público para ser imitado, nós conservámos no mar a grande superioridade, em que depois nos igualárão as outras Nações. Tambem foi obra sua por este mesmo tempo a Torre de Cascaes, a primeira, que para defender o porto, guarneceo de artilharia; e porque a grande náo, em que eu já fallei, não a mandou fazer, tanto para navegar, quanto para ser hum baluarte plantado no meio do Téjo, que o defendesse; depois que vio a segurança da Torre de Cascaes, mandou fazer o Fórte de Caparica defronte de Belém, e tinha ideado levantar no meio do rio, e feito o risco para a Torre deste nome; obra, que lhe atalhou a mórte, e que veio a conseguir a actividade del Rei D. Manoel. Era vulg.

Como a queixa, que mais, ou menos o molestava sempre, em Setuval se aggravava, por ser a terra humi-

Era vulg. mida ; depois de eſtar a Rainha convalecida , El-Rei foi com a Corte para Evora , aonde paſſou com alivio na hydropeſia , que ſe lhe principiava a deſcobrir. Aqui mandou elle a Alvaro Pacheco , e a Eſtevaõ Barradas , que foſſem por todo o Reino pagar até ao ultimo real a importancia da prata das Igrejas , e os dinheiros dos cofres dos Orfãos , que El-Rei ſeu pai tinha tirado por occaſiaõ da guerra de Caſtella : acçaõ digna de taõ grande Principe , igualmente juſta , e edificante. Seja que a equidade nelle foi de ſempre , ſeja que o temor da mórte viſinha atemoriſe aos Soberanos , que ſaõ homens , e tem Juiz , que os julgue , El-Rei informado de que as partes ſe ſentiaõ pela falta de deſpacho , que occaſionavaõ as ſuas queixas , elle deſtinou certo número de peſſoas habeis , que com aſſiſtencia dos Miniſtros de Eſtado , indefectivelmente deſpachaſſem todos os dias. Porque as aſſinaturas de tantos papeis , naõ ſó o mortificavaõ muito , mas cauſavaõ demoras aos intereſſados , para evitar ambos

os

os inconvenientes, mandou fazer duas Era vulg.
Chancellas com o ſeu ſignal, e na propria preſença firmavaõ tudo duas peſſoas da ſua confiança: meios, que lhe evitáraõ os eſcrupulos.

Neſta occaſiaõ lhe trouxéraõ da Cóſta da Mina grande cópia de ouro, que ordenou ſe pozeſſe em huma ſala do Paço para a moſtrar a algumas peſſoas. Como a fome maldita deſte metal dá tratos, faz violencias ao peito dos mortaes, Ruy de Sande, que vio tanto ouro, naõ pode conter-ſe ſem dizer para outros: que bem paſſaria a vida quem foſſe ſenhor deſte ouro. El-Rei, que o ouvio, lhe reſpondeo prompto: eu vo-lo déra todo, ſenaõ foſſe acçaõ, que já fez El-Rei D. Affonſo de Napoles. O genio deſte Principe, ſempre activo em conſervar o caracter da Mageſtade, ſuccedendo ir a Viana, para onde tinha deſterrado ao Biſpo de Evora, neto do primeiro Duque de Bragança: elle que ſahio a eſperar El-Rei, e foi tratado com agrados exceſſivos, entendeo que na volta podia fazer o meſmo até Evora, e deixar-ſe ficar

ſem

Era vulg. ſem pedir permiſſaõ. Ou foſſe porque El-Rei aſſim o entendeo, ou porque vio paſſar as cargas com os traſtes do Biſpo para Evora, o deixou ir na ſua companhia até quaſi aos muros da Cidade, aonde lhe diſſe: Biſpo, ſaõ horas de vós voltares para Viana. Aſſim o fez o deſconſolado Prelado, que levou toda a noite no caminho; mas paſſados poucos dias El-Rei o mandou chamar, e o tratou com muitas honras.

Com os Fidalgos, e poderoſos de Evora, que duvidavaõ vender o trigo a trinta réis o alqueire, que era o mais alto preço, a que tinha chegado, pelo eſperarem maior, uſou de outra ſeveridade jucunda, que os caſtigou ſem ſenſibilidade com dôr penetrante. Primeiro fez aviſar a todos quizeſſem vender o ſeu paõ a trinta réis. Naõ ſe moveo a eſta ordem mais que Manoel Mendes Cecioſo, que mandou logo quarenta moios para o terreiro, e aviſo a El-Rei, que ſe foſſe ſervido o vendería a vintem. No meſmo inſtante lhe foi remunerada a obediencia

com

com o preſente de dous eſcravos. Depois ordenou, que em quanto elle eſtiveſſe em Evora, ninguem vendeſſe trigo ſem ordem ſua; porque de Caſtella mandou vir tanto, que ſe vendeo por preço baixo, e o que havia nos celeiros dos avarentos deſobedientes ſe corrompeo, e o perdêraõ. Eſta foi a dôr penetrante com caſtigo ſem ſenſibilidade, que aquelle vicio cauſou aos eſpiritos, que para o nutrirem ſe deſvelaõ por emmagrecer os Póvos. Era vulg:

Á maneira da luz, que quando quer eſpirar, mais ſe inflamma, El-Rei, proximo ao ſeu fim, em obras, e palavras ſe ſublimava. Vaſtamente dilatadas as ſuas viſtas ſobre os augmentos da Religiaõ, e intereſſes do Eſtado, naõ quería differir para mais tempo a empreza, que havia projetado de mandar huma armada a deſcobrir a India. Para confortar os eſpiritos em huma tentativa, que ſe concebia esforço ſuperior á fortuna, á corage do homem, além da temeridade; foi neſta occaſiaõ, que elle deo o nome de Cabo de Boa-Eſperança ao das Tormentas, que elle man-

Era vulg. mandára descobrir , para nos infundir a esperança , de que nós seriamos os primeiros , que do ultimo Occidente fossemos vêr o berço do Sol , o seu Oriente , o seu nascimento no hemisferio opposto : que fariamos soar o Nome do Senhor , como nos estava promettido , nas vastas Regiões da Asia : que no centro dos seus Reinos, e Imperios arvorariamos triunfantes os nossos Estandartes : que os nossos navios devaçariaõ todos os golfos, pórtos , recostos , enceadas , e rios dos seus mares incognitos.

Preparou-se a armada ; offereceo-se para embarcar nella muita Nobreza ; foi nomeado General Vasco da Gama , o mesmo que nesta conjuntura nas intenções do Rei D. Joaõ II. , e depois escolhido por El-Rei D. Manoel , dous Soberanos illuminados o acháraõ benemerito para a expediçaõ, que até áquelle tempo viéra á idéa dos mortaes. A mórte pois , que os domina , e tudo atalha , cortou as del Rei D. Joaõ , que estava destinado para ter a glória , em nada inferior , de inven-

tar

tar o projecto, que D. Manoel por eleiçaõ da Providencia tinha de conſeguir. O meſmo General, que aquelle Principe elegêra, os meſmos navios, que eſquipára, os meſmos regimentos, que compozéra, ſervíraõ depois aos deſtinos affortunados del Rei D. Manoel, ambos os Monarcas com a igualdade de glória, que naõ ſe diſputa entre aquelles, que intentaõ as acções heróicas, que outros naõ preſumíraõ, e os que conſeguem as façanhas, que outros naõ lográraõ. Era vulg.

Quando o Duque D. Manoel, eſcolhido Operario para a ſementeira copioſa do grande Pai de Familias no Mundo Univerſo, no ſeu Ducado de Béja levava huma vida menos inquieta, mais tranquilla que a da Corte, para ſe eſconder á face dos ſeus inimigos, que lhes faziaõ officios deſconfórmes á ſua qualidade, e virtudes, já enfaſtiado de eſtar por tantas vezes expoſto aos impulſos do ciume, e do furor; El-Rei em Evora occupava os intervallos da ſua ſaude em fazer reſpeitada a Mageſtade. Por occa-

ſiaõ

Era vulg. siaõ das parcialidades, que entaõ se levantáraõ, especialmente entre o Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e D. Joaõ de Sousa, dous Fidalgos muito valentes, e bem aparentados, que houve receio se atacassem na mesma Casa Real, ou no terreiro della: El-Rei criou o primeiro Meirinho do Paço com doze alabardeiros, que sempre estavaõ á porta com ordem para matarem logo, sem excepçaõ de pessoa, a quem tirasse da espada dentro, ou á vista da mesma porta: ordem, que bastou para cessarem os bandos na Cidade.

Em huma das guerras de Maximiliano, Rei dos Romanos, pedio este Principe a Diogo Fernandes, Feitor em Flandres, lhe désse de empréstimo trinta mil cruzados, que elle lhe promettia, que El-Rei de Portugal seu primo se mostrasse para com elle bem servido por lhe fazer este obsequio. Deo-lhe o Feitor o dinheiro; mas temeroso da condiçaõ del Rei por exceder as suas ordens, lhe mandou huma narraçaõ fiel do que passára: con-

fes-

feſſou-ſe culpado, e ſe offereceo ao Era vulg.
caſtigo, que merecia o ſeu exceſſo. El-Rei lhe reſpondeo, que elle ſerviço algum lhe podia fazer maior, que ſoccorrer a ſeu primo o Rei dos Romanos; que lho agradecia com a mercê de 400$000 réis, que lhe dava; e que ſe Maximiliano tornaſſe a pedir dinheiro, lhe entregaſſe todo o valor da Feitoria.

Sempre judicioſo El-Rei, ao Conde de Borba D. Vaſco Coutinho, que naturalmente fallava muito alto, e quando ſe affectava, taõ baixo, que ſó elle ſe ouvia; ſervindo-ſe em hum Conſelho deſte ſegundo tom para dar o ſeu parecer prudente, lhe diſſe El-Rei: Conde, os voſſos baixos ſaõ taõ baixos, que ninguem os entende, e os voſſos altos taõ altos, que ninguem ſe entende com elles. Com eſtes apophthegmas de inſtrucçaõ corrigem os Principes defeitos ſem moleſtia, antes com eſtimulos da gratidaõ. Aſſim ſuccedeo ao Commendador Mór, que chamando na preſença do meſmo Rei Gonçalinho a Gonçallo da Fonſeca, que

Era vulg. era valente Cavalleiro de pequeno corpo, elle lhe voltou de repente: Se vós Commendador Mór vos tomares com elle, haveis encontrar hum Gonçalaõ. Ultimamente, quando El-Rei assim disfarçava a acerbidade da sua queixa, o Reino attento a ella, naõ cessava de encaminhar preces ao Ceo pela conservaçaõ de huma vida em si estimavel, á Religiaõ, e Estado taõ necessaria.

CAPITULO II.

Das ultimas acçõẽs del Rei D. Joaõ II. até ir para as Caldas de Monxique no Algarve, aonde se lhe engraveceo a queixa.

COMO a condiçaõ de mortaes comprehende aos Vice-Deoses da terra, que saõ os Reis, e a continuaçaõ da molestia do de Portugal cada dia o aproximava a pagar aquelle tributo da sua natureza; a Rainha attenta ao bem do Reino, e ao direito de seu irmaõ o Duque D. Manoel, lhe pareceo, que

era

era tempo del Rei nomear ſucceſſor, e com eſte deſignio fez que o Duque vieſſe á Corte. Em quanto a Rainha ſe occupava neſtas idéas juſtas, e El-Rei ſe divertia em enfeitar Evora com a renovaçaõ do Aqueducto das Aguas da Prata, e outras obras de utilidade, e formoſura para huma Cidade, que entaõ ſe compunha de mais de quatro mil, e quinhentos viſinhos; atacou-a a peſte, que andava ſaltando pelos lugares do Reino. Era vulg.

Em dous negocios grandes ſe occupava El-Rei antes de ſobrevir a Evora eſta calamidade, que ſe acompanhou da fome, ambos os inimigos inexoraveis, que leváraõ muitas vidas. O primeiro eraõ as pretenções dos Reis de Heſpanha, que por Emiſſarios occultos faziaõ as inſtancias mais vivas na noſſa Corte, para que El-Rei entraſſe na Liga, que elles determinavaõ ajuſtar com todos os Principes Catholicos contra Carlos VIII. Rei de França. D. Joaõ, que conſervava com eſte Principe amizade fiel, e antiga, mandou por Eſtevaõ Vaz eſcuſar-ſe

Era vulg. deſta demanda; mas por huns modos taõ vagos, e incertos, que nem lhe empenhaſſe a palavra, nem os Reis perdeſſem as eſperanças.

Ao ſegundo negocio deo occaſiaõ a eſterilidade do Alem-Téjo, que fez ſaber a El-Rei, como a falta de Lavradores era a cauſa de ſenaõ cultivarem as terras: que os poucos exiſtentes, em lugar de tirarem fructo do ſeu trabalho, eſtavaõ reduzidos a huma pobreza ſumma: que á ſua miſeria contribuia menos a falta de grãos, que as ſommas exorbitantes de tributos com que os carregavaõ: que todo Portugal era intereſſado na conſervaçaõ, multiplicaçaõ, e iſenções de huns homens, que alimentavaõ a Patria, augmentavaõ o valor das terras, faziaõ aos Fidalgos ricos, ao Eſtado florecente: que era do Real dever avançar a Agricultura, aliviar de tributos, conceder graças aos Lavradores, como meios de ſe augmentar o número, e as diligencias neſſes operarios indiſpenſaveis, que alguns dos Reis ſeus predeceſſores chamáraõ os *Nervos da Re-*

Republica. Quando ſe tratavaõ eſtas duas materias ponderoſas, entrou em Evora a péſte, que obrigou El-Rei a ſahir para a Villa das Alcaçovas. Era vulg.

Neſta jornada o acompanháraõ a Rainha, o Duque de Béja, e ſeu filho D. Jorge; mas a renovaçaõ da moleſtia com maior força, fez inuteis todas as precauções. Naõ impediraõ eſtes deſgoſtos pezadiſſimos nas Alcaçovas entre El-Rei, e a Rainha, teimoſa eſta Senhora em naõ querer vér, nem dar a maõ a beijar a D. Jorge, ainda que para iſſo a inſtavaõ com vivas perſuações ſeus irmãos o Duque de Béja, e a Duqueza de Bragança. Tratava-ſe por ultimo remedio de applicar a El-Rei as Caldas, e duvidava-ſe ſe haviaõ ſer as de Monchique, ou as de Obidos, quando Ruy de Souſa o mandou aviſar, que D. Affonſo da Silva, irmaõ do Conde de Cifuentes, com o caracter de Embaixador dos Reis Catholicos hia em marcha a pedir-lhe audiencia. Veio eſta Embaixada a tempo, que o Rei de Heſpanha tinha mandado deſfilar para a fron- 1495

tei-

Era vulg. teira quantidade de trópas com ordem, em ſendo tempo, de entrarem em Portugal, e que á força de armas ſuſtentaſſem o partido do Duque D. Manoel na ſucceſſaõ do Reino contra o de quaeſquer outros concurrentes.

O Embaixador affectou encontrarſe com El-Rei no caminho, quando ſe recolhia a cavallo de Viana para as Alcaçovas. El-Rei esforçou-ſe para moſtrar ao Embaixador, que naõ temia ameaças; e paſſados os primeiros cumprimentos, botou o cavallo adiante com deſtreza, moveo quatro vezes o braço direito com agilidade, e voltando-ſe para o Embaixador, lhe diſſe alto: D. Affonſo, eſte braço ainda eſtá capaz de dar humas poucas de batalhas: e ſuſpendendo hum pouco a voz, continuou: *contra os Mouros.* O Embaixador reſpondeo com promptidaõ Heſpanhola: El-Rei meu Amo o que deſeja he ſaber boas novas de Voſſa Alteza, e eſtima, que a ſua ſaude eſteja mais vigoroſa do que lhe haviaõ dito.

Na audiencia, que eſte Miniſtro te-

teve del Rei nas Alcaçovas, lhe pro- Era vulg.
pôz da parte do Rei ſeu Amo: Que
elle o convidava para entrar na Liga,
em que já lhe mandára fallar, repa-
rando nos intereſſes avultados, que lhe
reſultariaõ, por ſe involver nella naõ
menos, que a importancia da paz ge-
ral: que os Paizes de Italia ſe chora-
vaõ opprimidos de huma deſolaçaõ ex-
trema, impoſſivel de naõ mover toda
a Chriſtandade para 'deter o curſo da
perſeguiçaõ, que naõ diſtinguia o ſa-
grado do profano, o culpado do inno-
cente: que o caracter veneravel do Pa-
pa naõ era attendido, a ſua peſſoa Sa-
grada andava profuga, para ſe retirar
ás indignidades, que lhe fulminava hu-
ma cólera indiſtincta: que o Patrimo-
nio de S. Pedro ella o levava em pre-
za ras invasões, nos roubos, nos in-
fultos, que naõ ſe faziaõ toleraveis aos
Principes, que eſtimavaõ a Deviſa de
Catholicos: que todos eſperavaõ vêr
o partido, que elle tomava, para eſ-
colherem o que haviaõ ſeguir, ſendo
tal a ſua reputaçaõ, que aſſim tinha
ſuſpenſos aos maiores Monarcas, co-

mo

Era vulg. mo Expectadores das reſoluçõẽs da ſua ſabedoria, da ſua prudencia, do ſeu valor para lhes ſervir de exemplo.

Reforçou o Embaixador os ſeus officios com quanto elle ſoube inventar de energico, de fórte, reſpeitoſo, e de tocante; concluindo quanto ſe faria ſenſivel ao Papa, aos Venezianos, ao Rei dos Romanos, ao Duque de Milaõ, aos Eſtados de Florença, e aos Reis Catholicos ſeus Amos, que em attençaõ ao Reino de Napoles tinhaõ tanto intereſſe neſte negocio, e elle recuſaſſe, ou differiſſe por mas tempo entrar na Liga, de que dependia o ſocego da Europa. Em todo o diſcurſo da ſua Oraçaõ o Embaixador naõ fallou huma ſó palavra, naõ romeou o Rei de França, nem declarou expreſſamente a El-Rei, que na Liga tomaſſe eſte, ou aquelle partido; ſempre neutral neſtes dous objectos, que faziaõ toda a alma da negociaçaõ El-Rei, que o ouvira atento, e penetrára ſubtil, naõ lhe demorou a reſpoſta, em que lhe fez vêr com a claridade da ſua illuminaçaõ inimitavel;

Co-

Como elle naõ ignorava as invaſões do Rei Carlos de França em Napoles; a ſua ida a Roma com o pretexto de reformar a Igreja, de depôr o Papa Alexandre, de fazer, que ſe procedeſſe a eleiçaõ de novo Pontifice: como naõ ignorava os ſegredos mais reſervados, que ſe tratáraõ na Liga; mas que diſcorrendo nella com a circunſpecçaõ, que requeriaõ materias de tanto pezo, achava ſer huma injuſtiça da ſua parte encoſtar-ſe elle a alguma dos Principes contratantes: porque, quando reparava, que a Liga havia ſer contra alguns delles, ſe olhava para os Reis Catholicos, os via ſeus parentes, ſogros de ſeu filho, ſempre ſeus amigos deſde o tempo, que elle era Rei: ſe reparava no dos Romanos, encontrava-ſe com hum Primo Irmaõ, que nunca lhe faltára ao obſequio: ſe attendia ao de França, elle era hum amigo, e alliado antigo das idades dos ſeus predeceſſores até-gora: ſe punha os olhos em Veneza, Milaõ, e Toſcana, deſcobria tres Eſtados, que já mais o offendêraõ; que Era vulg.

com

Era vulg. com o ſeu nunca rompêraõ o trato, e que ſería huma iniquidade declarar-lhes a guerra.

Que em quanto ao Papa, ainda que ſoubeſſe que a ſua ambiçaõ manifeſta lhe acarretára as deſgraças, que padecia; que os ſeus inimigos naõ lhe faltavaõ ao reſpeito da Dignidade, mas da peſſoa; que naõ obſtante lhe ſer taõ pouco obrigado, como o mundo ſabia na recuſaçaõ das graças, que lhe demandára, algumas dellas juſtas, naõ lhe convinha encarregar-ſe de o defender, nem de offendello: defendello naõ, pelas poucas obrigações, que lhe devia: offendello ainda menos, porque era Vigario de Jeſus Chriſto, e Succeſſor de S. Pedro: que neſtes termos, ſería mais conveniente conſervar-ſe neutral para algum dia ſervir de Medianeiro; e que além diſſo as ſuas moleſtias contínuas naõ lhe permittiaõ lugar para negocios eſtranhos, quando ellas, e os do Reino mal lhe davaõ tempo para exercitar os deveres da peſſoa, é as obrigações de Pai, Defenſor, e Soberano dos ſeus Póvos.

As

As inſtrucçõ̃es do Miniſtro, que mais particularmente ſe encaminhavaõ a mandallo obſervar os movimentos, que cauſava a moleſtia del Rei, e entreter, ſem elle o penetrar, as peſſoas, que o podeſſem inſtruir das ſuas intenções: ouvida ao Principe huma reſpoſta taõ preciſa, que naõ tinha mais réplica, que a ſua prompta retirada, El-Rei eſperou lhe pediſſe audiencia de deſpedida. Elle ſuccedeo tanto pelo contrario, que o Embaixador lhe fez ſaber, como elle trazia ordens de ſeu Amo para ficar em Portugal reſidindo com o caracter de Miniſtro ordinario. Naõ eſperava El-Rei por tamanho obſequio de Caſtella com as ſuas trópas ameaçando Portugal na fronteira; mas devendo condeſcender, e naõ ignorando, que os deſignios daquelle Principe eraõ informar-ſe por eſte meio de quanto ſe paſſava na Corte: mandou, que o Embaixador ſe retiraſſe para Eſtremoz em quanto elle hia ás Caldas do Algarve, e naquella Villa o teve rodeado de Fidalgos, e Cavalleiros da ſua confiança, com tan-

Era vulg.

Era vulg. ta vigilancia ſobre elle, que naõ eſcrevia carta a ſeu Amo, que elles naõ tomaſſem, e a remeteſſem a El-Rei.

Nada mais eſperava elle para ſe reſolver a tomar o remedio das Caldas, que a vinda de vários hydropicos, que mandára ás do Algarve, e ás da Rainha para ſe obſervar quaes produziaõ melhores effeitos naquella qualidade de queixa. Succedeo chegar das do Algarve perfeitamente ſaõ hum moço do Doutor Pedro Dias, e logo ſe determinou a jornada para Monchique em tempo taõ incompetente, que eraõ os primeiros dias de Outubro, quando já principiaõ a esfriar as aguas. Unicamente o Meſtre Leaõ, Medico Judeo, impugnou a reſoluçaõ, e naõ quiz acompanhar a El-Rei, a quem dizia, que ſe matava. Como os mais Fyſicos o contradiſſéraõ, e a jornada ficou determinada, partio adiante Joaõ Fogaça para prevenir o que era neceſſario nos tranſitos até Monchique, e ter preparado o cómmodo nas Caldas.

Tratar os negocios da alma, e fazer

zer o ſeu Teſtamento para nomear Suc- Era vulg.
ceſſor á Coroa, foraõ as primeiras providencias, de que El-Rei ſe ſervio antes de partir, como Catholico, e illuſtrado. Para os actos de Religiaõ chamou ao ſeu Confeſſor Fr. Joaõ da Povoa, Religioſo Franciſcano, ſabio, e de vida ſanta, Piloto déſtro para o governar na viagem da Eternidade. Com elle ſe confeſſou larga, terna, e miudamente, e da ſua maõ recebeo o Sacramento, que ſendo o Paõ pingue, que dá delicias aos Reis, elle lhe ſervio de conforto para reſiſtir aos ataques da natureza no ponto, que tinha de formar toda a eſſencia do ſeu Teſtamento. El-Rei principiava a fazello na ſua ante-camara, quando o Duque de Béja D. Manoel chegava á porta, aonde eſtava o moço da Camara Garcia de Reſende, depois Chroniſta do meſmo Rei, que lhe perguntou ſe queria, que levaſſe recado. O Duque informado do que El-Rei fazia, naõ o conſentio, e ſe aſſentou a fallar com Ayres da Silva, e com Antaõ de Faría. Eſta acçaõ de hum Principe em

de-

Era vulg. deſagrado, de hum herdeiro por força, que naõ he vulgar encontrar-ſe em peſſoas com eſtas duas qualidades, taõ cheia de modeſtia, e ſobmiſſaõ, mereceo a approvaçaõ del Rei, e bem podería ſer hum dos auxilios, que o acabou de mover ao que devêra.

Approvado o Teſtamento, El-Rei o fez aſſignar por ſete teſtemunhas; ſendo as primeiras o meſmo Duque D. Manoel, e o ſenhor D. Jorge. Immediatamente ſe eſpalhou a voz, de que El-Rei deixára nelle em branco o lugar, aonde ſe havia eſcrever o nome do Succeſſor do Reino. Affirmava-ſe, que a Antaõ de Faría ſe déra ordem para lançar nelle o de D. Jorge, que quería El-Rei preferiſſe ao Duque por ſer ſeu filho. Aſſegura porém hum dos noſſos Authores de maior conſideraçaõ entre nós, que Antaõ de Faría, vaſſallo mais fiel, que Aulico liſongeiro, tivéra a ouſadia de reſiſtir a eſta ordem: que repreſentou com firmeza ao Rei a injuſtiça enorme, que ſe fazia; a mancha inapagavel, que deitava á ſua memoria; os perigos evidentes

tes a que deixava o Reino expoſto, ſe elle nomeava Succeſſor a D. Jorge: que ſe lembraſſe, como eſte Principe depois da ſua mórte ficava ſem amigos, ſem forças, ſem alliados, ſem columna a que encoſtaſſe as ſuas pretenções: que pelo contrario ao Duque ſeu concurrente tudo ſobrava; columna a ſucceſſaõ de herdeiro legitimo, e a Rainha reinante; alliados todos os Principes da Europa ſeus parentes, e os de Caſtella ſeus officioſos; forças as de todo Portugal, Heſpanha, e as mais que elle pediſſe; amigos quantos Portuguezes, e Eſtrangeiros havia inſtruidos nas qualidades amaveis de D. Manoel. Era vulg.

Nunca Antaõ de Faria deo a conhecer a El-Rei como agora o fundo dos ſeus talentos, e ſinceridade. Elle ſe moſtrou hum Fidalgo inteiramente deſpido das paixões de homem no ponto politico, em que deſcobrio, que outro algum ſentimento o occupava além da glória do ſeu Principe, e do repouſo da ſua Patria. Mettido debaixo dos pés o intereſſe proprio, deſpreza-

Era vulg. zado o amor da vida, elle quiz antes por hum impeto de generoſidade ſacrificar quanto ha no mundo de amavel, que deixar de pôr na face do Rei huma verdade ingenua, que nada podia contraſtar na oppoſiçaõ ás meſmas inclinaçõeſ Reaes. Foſſe muito embora intereſſante a Antaõ de Faria, que D. Jorge reinaſſe para ter hum Eſcudo, que o cobriſſe aos golpes do reſentimento de D. Manoel, pelo concurſo que elle déra para a mórte de ſeu irmaõ o Duque de Viſeo: que elle preferio a tudo a reputaçaõ, a juſtiça do Principe, o ſocego, a vantagem do Reino.

Hum Principe taõ cheio de equidade como D. Joaõ II. naõ podia deixar de ſe penetrar da demonſtraçaõ, que acabava de ouvir. Lutando no ſeu interior a razaõ, e a natureza, com o ſemblante inalteravel diſſe a Antaõ de Faría, que quería repouſar hum pouco. Só, e em ſilencio, elevando-ſe a alma a ſi ſobre ſi, com tanto mais de ſublimidade, quanto mais a profundava o pezo das razõeſ, que acabá-

bâra de ouvir ; de hum golpe corta El-Rei os nós, que apertaõ a todos os homens, e já naõ duvída encher o vacuo, que deixou no Teſtamento com o nome de D. Manoel, que elle naõ podia diſpenſar de ſer ſeu Succeſſor. Eſte triunfo de ſi meſmo, naõ ſó deſterrou do eſpirito del Rei todos os remorſos, mas lhe encheo a alma daquellas complacencias, que ella naõ póde eſconder quando ſe vê ſolta das ligaduras da injuſtiça. Era vulg.

CAPITULO III.

De como El-Rei partio para as Caldas de Monchique no Algarve, e do que lhe ſuccedeo ate á ſua morte.

BEM ajuſtadas por El-Rei as contas nos negocios da alma, e do Reino, ordenando que a Rainha, e o Duque partiſſem para Setuval, donde haviaõ ir para Santarém; elle com ſeu filho D. Jorge, nos primeiros dias de Outubro ſe pôz em marcha para o Algarve. Sahio das Alcaçovas, e fez o tran-

Era vulg. ſito pelas Villas de Ferreira, Meſſejana, Santa Clara, donde entrou na ſerrania intractavel, que vai a Monchique. Com o movimento da jornada ſentio El-Rei algum allivio; mas neſte lugar principiou a incommodallo o frio da Eſtaçaõ já avançada, incompetente para o remedio. Os Medicos o aconſelhavaõ, que ſenaõ metteſſe nos banhos em tempo taõ improprio; mas elle, que ſe ſentia vigoroſo, ſe reſolveo a experimentar os primeiros com effeito taõ prompto, que entendeo eſtar convalecido. Deſejoſo do movimento, perguntou aos Medicos ſe poderia divertir-ſe na caça. Eſtes homens condeſcendentes, ou na verdade ignorantes dos perigos da agitaçaõ no uſo de ſemelhante remedio, naõ quizéraõ cortar-lhe o goſto, conviéraõ, e o matáraõ. Sciencia feliz, que dá poderes de mórte ſobre os que ſaõ ſenhores das vidas!

Immediatamente ella conſentio no abuſo do allivio, El-Rei ſe achou taõ mal, que ſe recolheo do campo com huma dôr activa, e o ventre taõ laſſo,

que

que lhe originou a mórte. Em flôr ſe murchãraõ as eſperanças, mudou-ſe em afflicçaõ o goſto da melhoria, e o Principe incapaz de reſidir mais tempo naquella ſolidaõ indigeſta, e melancolica, ſe retirou para o Caſtello da Villa de Alvor, aonde chegou com trabalho, e ſe aquartelou nas caſas de Alvaro de Attaide. Como a eſtreiteza do Caſtello, e da Villa naõ dava lugar para o cómmodo da Corte, D. Jorge foi com muitos Fidalgos para Villa Nova de Portimaõ, aonde o hoſpedou D. Martinho de Caſtello-Branco, que depois foi ſeu Conde. El-Rei tambem quiz eſta ſeparaçaõ para poder eſtar ſó com o Duque de Béja, ao qual eſcreveo logo duas vezes aviſando-o do ſeu perigo, e dando-lhe ordem para vir de Setuval a Alvor. Era vulg.

Eſte Principe ainda naõ eſtava bem inſtruido das verdadeiras intenções del Rei para com elle, e entendeo devia differir a ſua partida naõ obſtante a preciſaõ das ordens. Duas paixões occupáraõ o eſpirito do Duque á viſta

Era vulg. deſtes aviſos; huma de politica, que lhe perſuadia que o fim de ſer chamado a Alvor, era para o apartarem das viſinhanças de Lisboa; que valia tanto como arrancallo dos braços dos ſeus amigos: outra de temor da cólera, do ciume do Rei, que intentaría fazello victima do amor do filho, como tropeço, que lhe impedia a ſobida ao Throno. Enganáraõ ao Duque as ſuas idéas; porque El-Rei no eſtado deploravel, em que ſe achava, quería communicar-lhe em peſſoa, com a voz ainda viva, a eleiçaõ, que fizéra delle para ſeu ſucceſſor: queria dar-lhe huma inſtrucçaõ completa dos ſegredos, que até entaõ no ſeu peito reſervava como myſterios: quería dar-lhe huma noçaõ perfeita dos negocios públicos, e particulares do Eſtado: quería, já que a mórte o levava ſem ter no mundo pai, nem mãi, filho, nem filha, irmaõ, nem irmã, como o lamentava o ſeu Chroniſta Garcia de Reſende, ter a conſolaçaõ em tanto deſamparo de vêr o ſucceſſor, que deixava á ſua herança: quería, em

fim,

fim, recommendar-lhe a ſeu filho D. Jorge; porque era Pai. Era vulg.

Como o perigo ſe avançava, e El-Rei eſtava impaciente por vêr o Duque, a toda a diligencia foi terceiro aviſo por Antonio de Miranda, immediatamente ſeguido de D. Martinho de Noronha. Veio o Duque até ao lugar de Colos, aonde os ſeus politicos lhe aconſelhárão não paſſaſſe adiante; mas para ſalvar a obediencia como na ordem ſe dizia, que tambem vieſſe a Rainha, o pretexto de a conduzir foi o que tomou o Duque para retroceder. Voltou elle para Alcacere, mandando antes por Fernão Martins Maſcarenhas dizer a El-Rei, que elle hia chamado da Rainha para a acompanhar na jornada, que ſem demora quería fazer a Alvor. A queixa a cada momento hia de mal em peior, e tanto, que El-Rei eſteve muitas horas ſem acordo, de que naſceo chegar a Lisboa a voz de morto. Entaõ ſuccedeo na fiel aſſiſtencia, que lhe fizéraõ Ayres da Silva, e o Prior do Crato, puchar-lhe eſte pelas barbas para

Era vulg. o deſpertar. Abrio El-Rei os olhos, e lhe diſſe com voz languida: Eſſa maõ, Prior, ſería mais honeſta, ſe em lugar das barbas, me pegaſſe nos pés. Eſpirito ſublime, que até na hora das humiliaçõ̃es do corpo, naõ̃ pode ſoffrer a menos decencia ao docoro da Mageſtade.

Até ao dia 22 de Outubro eſteve El-Rei neſte perigo, que deo occaſiaõ̃ a mandar-ſe hum barco a Lisboa para trazer os apreſtos do funeral. Com a ſua chegada as gentes, querendo encher os deveres das peſſoas, ou lançar as linhas á fortuna, rodeáraõ̃ obſequioſas ao Duque D. Manoel, pondo já os olhos, como ſervos, nas mãos do ſeu Senhor. No dia 23 amanheceo o Rei com tanta melhora, que deſmentia os inſultos antecedentes, e foi tanto o goſto nos Póvos, que vinhaõ̃ de tropel indicando o ſeu alvoroço. Ordenou elle, que a ninguem ſe fechaſſem as portas, por ter alivio em vêr a todos, e que todos o viſſem a elle. Voou pelo Reino eſte ſegundo rumor, que chegou á Rainha confirmado por hu-

ma

ma carta assignada pela propria maõ Era vulg.
del Rei. Os partidarios do Duque, antes alvoroçados, sentíraõ menos de prazer, que o commum dos Póvos, que em votos clamorosos ao Ceo faziaõ evidentes os excessos da alegria. Nas Cidades, e Villas crescia ella ao passo, em que successivamente hiaõ recebendo as cartas, que El-Rei mandára escrever a todas com a individuaçaõ do accidente passado, e noticia da melhora repentina, porque deviaõ dar a Deos as graças.

Outros eraõ os Decretos Divinos, bem oppostos ás nossas esperanças. Dous dias durou o allivio apparente, que degenerou em simptomas mortaes irremediaveis. Tinha El-Rei despedido a seu filho D. Jorge, que o viéra visitar de Villa Nova, quando hum ataque repentino mudou a consolaçaõ do dia em huma noite de amargura. No Sabbado amanheceo com tanta prostraçaõ, que ordenou aos Medicos lhe dissessem sem interlocuções, nem rebuço o estado da sua vida, naõ sendo a Eternidade negocio, que se tratasse

com

Era vulg. com politicas. Fizéraõ elles Junta, em que déraõ ſentença de mórte, participada a D. Diogo Ortiz, Biſpo de Tangere, e ao Prior do Crato para a intimarem a El-Rei. Elles o fizéraõ penetrados de dôr, e o perſuadíraõ a que em nada mais ſe occupaſſe, que nos preparos para a ultima jornada indiſpenſavel a todos os homens. Ainda que a voz morrer aos mais intrepidos atemoriſa, El-Rei a ouvio com tanta tranquillidade de animo, quanta ſeria a da ſua conſciencia, unico conforto, que deſpreza o fantaſma myrrhado, de que a noſſa natureza ſe eſpanta.

Depois que o Principe fez aos preſentes huma falla edificante propria do tempo, em que a alma illuſtrada conhece, e atropella os enganos do mundo, para todos vaidade, e para os Grandes vaidade de vaidades, tudo vaidade: Elle mandou, que na caſa naõ houveſſe mais ornato, que o de hum Altar com o Sagrado Traſumpto de Jeſus Chriſto crucificado para recordar nos Myſterios da Paixaõ as li-

ções, que déra toda a vida, e que nas occasiões mais criticas lhe regulárão os transportes de genio altivo, e colérico. Ordenou lhe pozessem a cama em terra para imitar os desprezos, que o Exemplar Divino padecêra na mórte; e chamando ao Camareiro Mór Ayres da Silva, o fez escrever, e lhe ditou hum Codicilio, que assignou depois de lido. Nelle nomeou, e reconheceo de novo ao Duque de Béja por successor da Coroa, e criou Duque de Coimbra a seu filho D. Jorge; recommendando-lhe cumprisse os seus deveres para com D. Manoel, e lhe beijasse a mão como a seu Rei, e Senhor. Era vulg.

Tambem differio ao requerimento de Ayres da Silva, convindo que elle, e seu cunhado D. Alvaro de Castro, Veador da Fazenda, fossem ambos levar o Codicilio ao Duque, que estava em Alcarece, para onde partírão effectivamente. O Prior de Lagos trouxe os Oleos Santos, com que o ungio na presença dos Bispos, e Capellães; enchendo a todos de edificação os actos

Era vulg. tos pios, e fervorosos, que elle praticou na recepçaõ deste auxilio extremo da fragilidade do homem. Já sem a perturbaçaõ das assistencias officiosas, e lisongeiras, El-Rei todo com Deos, e só comsigo, entendeo que devia pedir perdaõ por escrito dos aggravos passados á Rainha, irmã do Duque de Viseo, a sua sogra a Infante D. Brites, mãi do mesmo Duque, e ao Cardeal da Cósta, recompensando a todos tres com palavras de dôr, e humildade as afflicções, que lhe causára com a cólera, e terror. Nestas cartas sentia a tempo o desengano, que pelo desprezo dos seus conselhos, se houvesse transtornado a ordem da justiça; que as suspeitas mal provadas houvessem sido origem de vinganças; que o amor desordenado de reinar naõ se embaraçasse nas considerações da amargura indeffectivel, que havia vir a causar-lhe a effusaõ do Sangue Real, e justo.

Em quanto se passavaõ em Alvor as cousas, que tenho referido, e que naõ se ignoravaõ em Castella, os Reis

Ca-

Catholicos mandáraõ ordens apertadas aos Duques de Alva, e Medina Sidonia, que eſtavaõ na fronteira, para que ao primeiro aviſo do Duque de Béja D. Manoel entraſſem por Portugal com o maior número de trópas, que lhes foſſe poſſivel; que marchaſſem a offerecer-lhas, aonde elle eſtiveſſe; que levaſſem á eſpada todas as outras pretenções ás Coroa, que naõ foſſem as ſuas; que naõ a embainhaſſem, nem retrocedeſſem em quanto naõ o deixaſſem pacifico aſſentado no Throno dos ſeus Maiores. Os dous Chéfes ſe fizéraõ preſtes para a execuçaõ deſtas ordens, que ſaõ huma próva da equidade, e affecto dos ſeus Soberanos; mas as ſuas armas naõ foraõ neceſſarias mais que por huma prevençaõ prudente dos meſmos Principes, que naõ podéraõ conter-ſe nos louvores del Rei D. Joaõ, quando ſoubéraõ, que a ſua juſtiça, atropelando os impulſos da natureza, déra na Coroa de Portugal a D. Manoel o ſeu a ſeu dono. Era vulg.

Muitos caſos exemplares, dignos de

Era vulg. de ſer lembrados, e exercitados por El-Rei nas ultimas horas da vida, naõ devo eu deixar em ſilencio. Dando-lhe a aſſignar hum padraõ de certa renda, que deixava a D. Anna de Mendoça, mãi de ſeu filho D. Jorge, lhe cahio da maõ a penna, e ſe lhe ſoltáraõ as lágrimas. Quizéraõ conſolallo os aſſiſtentes, mas elle lhes reſpondeo: Deixai, que chore o bicho com a lembrança dos erros, a que naõ reſiſtio covarde. Ao Biſpo do Algarve D. Joaõ Camello, que vivia com mais liberdade, da que ao ſeu eſtado era permittido, reprehendeo deſte modo: Biſpo, eu me aparto mui deſcontente de vós; peço-vos por amor de mim, que daqui em diante vivais como Deos quer. A Franciſco da Cunha, que lhe pedio huma mercê pelas Chagas de Jeſus Chriſto defferio logo, e entaõ declarou que em toda a ſua vida nada negára do que por interceſſaõ taõ efficaz ſe lhe pedíra. A D. Martinho de Caſtello-Branco, que queria paſſaſſe o Senhorio de Villa Nova a ſeu filho, diſſe: Eu eſtou já tal, que ſe agora vos

fizeſſe eſſa graça me parece que dava o alheio; mas vós ſois tal, que quem ſe me ſeguir, nada vos negará. Com eſtes, e outros actos ſublimes eſperava a mórte impavido o coraçaõ, que ſabia concordar o generoſo com o pio. Era vulg.

CAPITULO IV.

Da mórte del Rei, peſſoas que aſſiſtiraõ a ella, e o que ſuccedeo depois.

SENTINDO El-Rei, que a hora do ſeu tranſito vinha chegando, mandou que lhe retiraſſem da Camara a ſeu filho D. Jorge, que logo depois de morto ſe abriſſe o ſeu teſtamento para verem o que nelle determinava, que o lugar do ſeu enterro, que diſpunha na Igreja de Lagos, aonde fora ſepultado ſeu tio o Infante D. Henrique, queria foſſe a Sé de Silves, donde depois ſe trasladaſſem os ſeus oſſos para o Moſteiro da Batalha; e tendo ordenado eſtas couſas lhe ſobreveio huma convulſaõ taõ violenta, que perdeo os ſentidos, e a falla, eſteve largo tempo

ſem

Era vulg. ſem ſignais de vivo, já julgado por morto. O Biſpo de Tangere, que o havia exortado, fez acçaõ de lhe fechar os olhos; mas El-Rei alguma couſa recobrado, lhe diſſe: Ainda naõ he tempo, daqui a duas horas acabarei. Os Prelados aſſiſtentes continuáraõ nellas as preces, e Ladainhas, a que elle reſpondia com preſença admiravel de eſpirito. Finalmente, repetindo as palavras, Cordeiro de Deos, que tiras os peccados do mundo, compadece-te de mim, exalou a alma ao pôr do Sol do dia 25 de Outubro do anno de 1495, aos quarenta annos, e ſeis mezes de ſua idade, e de reinado quatorze annos e meio.

Aſſiſtíraõ á morte del Rei na ſua Camara D. Jorge de Almeida, Biſpo de Coimbra, com a Santa Cruz na maõ: D. Diogo Ortiz, Biſpo de Tangere, com a Imagem do Senhor Crucificado: D. Joaõ Camello, Biſpo do Algarve, com a Agua Benta: D. Joaõ de Vaſconcellos, Conde de Penela, ſuſtentando-lhe a vella na maõ: Diogo Fernandes Cabral; o Prior do Crato;

Fer-

Fernaõ Martins Maſcarenhas; D. Fran- Era vulg.
ciſco de Eça, e Affonſo Fernandes
Montarroyo, Antaõ de Figueiredo,
e Garcia de Reſende ſeus Moços da
meſma Camara. No quarto immedia-
to eſtavaõ Ayres da Silva, D. Marti-
nho de Caſtello-Branco, D. Joaõ de
Souſa, D. Alvaro de Caſtro, D. Dio-
go Lobo, Lopo da Cunha, D. Pedro
de Caſtro, D. Henrique de Souſa, o
Veador Joaõ Fogaça, Alvaro de At-
taide, Nuno Fernandes de Attaide,
Affonſo de Albuquerque, Diogo Lo-
pes de Siqueira, D. Duarte de Me-
nezes, Pedro Correa, Ayres Telles,
Antonio de Mendoça, Fernaõ de Al-
buquerque, Pedro de Mello, Joaõ
Freire, D. Martinho de Noronha, D.
Manoel de Menezes, Antonio de Mi-
randa, Affonſo Henriques, Vaſco de
Frois, Ruy de Pina, e os Fyſicos Ro-
drigo, Lucena, e Jozé.

Poz El-Rei termo á ſua vida com
todos os actos de perfeito Catholico,
que o Ceo quiz confirmar com ſignaes
para milagres, opportunos; para acci-
dentes, raros. De todas as partes con-

cor-

Era vulg. corriaõ dando ais de afflictas muitas gentes, que naõ admittiaõ conſolaçaõ, em quanto Ruy de Pina naõ leo em alta voz no Teſtamento o nome de D. Manoel, que elle declarava ſeu Succeſſor. Nelle lhe encommendava com as expreſsões ſignificantes de amor a ſeu filho D. Jorge, que o criava Duque de Coimbra, Senhor de Monte-Mór o Velho, e das mais terras, que foraõ de ſeu Avô o Infante D. Pedro. Pedia, que lhe conſervaſſe os mais bens, em que entravaõ o Senhorio da Ilha da Madeira, e o Meſtrado da Ordem de Chriſto: couſas tantas, e taõ avultadas, que D. Manoel naõ teve depois por conveniente ao Reino conceder-lhe todas. Lido o Teſtamento, os do Conſelho, e Fidalgos reconhecêraõ ao Duque de Béja por ſeu Rei, como a tal lhe eſcrevêraõ, e por tres dos Conſelheiros lhe enviáraõ o meſmo Teſtamento.

O cadaver, depois de eſtar algumas horas expoſto, foi levado á Sé de Sylves, ſeguido de todos os Fidalgos, e da maior parte dos moradores dos Pó-

vos

vos comarcãos. Depois dos Officios da sepultura, voltáraõ todos para Villa Nova a consolar a D. Jorge na sua grande perda, e a preparar-se para o acompanharem á Corte. O Prior do Crato, e o Bispo de Tangere se resolvêraõ a abrir hum cofre, que El-Rei sempre reservára só para elle, e bem longe do exame, que hiaõ fazer, elles se encontráraõ com hum cilicio, e disciplinas salpicadas do Real Sangue deste Principe; instrumentos, que mostravaõ em si mesmos, como o eraõ do castigo, que El-Rei dava com elles aos impulsos da vingança, e da cólera, que o atacavaõ. Entre estes flagellos da penitencia acháraõ tambem huma instrucçaõ politica escrita da sua propria maõ para El-Rei D. Manoel, que no corpo della naõ era nomeado, mas na capa, que a cobria, donde se inferio a incerteza, em que andou de nomear successor. Era vulg.

Destas Memorias illustres se affirma, que o Imperador Carlos V. encontrando nellas máximas com tanto de grandeza, como de piedade, as

Era vulg. tranſmettíra a ſeu filho Filippe II. com recommendaçaõ particular de as obſervar, quando foſſe Rei. Ellas ſeriaõ hum retrato da grande alma de hum Principe como D. Joaõ II. que nelle naõ torceria huma ſó das linhas, que debuxáraõ o ſeu caracter eſpecioſo: taõ ſublime, que a Rainha Catholica D. Iſabel, outro eſpirito magnanimo ſuperior ao ſeu ſexo, quando ſoube do ſeu fallecimento, exclamou: *o homem he morto*: como ſe diſſéra, que ſó D. Joaõ entre os Soberanos era o que fazia honra ao homem. A toda a Europa ſe fez ſenſivel a falta de hum Rei taõ grande. Portugal ſe cobrio de luto o mais rigoroſo, e prohibio com ſeveridade, que em ſeis mezes ninguem cortaſſe os cabellos da barba, e da cabeça. Deſcobre a morte as qualidades dos homens, e na do ſeu Monarca ſoubéraõ os noſſos paſſados, que elles perdêraõ hum Pai, hum Rei, hum Defenſor, huma Columna da Patria.

Morreo o homem, que governava a todos, e ninguem o mandava a elle.

Mor-

Morreo o melhor Rei do mundo, filho do melhor homem, que o mundo teve. Dous elogios ſaõ eſtes, que ſe fizéraõ a El-Rei D. Joaõ depois da ſua mórte, com tanto de verdadeiros, quanto os ſeus authores tinhaõ de pouco intereſſados, e nada dependentes. Rei ſem defeito lhe chamáraõ outros, e aſſim ſería ſe ſe moderaſſe nas paixões contra os Duques de Bragança, e de Viſeo. O ſeu amor pelos vaſſallos elle o deſcobrio no corpo da ſua Deviſa, que era hum Pelicano rompendo o peito com o bico para alimentar os filhos, e a letra *Pro lege, & grege*. A ſua caridade ardente o fez acabar bem, e merecer o nome de Santo, que Deos quiz confirmar com milagres, de que foi primeiro promulgador o Biſpo de Tangere D. Diogo Ortiz no Sermaõ, que depois prégou em humas das ſuas exequias, em que o perſuadio Principe canoniſavel. Naõ he menor próva da ſua virtude a incorrupçaõ do corpo atégora, e com aſſombro, quando depois de quatro annos de ſepultado, ás taboas do ataude, e roupas ſe achá- Era vulg.

Era vulg. raõ queimadas da cal, de que o enchêraõ, e o corpo como de vivo, intacto, flexivel, com huma fragrancia ſuave.

O Duque D. Jorge, o Prior do Crato ſeu Aio, e os mais Fidalgos, que eſtavaõ em Villa Nova, ſe recolhêraõ á Corte, fazendo caminho por Meſſejana. Aqui ſe encontrou elle com Joaõ Correa, irmaõ de ſua mãi, que lhe trazia cartas del Rei D. Manoel, eſcritas da ſua propria maõ, em que o confortava na perda de taõ grande Pai; aſſegurando-lhe naõ encontraria nelle mais differença, que a do nome, e da figura. Como El-Rei já eſtava em Monte-Mór do Alem-Téjo, D. Jorge marchou para eſta Villa, aonde foi recebido com agrados exceſſivos entre lágrimas ternas, a que ſenaõ pode eſcuſar o novo Rei agradecido, nem D. Jorge obrigado. O Prior do Crato fez huma falla inſinuante a ambos os altos objectos, já inclinado ao Rei para lhe mover a beneficencia, já voltado a D. Jorge para lhe deſpertar a gratidaõ; em ambos com fructo, que pa-

para o produzirem naõ houvéraõ miſ- Era vulg.
ter ſer torcidos, nem encaminhados; baſtando ambos lembrar-ſe do que eraõ, e do que ſe deviaõ. El-Rei recolheo em ſua caſa a D. Jorge, e o tratou com correſpondencia a ambas as relações referidas.

Foi D. Jorge, como diſſemos, Duque de Coimbra, Marquez de Torres-Novas, Meſtre das Ordens de S. Thiago, e de Avís, Senhor das terras do Infante D. Pedro, e da Villa de Aveiro, de que os deſcendentes, que teve de ſua mulher D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, e neta do ſegundo Duque de Bragança, viéraõ a ſer Duques. Além deſtes Titulos de D. Jorge, El-Rei D. Joaõ II. fez Duque de Béja a D. Manoel depois da mórte de ſeu irmaõ D. Diogo, Duque de Viſeo: Marquez de Villa Real a D. Pedro de Menezes, que era Conde da meſma Villa: Conde de Borba a D. Vaſco Coutinho, filho do Marechal D. Fernando Coutinho, em remuneraçaõ de lhe deſcobrir a conjuraçaõ do Duque de Viſeo. Elle inſtituio o

Tri-

Era vulg. Tribunal do Deſembargo do Paço com menos iſenções, e menor número de Miniſtros do que depois ſe lhe forão concedendo: Tribunal reſpeitavel, que repreſenta o Conſelho da Camara do Principe, que defere aos negocios, que elle lhe propoem por meio de conſultas.

A ſua liberalidade tinha os predicados de brilhante em dar, e logo, ſem a fadiga de prometter, nem o trabalho de fazer eſperar. Era eſte dar a quem, como, e quando devia, por hum acto eſpontaneo, naõ eſperando o rogo, nem fazendo caſo dos empenhos. Quando eraõ neceſſarios os requerimentos, queria que os fizeſſe quem o ſervira, ſem buſcar terceiros para o deſpacho. Eſta ſua virtude entrou por Heſpanha, França, Allemanha, e Italia derramando a chuva de Jupiter. Suſtentou ſempre a Mageſtade taõ iſenta, que coſtumava dizer, que ſugeitalla a arbitrio alheio era a maior injúria do Decoro Real. Deſta iſençaõ provinha entendello a Nobreza de condiçaõ auſtéra, naõ eſtimando o

ſoc-

ſoccorro das amizades, como ſe elle reſolvêra os caſos conſideraveis ſem conſelho, ou naõ foſſe o primeiro honrador dos ſabios no rendimento do juizo aos ſeus dictames, quando os conhecia illuminados. Era vulg.

Se ſe diſſeſſe delle, que tinha multidaõ de peccados, nós reſponderiamos, que a cobrio com a capa da caridade. Na vida a atiçou ſempre, na mórte ardeo incendio. Nos cultos delicados da Religiaõ, na affluencia perenne das eſmólas, moſtrava a obſervancia do Mandamento máximo, e primeiro, e a do ſegundo, que lhe he ſemelhante, quero dizer, amor de Deos, e caridade do proximo. No ſeu tempo fazia exterminar os vicios públicos para o meſmo Deos ſer honrado; naõ havia neceſſidade, que deixaſſe de ſoccorrer, para o proximo naõ paſſar afflicto. Chegáraõ as ſuas eſmólas a Jeruſalem, e muito mais longe os éccos da ſua beneficencia, que convidavaõ gentes de diſtancias remotas, como a Rainha do Auſtro, para virem ouvir a Sapiencia do Salomaõ Luſitano.

Nas

Era vulg. Nas execuções da justiça, pondo de parte as dos Duques de Bragança, e Viseo, em que não refreou a paixão de homem, mostrava-se temperado, mas em não fazer excepção de pessoas, que isso he só para Deos, parecia duro, inflexivel, austéro. Das Leis, que publicava, era o primeiro observante. Prohibio as mulas, nunca mais montou nellas: prohibio as sedas, já mais as vestio. Fez Lei do exemplo, bem instruido, em que o do Rei compoem todo o orbe; que ao passo do primeiro movel, giraõ as esféras inferiores. Os desobedientes, e facinorosos eraõ o seu escandalo, sem poder soffrellos impunidos; mas quando parecia naõ respirar mais que severidade, tinha dado na Relaçaõ ordens occultas, para que os réos, que naõ fossem ladrões, nem tivessem parte, naõ morressem; porque necessitava de homens para povoar as conquistas. Deixou exemplo notavel na casa de hum cavalleiro jogador em Lisboa, a que mandou dar fogo para naõ ser visto na Corte o padraõ de hum escandalo publico.

In-

Incanſavel no bem dos Póvos, que promovia, quaſi todo o tempo era para elle de acçaõ. Nas Sextas Feiras hia á Relaçaõ de manhã, e á tarde conferia com os Deſembargadores do Paço; os Sabbados eraõ para a Meza da Fazenda, aonde ouvia aos Veadores, e Eſcrivães. Sobprimio as regalias, os abuſos, as demazias da Nobreza, de que lhe reſultou a deſconfiança com toda ella, e os ſuſtos com que paſſou a vida, ſempre em perigos ameaçados, que parece chegáraõ a ſer exiſtentes, e aquella màis breve do que podera. Baſtava huma promeſſa ſua para animar os homens pela conſtancia, com que promettia; mas nunca quiz paſſar Alvará de lembrança. Com a verdade fazia ſcintillar a roſſagancia da purpura, naõ havendo quem nelle deſcobriſſe huma mentira leve, nem Decreto, que contradiſſeſſe outro. Fez taõ reſpeitoſa a Mageſtade, que baſtava mover os olhos para corrigir. Os vapores da incontinencia, que lhe mancháraõ a mocidade, nunca ſobíraõ ao Throno, depois que nelle ſe aſſentou Era vulg.

Rei,

Era vulg. Rei, e outras das ſuas qualidades excellentes veremos no Capitulo ſeguinte, que eſcolho para a deſcripçaõ do ſeu caracter, e compendio das ſublimidades, que lhe merecêraõ o pronome de Principe Perfeito.

CAPITULO V.

Deſcrevem-ſe em reſumo as qualidades, e caracter del Rei D. Joaõ II., e dá-ſe noticia dos Authores, que delle fazem memoria illuſtre.

EL-REI D. Joaõ II. foi hum Principe taõ luminoſo nos primeiros crepuſculos da idade, com tal intençaõ de talento para comprehender as Artes dignas de Principe, que parecia deſnecеſſaria a inſtrucçaõ, a quem tudo déra a natureza. A principios taõ felices correſpondêraõ os fins ditoſos, que animados por meios ſublimes, lhe merecêraõ as admirações do ſeu ſeculo. Depois de moſtrar o ardor do animo na expediçaõ de Arzila, nós vimos que ſó a elle ſe deveo a ſalva-

çaõ

çaõ do exercito Portuguez na batalha de Toro. Na acçaõ generoſa de deſcer do Throno, quando ſeu Pai voltou de França, fez vêr que a ambiçaõ de o occupar ſó ſe oppunha aos que o pretendiaõ ſem juſtiça antes de tempo, naõ áquelle a quem tocava de direito na ſua idade. Depois da mórte do Pai, já Rei ſem diſputa, todo ſe empregou nas tres maximas mais importantes dos Eſtados, que fez obſervar ſem interrupçaõ, a ſaber, premiar benemeritos, punir criminoſos, avançar o commercio. Para executar as primeiras duas, tirou da ſua illuminaçaõ todos os expedientes; para promover a ultima ſe ſervio de muitas dexteridades. Era vulg.

A primeira foraõ os progreſſos da navegaçaõ pela Europa, por toda a Cóſta da Africa até ſe deſcobrir o Cabo de Boa-Eſperança, que facilitava os deſignios premeditados de a levar ás grandes Indias da Aſia. Depois foi a de fazer reſpeitar o ſeu animo pelos maiores Principes, como ſe vio com os Reis Catholicos, obrigando-os a con-

cor-

Era vulg. cordarem na Linha de Demarcaçaõ para a conquiſta do mundo : com Carlos VIII. Rei de França , fazendo que lhe reſtituiſſe huma caravella carregada de drogas , que os ſeus vaſſallos lhe tomáraõ : com todos os Principes Catholicos , ligados contra o meſmo Rei de França , que teve expectadores da ſua reſoluçaõ , quando o convidáraõ para ſer na ſua alliança parte contratante , e dentro no Reino com toda a Nobreza , taõ zeloſo da Authoridade Real , que abrogou dos donatarios a juriſdicçaõ criminal devida á Soberania , e ordenou nova fórma ao juramento de homenagem dos Alcaides Móres. Para triunfo da ſua integridade naõ arvorou Deviſas menos ſublimes , que os trofêos rotos , deſpedaçados de D. Fernando II. Duque de Bragança , e de D. Diogo , Duque de Viſeo : acçõeſ , que lhe deixáraõ o nome menos glorioſo á poſteridade , como quem em huma ſe fez Juiz ſendo Parte , e na outra foi Executor ſendo Rei. Aos clamores deſte ſangue reſpondeo como éco a mórte deſgra-

ça-

çada de ſeu unico filho o Principe D. Era vulg.
Affonſo, que ſenaõ era para ſer Rei
de Portuguezes, foi para ſeu Pai hu-
ma amargura de toda a vida; mas
talvez que huma victima de expiaçaõ
dos crimes contra a equidade.

De eſtatura mediana era El-Rei D. Joaõ, proporcionado, e airoſo; o ſemblante grave, e comprido, branco, e córado, os olhos pretos, e com graça; o nariz bemfeito, e a bocca pequena; os dentes alvos, e bem ornados; a barba negra, e compoſta. O cabello, que era caſtanho, na idade de trinta annos principiou a fazerſe branco com prazer do Principe, que eſtimava as cãs como marca da idade provecta, antes de cumprida a que aperfeiçoa a de varaõ. No entendimento foi agudo, e prudente, na memoria taõ feliz, que nada eſquecia do que lhe encommendava. Tinha na lingua tanta pureza, proferia as vozes com tanta pauſa, que parecia as eſtudava, e dizia com frequencia judicioſos apophthegmas. Da Poeſia ſe ſervia como de parentheſis agradavel, ou

de

Era vulg. de eutrapelia jucunda á gravidade dos negocios. Teve luz baſtante da Hiſtoria, e Filoſofia, que enfeitava de erudiçaõ.

Para deſterrar dos vaſſallos o tormento das eſperanças, e a impertinencia dos requerimentos, com antecipaçaõ generoſa premiava os ſerviços; tendo catalogos dos homens beneméritos do Reino para lhes fazer mercês, antes que às pediſſem. Reſoluto, e acautelado nos negocios, de todos teve o ſegredo por alma, para que as execuçõcs declaráſſem os deſignios, que eſcondia da face dos interpretes. Os Miniſtros de ſaber profundo, e de juſtiça recta eraõ os ſeus homens, que conhecia pelos nomes, e os imprimia na lingua; á imitaçaõ dos antigos Reis Godos, que os gravavaõ nas ſuas Coroas. Tendo por intoleravel, que para a Soberania houveſſem emulos, abattia o orgulho nas torres mais altas, ou ſe eſtimava participante da glória de Jupiter, quando com os raios na garra das Aguias fulminava Gigantes. Huma vez os deſpedio da

ſua,

ſua, e por iſſo perdeo a imitaçaõ, e o triumfo. Era vulg.

Os cultos da Religiaõ ornáraõ o ſeu peito piedoſo, ſeja no reſpeito aos Officios Divinos, ſeja na veneraçaõ ás Imagens Sagradas, ſeja no rendimento profundo ás Chagas de Jeſus Chriſto, e devoçaõ cordial da Senhora, ou ſeja no obſequio, e reverencia aos Miniſtros do Altiſſimo. Cada dia reſava de joelhos os Pſalmos Penitenciaes, e coberto de luto, muitas vezes poſtrado por terra, aſſiſtia com devoçaõ edificante nas tres noites da Semana Santa ao Monumento do Senhor, aonde ſe repreſentavaõ os Myſterios da ſua Paixaõ. Memoria immortal deixou elle na inſtituiçaõ do Hoſpital Real de Todos os Santos, teſtemunho da ſua inflammada caridade: na fundaçaõ da Capella brilhante de Santo Antonio no meſmo lugar, aonde naſceo eſta luz, que illuſtra a Igreja Univerſal, e a da Luſitania ſua Patria; e na do Real Convento de Santos para as Commendadeiras da Ordem Militar de S. Thiago.

Sua

Era vulg. Sua he a ſentença, de que naõ póde haver Rei ignorante tratando com tantos homens ſabios, ſe elle ſe quizer aproveitar da doutrina. Conhecia eſte Prlncipe a differença, que vai da Sciencia eſtudada á Sciencia ouvida; das diſciplinas, que ſe recebem pela viſta, ás do ouvido, que ſe imprimem pelas vozes; a da liçaõ, em que ſe aprende o parecer de hum ſó Author, á da converſaçaõ, em que no meſmo acto ſe ſabem as opiniões de muitos homens. Eſte methodo a ninguem he taõ facil como aos Reis, e por iſſo naõ póde algum delles ſer ignorante ouvindo a muitos ſabios, ſe ſe quizer aproveitar da doutrina. Tambem foi ſua a lembrança de impedir, que os moços até á idade robuſta uſaſſem eſpada, naõ ſuccedeſſe pela falta das forças coſtumar-ſe a ſer vencidos. O medo huma vez introduzido ordinariamente fica covarde, e porque o valor affouto he quem o deſterra, e dos primeiros triunfos começa a formar os habitos de generoſo; queria El-Rei, que as mocidades naõ ſe ſerviſſem

das

das armas antes do eſtado de poder ven- Era vulg.
cer, para que principiando triunfantes
a ſer valeroſos, com a corage, ven-
cendo, ou disfarçando o medo, que
he natural em toda a gente, e ſabel-
lo disfarçar he ſer valente, elles naõ
déſſem lugar á covardia.

Eſta ordem teria origem na ſua pro-
pria experiencia, adquirida nas primei-
ras acçõ̃es da ſua mocidade em Arzila,
e em Toro. Depois dellas, toda a vi-
da ficou taõ impavido, que perigo
algum temia, como ſe vio no encon-
tro do Touro em Alcochete, e em
ir fallar a hum morto, que o chamára,
ſabendo que era defunto. Eſte valor era
acompanhado das grandes forças, com
que de hum golpe partia juntas tres,
e quatro tochas; com que jogava a
barra, aonde poucos alcançavaõ, com
que opprimia os cavallos mais brioſos,
que ſe davaõ a ſentir por apertados.
Na dança era deſtro, e airoſo, dan-
do duas almas ao compaſſo no acerto,
e agilidade. Uſava da caça por diver-
timento para deſenvolver os membros,
e lembrar as repreſentaçõ̃es da guerra

Era vulg. naquelles enſaios. No trato particular de tal ſórte ſe deſpia das circunſpecções da Mageſtade, que parecia hum homem como os outros; moſtrando a graciosidade na cara, e nos ditos, para que os aſſiſtentes fizeſſem o meſmo. A deteſtaçaõ, que fazia dos vicios em os conhecendo, deo occaſiaõ ao Biſpo de Tangere para dizer: que ſe fora peccador, ſoubéra ſer penitente.

Os ſeus penſamentos ſempre altos, naõ tinhaõ por dignas de Principe as acçõeſ vulgares. Todas as da ſua vida ſaõ próvas exteriores do ſeu conceito, ſeja nas negociaçõeſ, que teve com os Principes da Europa, ſeja no projecto de deſcobrir o Cabo Tormentoſo, e a India, ou ſeja na navegaçaõ, e conquiſta de tantas Regiõeſ da terra, que ſobmetteo ao ſeu Imperio. Como ſe previſſe os futuros, dava providencia a muitas couſas, que depois ſuccediaõ: caracter proprio do ſabio prudente ſer do futuro Hiſtoriador, e Profeta do paſſado. Na meza tinha dous ſabores, o dos manjares, que comia com deſem-

ſembaraço para reforçar o corpo, e o da diſputa dos Sábios, que attendia com pauſa para nutrir o eſpirito. Foi neceſſario o preceito dos Medicos depois de trinta annos já achacados para beber vinho; mas com tal moderaçaõ, como ſe para elle deixaſſe o Apoſtolo a receita: Uſa de pouco vinho por cauſa do eſtomago. No reſpeito aos Miniſtros do Altar naõ foi elle taõ moderado; porque a Diogo de Souſa, Deaõ da ſua Capella, que levantou hum çapato, que lhe cahíra do pé, depois de lhe dar a reprehenſaõ áſpera, tirai-vos dahi, o homem, que toma o Santiſſimo nas mãos, naõ pega com ellas nos meus çapatos, o teve hum mez prezo para o enſinar a naõ abatter o ſeu caracter. Era vulg.

Quando intentou, que Angelo Policiano compozeſſe a Hiſtoria de Portugal, lhe eſcreveo a Carta, que o meſmo Italiano publicou no livro X. das ſuas Epiſtolas a pag. 138, que começa *Joannes Dei gratia Rex Portugalliæ, &. Algarbiorum citra, & ultra mare, in Africa Dominus Guineæ Angelo Poli-*

Era vulg. *tiano viro peritiſſimo, & amico ſuo* S. P. D. *Ex ſuaviſſimis tuis literis, doctiſſime vir*, &c.

Homens Sabios eſcrevêraõ a vida deſte grande Rei em várias linguas. Na Franceza La Clede, Maugin, e Neufville: na Caſtelhana D. Agoſtinho Manoel de Mello, Manoel de Faría e Souſa, e Chriſtovaõ Ferreira de Sampaio: na Portugueza Damiaõ de Goes, Pedro de Maris, o Arcebiſpo D. Rodrigo da Cunha, e Garcia de Reſende: na Latina Manoel Telles da Silva, Marquez de Alegrete, e o Padre Antonio de Vaſconcellos.

Tecêraõ os ſeus elogios D. Antonio Caetano de Souſa na Hiſtoria Genealogica da Caſa Real Portugueza, aonde diz no Tomo III. pag. 114: Foi admiravel o valor, a prudencia, e a cautéla com que eſte grande Rei ſe portou com os amigos, e inimigos conſervando a paz, e amizade com tal modo, que mais parecia ſuperior, e arbitro, do que igual. O Conde da Ericeira no Portugal Reſtaurado Tom. I. pag. 9: Caſtigou os vaſſallos indomi-

mitos, e nunca aguardou que lhe pe- Era vulg:
diſſem premio os benemeritos. Manoel de Faría e Souſa na Europa Portugueza Tom. II. § 110.: *Era gentil Filoſofo, y muy viſto en las Mathematicas, y Hiſtorias.* O meſmo no Epitome pag. 274: *Hizo ſoberanas obras, executó hazanãs heroicas; no hablava menos que laconicamente ſentencias, y dichos aguditſſimos, que no dexan reduſir-ſe a la brevedad de un elogio, mas hazen confeſſar; que pudo ſer tal Rey entre claros clariſſimo.* Le Quien de la Neufville pag. 625: *Tant de rares, & tant d'excellentes qualités lui meriterent encore le ſurnom de Roy ſans dèfaut. Ses Sujets l'aimerent, ſes ennemis le craignirent, l'Europe redouta ſa valeur, l'Afrique connut ſa puiſſance, & tout l'univers a profité des heureuſes découvertes que l'on a faites par ſes ſoins, en Afrique, & dans les Indes.*

Fr. Bernardo de Brito nos elogios dos Reis de Portugal, pag. 113: Foi de grande animo de ſe naõ ſenhorear de privados, inclinado a fazer mercês, e remunerar ſerviços. Barbuda nas Em-

pre-

Era vulg. prezas Militares da Luſitania, pag. 109: *Amava por extremo qualquiera virtud en los hombres, por lo contrario aborrecia qualquiera vicio pûblico.* Fonſeca na Evora Glorioſa, pag. 97. Na liberalidade excedeo a Alexandre, no valor ſe avantajou a Ceſar, porque naõ ſó triunfou dos vivos; mas por tres vezes tratou intrepido com os defuntos, e finalmente foraõ as ſuas excellencias taõ raras, que a pezar da invéja, as veneráraõ, e applaudiraõ os meſmos inimigos. Salazar, e Caſtro na Hiſtoria da Caſa de Silva, liv. VI. Cap. XIII.: *Principe a quien ſus virtudes grangearon el renombre, que juſtamente goſa de Perfecto.* Oſorio de Rebus Emmanuel. liv. I. pag. 3: *Fuit vir clarus, & excelſus, infeſtus improbis, bonis propitius, & in omni genere virtutis admirandus: tanta animi magnitudine erat, ut quamvis corpore in patria conſiſteret, mente tamen orbem terrarum peragraret.*

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Da trasladaçaõ do Corpo del Rei D. Joaõ II. da Sé de Silves para o Moſteiro da Batalha por El-Rei D. Manoel.

QUATRO annos eſteve o cadaver do Rei D. Joaõ II. na Sé da Cidade de Silves no Algarve, mettido em hum caixaõ, que enchêraõ de cal para mais depreſſa lhe comer a carne, e ſe trasladarem os oſſos para a Capella do Pranto no Convento da Batalha, como elle diſpozéra na vida. El-Rei D. Manoel para ſe moſtrar agradecido ao Principe, que lhe treſpaſſára o Sceptro com mais attençaõ á ſua juſtiça, que ao amor do proprio filho, determinou fazer a ſua trasladaçaõ com pompa correſpondente ao Author, e ao objecto da ceremonia. Para eſte fim no mez de Outubro do anno de 1499 ſahio de Lisboa acompanhado de todos os Grandes Eccleſiaſticos, e Seculares, de número copioſo de Clérigos, e com hum

trem

Era vulg. trem magnifico veio em peſſoa á Cidade de Silves para preſenciar o acto, e ſeguir a marcha até ao Convento da Batalha, aonde havia aſſiſtir ás ultimas honras do Rei defunto.

Chegados ao lugar da Sepultura, aonde jazia, os Biſpos de Silves, e de Tangere, D. Franciſco de Eça, e Joaõ Fogaça ſoraõ encarregados de a abrir, e encontráraõ a madeira do caixaõ quaſi comida da cal, e queimados os ornatos, que cobriaõ o corpo. Porém eſte ſe vio com admiraçaõ taõ inteiro, freſco, compoſto com os cabellos da barba, e da cabeça, que parecia vivo. Renováraõ-ſe as aclamações de Santo, e as memorias dos milagres, que diziaõ tinha feito Deos por ſua interceſſaõ. Mudáraõ o corpo para outro caixaõ coberto de brocado carmezim, deſprezadas entaõ todas as riquezas á viſta dos deſtroços pobres da mortalidade nas roupas queimadas, e caixaõ corrupto, que tudo foi deſpedaçado, e poſto no peito como reliquias, que haviaõ tocado hum corpo Santo. Collocado elle em humas andas riquiſſimas,

que

que levavaõ dous cavallos cobertos de Era vulgo brocado, ſe rompeo a marcha.

Faziaõ a ſua vã guarda muitos inſtrumentos muſicos, e de guerra, que alternavaõ o toque com conſonancia agradavel. Seguia-ſe a Cruz da Capella, que o acompanhavaõ muitos Grandes, e Fidalgos a cavallo. Da meſma fórte ſe ſeguia o Cléro; adiante das andas hiaõ oitenta Capellães, e Cantores paramentados com capas ricas, e tochas nas mãos. Rodeavaõ o Corpo os Arcebiſpos, e Biſpos, e na retaguarda marchava parte da comitiva Regia; ficando o reſto para acompanhar a El-Rei, que levava ſempre huma jornada atrazada pelos meſmos tranſitos. Nos Póvos aonde ſe pernoitava, punhaõ o caixaõ na Igreja mãior em huma Eça portatil, que ſe fizéra com eſte deſtino, e na manhã ſeguinte antes de continuar a jornada, ſempre dizia Miſſa na meſma Igreja o Biſpo de Tangere. El-Rei nas viſinhanças de Alcanede ſe adiantou a Rio Maior, e dahi a S. Jorge da Victoria, aonde eſteve com os Duques de Coimbra,

Era vulg. e Bragança, com o Senhor D. Alvaro, muitos Biſpos, e Fidalgos eſperando o Corpo para o acompanhar com toda a comitiva ao Convento, onde ſe havia ſepultar.

Até áquelle ſitio o trouxe o Biſpo de Fez: já ſeguido de quatrocentos Religioſos além do Cléro, todos com cirios acceſos; e á entrada da rua, que hia para o Moſteiro, eſtavaõ as Cruzes das Cathedraes de Evora, da Guarda, de Viſeo, de Lamego, as de Santa Cruz de Coimbra, de Alcobaça, e da Batalha. Aqui ſe tirou o caixaõ das andas, em que elle vinha, e pegáraõ nelle o Senhor D. Alvaro, o Marquez de Villa Real, o Conde de Marialva, o de Penella, o de Abrantes, o de Portalegre, Ayres da Silva, Fernaõ de Albuquerque, e Pedro da Silva. Seguiaſe El-Rei com os Duques de Bragança, e de Coimbra, os Fidalgos, e depois de todos o Prior de Santa Cruz, que era filho do Marquez de Villa Real, veſtido nos paramentos Pontificaes. Deſta ſórte, em apparato, que reſpirava pompa, e grandeza, foi levado o ca-

da-

daver do Rei virtuoſo ao Templo do Moſteiro, que eſtava ornado com a maior magnificencia, e collocado em huma Eça ſoberba, coberta de pannos precioſos de ouro, que arraſtavaõ pelo pavimento. Era vulg.

Tomáraõ lugar por ſua ordem os Biſpos, Prelados, Cléro, Religioſos, com toda a Nobreza, e immediatamente ſe procedeo ás Exequias mais ſolemnes, que até áquelle tempo ſe tinhaõ celebrado na mórte dos Principes. O Templo parecia hum incendio, e os coraçõeſ já deſpidos da variedade dos affectos, unanimes, e concordes ſe moſtravaõ victimas do amor, e da ſaudade por hum Soberano acclamado por Santo. Cantou a Miſſa em Pontifical o Prior de Santa Cruz, e para o Domingo ſeguinte 27 de Outubro deſtinou El-Rei outros ſuffragios com apparato edificante. Álem dos Altares, que havia na Igreja, mandou levantar mais ſete ricamente armados, e no Maior ordenou ſe collocaſſe a Bandeira das Armas Reaes, o Eſcudo, e Elmo, com que o Rei defunto correo as juſ-

Era vulg. juſtas em Evora na occaſiaõ do caſamento do Principe ſeu filho; a cota de armas, lança, e eſpada com que peleijou, e venceo a batalha de Toro; e nelles ſem ceſſar ſe celebrou toda a manhã pela alma del Rei o Sacrificio de expiaçaõ, que aproveita a vivos, e defuntos.

Aſſiſtio El-Rei no Coro a toda a funçaõ, ao Pontifical, que celebrou o Prior de Santa Cruz, e á Oraçaõ funebre, que recitou D. Diogo Ortiz, Biſpo de Tangere. Nella ſoltou os diques á ſua eloquencia eſte ſabio Prelado, e dividindo no Principe as acçõeſ de homem, das opperaçõeſ de Rei, em ambas o moſtrou para os homens exemplar, para os Soberanos modelo. Como elle fora ſeu Confeſſor, e aſſiſtente á ſua mórte, as virtudes até entaõ occultas debaixo do véo do Sacramento, elle fez públicas no modo, que lhe era permittido ſem romper a integridade ſagrada do ſigillo, para edificaçaõ das gentes. Elle foi a trombeta, que annunciou as qualidades ſublimes do alto objecto do ſeu diſcurſo:

a ſua juſtiça indefectivel, que olhava aos caſos, naõ ás peſſoas: as ſuas muitas mercês, que ſe diſtribuiaõ pelos merecimentos ſem valias: a ſua caridade nas eſmólas a orfãs, viuvas, cavalleiros, Igrejas, taõ profuſas por toda a parte, que corriaõ pelos Lugares Santos da Paleſtina, e de Roma: os ſoccorros, os donativos, os conſelhos, que déra a muitos dos Reis Catholicos para os tirar de grandes embaraços: em fim as penitencias rigoroſas, as mortificações auſtéras, os actos de fervor, de humildade, de reſignaçaõ, de paciencia, de deſprezo do mundo, com que nos ultimos annos da vida expiou os defeitos da natureza de Adaõ, que commummente ſe diz, que eſtá ſem peccado, e que por effeito da meſma expiaçaõ o eſtimava Santo canoniſavel. Era vulg.

Depois de acabada a Oraçaõ, o celebrante acceitou a offerta, que fez El-Rei em peças do valor de dez mil cruzados; e poſtos em duas alas os aſſiſtentes com tochas accezas, os Biſpos levárao o veneravel cadaver á ſepultura preparada na Capella de Noſſa Senho-

ra

Era vulg. ra do Pranto, acompanhando a acçaõ o Cantico *Benedictus* ao ſom de muitas vozes, e inſtrumentos, que parecia mudavaõ os lutos em applauſos, os Epicedios triſtes em feſta plauſivel. El-Rei, os Duques, Grandes, e Fidalgos acompanhárao o feretro até ao lugar dos monumentos, aonde El-Rei em vida mandára o ſepultaſſem, o qual eſtava coberto de pannos precioſos de ouro com a Imagem da Santa Cruz, ficando illuminado pelas luzes de tres grandes alampadas de prata. No fim da funçaõ ſe recolheo a comitiva em ceremonia; mas El-Rei na noite quiz em particular com miudeza examinar as circunſtancias naõ vulgares, que ſe tinhaõ obſervado no depoſito veneravel.

Elle na preſença do Provincial, Religioſos, e alguns Fidalgos, mandou abrir o caixaõ, víraõ o corpo ſem mais ſignal de morto, que a immobilidade; a carne molle, freſca, e tractavel; a cabeça, barba, peitos, e pernas cobertos de cabellos ſem falta, nem mancha; o cheiro, que exalava,

ſua-

fuave, e fragrante. El-Rei, ſempre com o gorro na maõ em ſignal de reverencia, derramava lágrimas de conſolaçaõ, e ternura, muitas vezes lhe beijou as mãos, e os pés, e todos os preſentes tocáraõ nelle muitas couſas para guardarem como reliquias. Tornado a pôr o corpo no lugar, em que eſpera a reſurreiçaõ dos vivos, El-Rei mandou cobrir os dez degráos do tumulo com hum panno de brocado, e ſe recolheo. Era vulg.

Na narraçaõ breve deſta traslaçaõ, que podemos chamar glorioſa, quiz moſtrar Deos quanto lhe ſaõ acceitaveis as lagrimas dos penitentes; quanto honra aos peccadores, que morrem arrependidos, e D. Manoel fazer vêr, que o Rei de Portugal naõ ſe lembrava dos aggravos feitos aos Duques de Viſeo, e de Béja. A mórte, que tudo acaba, diſſipou as nuvens dos rancores; a virtude, que vence tudo, attrahio os coraçõẽs menos inclinados: todos convertidos em holocauſtos puros de chriſtandade, politica, veneraçaõ, e reſpeito á memoria

do

Era vulg. do grande Rei, que chamavaõ ſaudoſa: todos mudados em clarins ſonoros, que queriaõ immortaliſar nos bronzes da fama a equidade, a juſtiça, a Religiaõ, as façanhas, o heroiſmo do grande Pai da Patria. Na vida teve El-Rei D. Joaõ II. inimigos, na mórte todos lhe ficáraõ affeiçoados: na vida deſcobriaõ-lhe defeitos, na mórte naõ houve quem deixaſſe de lhe publicar virtudes.

LI-

LIVRO XXXIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Tratão-ſe as primeiras acções do Rei D. Manoel, o Feliz, XIV. na ordem dos Reis de Portugal, até o deſcobrimento da India.

NA Villa de Alcacere, aonde eſ- Era vulg.
tava D. Manoel na companhia de ſua 1495
irmã a Rainha D. Leonor, foi elle acclamado Rei, logo que chegou a noticia de ſer fallecido em Alvor D. Joaõ II. que no ſeu teſtamento deixava nomeado ſucceſſor ao Reino na fórma do direito indiſputavel, que lhe aſſiſtia. Havia naſcido eſte Principe no ultimo dia de Maio do anno de 1469, a tempo que paſſava pela rua do ſeu Palacio em Alcochete a Prociſſaõ do Corpo de Deos, eſtando ſua mãi em

Era vulg. grande perigo, e por memoria deſte encontro feliz lhe pozéraõ o nome de Manoel. Na ordem do naſcimento foi filho ſexto do Infante D. Fernando, irmaõ del Rei D. Affonſo V., e de ſua mulher D. Brites, filha do Infante D. Joaõ, irmaõ del Rei D. Duarte.

Quando lhe precediaõ muitos ſucceſſores á Coroa, hum Aſtrologo o liſongeou com o prognoſtico, de que a havia cingir, e ſuccedeo a liſonja acertar no calculo. Quem parece que previo melhor o dominio, que elle havia ter em todas as partes da terra, foi o ſeu predeceſſor, quando lhe deo a eſféra por deviſa, como ſe já o mettêra de poſſe do Univerſo. Contava elle 26 annos de idade, robuſta para poder firmar o ſceptro, ſuſtentar o mundo como athlante, esforçar-ſe para deſempenhar a promeſſa de Jeſus Chriſto, como inſtrumento para levar o ſeu Nome ás Naçõeſ eſtranhas com glória da Religiaõ, dilataçaõ do Eſtado, e honra da peſſoa. Nos tyrocinios de Rei ſe moſtrou jubilado na Ar-

te

te de reinar, como ſe as máximas ad- Era vulg.
quiridas naſceſſem todas de virtudes ſó
infuſas para formarem nelle o cara-
cter do heroiſmo, que lhe mereceo
os epithetos de *Venturoſo*, de *Feliz*, de
Grande.

Acçõ̃es de pio, e grato foraõ̃ as primeiras de D. Manoel depois de Rei nas duas Embaixadas, que mandou logo a Roma, e Caſtella. Na primeira deo parte ao Papa Alexandre VI. da ſua exaltaçaõ̃ ao Throno, e lhe rendeo obediencia como a Vigario de Jeſus Chriſto. Neſte primeiro paſſo vio Roma a novidade de eſtimaçaõ̃, que o Rei fez do Cardeal da Coſta, eſcrevendo-lhe, e inſinuando-lhe, que com a ſua preſença authoriſaſſe os Officios do Embaixador nas audiencias, que tiveſſe do Santo Padre. O Cardeal com dexteridade, e magnificencia encheo os deſejos del Rei, e o Papa eſtimou os ſeus votos, e os do Reino, que agradeceo com todas as demonſtraçõ̃es de apreço, e affeiçaõ̃. Na ſegunda uſou das meſmas medidas com os Reis Catholicos, que pelo haverem prote-

Era vulg gido Duque, os devia obſequiar Rei; a peſſoa reconhecida, a Mageſtade officioſa.

El-Rei, que apenas recebeo a noticia da mórte do ſeu Succeſſor em Alcacere, veio para a Villa de Monte-Mór o Novo, della expedio eſtas Embaixadas, e nella principiou os actos da ſua clemencia, equidade, e economia. A eſta Villa, como eu já diſſe, foi trazido, e apreſentado ao novo Rei por D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, o ſeu Pupilo o Senhor D. Jorge, filho do Rei defunto. Naõ pode D. Manoel conter os impulſos do ſeu animo generoſo ſem derramar de hum golpe ſobre o orfaõ Principe a effuſaõ dos ſentimentos, que até entaõ reprimira nos fundos do eſpirito. Voſſo pai El-Rei D. Joaõ, lhe diz cheio de ternura, vos deo a ſua natureza; para mim moſtrou na mórte amor de irmaõ: nada ſentia elle tanto, como deixar hum filho em deſamparo, ſem pai, ſem conſolaçaõ, em ſoledade. Bem podia elle ſocegar na conſideraçaõ das voſſas qualidades, que por

bem

bem tiradas cópias de taõ alto Mode- Era vulg.
lo, em toda a parte vos fariaõ lugar;
mas elle me mandou, que em ſeu no-
me vos rogaſſe quizeſſes ter em minha
caſa o de filho; vos conſervaſſe o pa-
trimonio, que vos deixava, e que eſ-
te ſe tranſmittiſſe á voſſa poſteridade.
Elle me inſtou, que vos educaſſe, vos
corrigiſſe, promoveſſe as voſſas virtu-
des com tal cuidado, que ninguem
nella vos exceda. Iſto me mandou el-
le. Eu farei tudo, Eu cumprirei os
meus deveres. Na voſſa idade tenra,
orfaõ, e ſem pai, dai-me a mim eſ-
te nome, Eu o acceito, heide deſem-
penhallo, vós fareis o meſmo ao de
filho; aſſim o eſpero, para que a gran-
deza dos meus beneficios cahaõ ſobre
os merecimentos de hum grande Prin-
cipe.

Quizéra reſponder o Prior do Cra-
to a tanta beneficencia; mas cortadas
as vozes pelos ſoluços, o eſpirito pre-
zo nas correntes das lágrimas, apenas
pode dizer em Oraçaõ breve: Que em
elle acceitar a D. Jorge por ſeu filho,
em o encher de beneficios, merecia

Era vulg. a reputaçaõ glorioſa de conſervador, e propagador da memoria do Rei D. Joaõ naquella imagem da ſua natureza. Todos os aſſiſtentes, participantes da ternura do Prior, beijáraõ a maõ a El-Rei; abſtrahíraõ-ſe na ſua ſublimidade, taõ excellente, que de hum córte ſeparava de ſi tantas riquezas, como ſe ſe eſqueceſſe da humanidade para dar todo o lugar á profuſaõ. Já na meſma Villa eſtavaõ convocados os Tres Eſtados do Reino, quando ſe mandáraõ as duas Embaixadas, e na de Caſtella continuou o Rei com os Principes refugiados a meſma benignidade, que acabava de uſar com D. Jorge. Foi o Embaixador encarregado de intimar ao Senhor D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança degollado em Evora, que com ſeus filhos ſe recolheſſe a Portugal, aonde já mais houvéra ſuſpeitas contra a ſua fidelidade. Semelhante convite levava o Miniſtro ordem para fazer aos Principes filhos do meſmo Duque, de que logo veremos os effeitos.

Com a véla em huma maõ, e a penna na outra, El-Rei D. Joaõ aſſignáná-

tára muitas mercês para os impertinen- Era vulg.
tes grosseiros, que em hora de tanta seriedade mais lhas extorquíraõ, que as rogáraõ. Todas confirmou El-Rei D. Manoel com politica inimitavel, quando conhecia, que muitos dos possuidores antes mereciaõ castigo, que premio: homens audaciosamente avarentos, suspeitos de infidelidade, que para o fim dos seus interesses aproveitáraõ a conjuntura, em que o espirito do Principe se vexava com a acerbidade da mórte, servindo-se da sua fraqueza para darem forças á ambiçaõ. D. Manoel porém, porque naõ parecesse que derrogava as determinações de Principe taõ excellente, naõ só confirmou as graças, que lhe impetráraõ com justiça; mas as que quasi á força arrancou delle a fraude nas agonias da mórte. Depois de cumprir estas, que a magnanimidade del Rei teve por primeiras obrigações do seu agradecimento, da sua justiça, da sua reputaçaõ, elle tomou hum conhecimento pleno dos negocios do seu Estado para regular a economia.

Aos

Era vulg. Aos Magiſtrados, que deviaõ dar de graça o que de graça recebêraõ, e o vendiaõ, elle os corrigio com as reprehensões mais ſevéras. Aos que commettiaõ defeitos, ainda que leves, arbitrou-lhes caſtigos á proporçaõ, mas caſtigou-os. Aos que cumpriaõ com juſtiça, e equidade os ſeus deveres, encheo-os de beneficios, naõ ſendo dos menores os louvores. Parar tirar das partes a deſeſperaçaõ das demoras, e as livrar dos incómmodos das deſpezas nas cauſas, inventou arbitrios, que cortáraõ as primeiras, e moderáraõ as ſegundas. Pelas Provincias do Reino mandou Miniſtros de opiniaõ bem eſtabelecida, que arrancaſſem pela raiz os abuſos, a iniquidade, os vicios públicos, e promoveſſem a probidade, a virtude, os bons coſtumes. Tomou contas exactas aos Rendeiros, Arrecadadores, e Depoſitarios da Fazenda Real, para impedir a huns os luzimentos, que eraõ luzes furtadas, e vinhaõ a parar em ſombras vergonhoſas; para corrigir em outros a avareza, que fazia ſem piedade as cobranças, como

mo aves de rapina devorantes dos Pó- Era vulg.
vos; para em todos moderar as pom-
pas ſuperfluas, que com goſto demen-
te levaõ a ſubſtancia da Patria, dei-
taõ ao vento as forças, o eſtado, o
vigor das Monarquias.

Depois das utilidades do Povo, El-Rei ſe applicou a diſtinguir a Nobreza, e dalla a conhecer pela obſervancia das Leis da Armaria. Para eſte fim mandou os Heraldos a França, e Inglaterra obſervar como ellas ſe praticavaõ neſtes Reinos; e nos monumentos antigos fez examinar quanto havia de vantajoſo á Nobreza para regular a fórma das ſuas armas, as obrigações dos Heraldos, Paſſavantes, e Farautos; e formaliſado o tratado, que ſe guarda nos archivos da Corte, o Rei o fez público na figura das muitas armas, de que ornou a grande ſalla do Palacio de Sintra.

Pelo que reſpeitava aos Judeos, eſtava elle bem informado das vexações, e tyrannias, que tinhaõ ſopportado os que ſahíraõ do Reino no tempo do ſeu predeceſſor: que para os que fi-

cá-

Era vulg. cáraõ, havia eſpirado o tempo prefixo, e na fórma do primeiro ajuſte, que todos eraõ eſcravos. Elles eſtavaõ reduzidos ao eſtado mais humiliante, quando D. Manoel principiou a reinar: mas o ſeu animo piedoſo, conhecendo que elles ſem malicia, antes contra vontade haviaõ ficado em Portugal além do tempo preſcrito pelo Rei D. Joaõ, a todos deo por livres com a eſperança, de que o beneficio os attrahiría ao gremio da Igreja. Os miſeraveis agradecidos ſe fintáraõ a fim de ajuntar huma ſomma para elles conſideravel, mediocre para taõ grande Rei, que lhes fez a graça duas vezes precioſa em naõ a querer acceitar.

Expedidos com promptidaõ tantos acertados negocios, El-Rei quiz dar aos vaſſallos as próvas da ſua generoſidade. Da guerra de Africa, que trazia concebida, ſe ſervio elle para pretexto das beneficencias, que determina reveſtir do ſemblante de remunerações. Depois de fortificar as Praças da Mauritania, de lhes reforçar os pre-

ſi-

fidios, de as fornecer com cópia de munições de guerra, e bocca, elle augmentou os eſtipendios aos ſoldados, recompenſou o merecimento dos Officiaes, gratificou o dos Fidalgos, e unindo á liberalidade o piedoſo, firme no conceito, de que na guerra o esforço, a dexteridade, as victorias tudo vem de Deos; além de haver diſtribuido muitos prémios pelos Sacerdotes, que em Africa animavaõ aos ſoldados com os Sacramentos de conforto, e práticas auxiliantes; ordenou, que por elles ſe diſtribuiſſe a décima parte das prezas, que ſe fizeſſem: Abrahaõ generoſo com os Sacerdotes ſegundo a ordem de Melchiſedech. Era vulg.

Occupado em tantas acçõ̃es grandes achára̅o o Rei em Monte Mór os Embaixadores dos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel, que viéra̅o dar-lhe os parabens da ſua exaltaçaõ ao Throno; propôr-lhe para eſpoſa a Infante D. Maria, filha dos meſmos Reis, e interceder pela reſtituiçaõ da honra, da liberdade, e da fazenda dos Principes de Bragança. El-Rei recebeo eſ-

ta

Era vulg. ta Enbaixada com todas as evidencias de amigo fiel, de Principe reconhecido, e reſpondeo aos Miniſtros: Que nada lhe era taõ agradavel como merecer as boas vontades de Monarcas taõ illuſtres; que o meſmo experimentariaõ na ſua; que em quanto ao caſamento, elle naõ ſe reſolvia a ajuſtallo, em quanto naõ tiveſſe poſto em fórma os negocios do Reino. Com eſta politica, ſem deſcobrir os fundos do eſpirito, uſou elle de hum disfarſe, que déſſe motivo aos Reis Catholicos para diſcorrerem na ſua inclinaçaõ pela Princeza D. Iſabel, viuva do malogrado Principe D. Affonſo de Portugal. Pelo que reſpeitava aos Senhores da Caſa de Bragança, prometteo naõ perder meio, que podeſſe contribuir para os ſatisfazer.

Como as mórtes dos Reis ſempre trazem comſigo novidades, a de D. Joaõ foi cauſa dos Mouros Barraxe, e Almandarim rompêrem a paz, que ſe havia ajuſtado no anno de 1492. Naõ ſe crêraõ aquelles dous Chéfes obrigados á obſervancia dos ajuſtes feitos

tos entre os Reis de Portugal, e de Era vulg.
Féz, e ainda na vida do primeiro, aproveitando-se da auſencia do Conde de Borba, que viéra a Portugal, e deixára Arzila encarregada a D. Rodrigo Coutinho, levantáraõ trópas, e foraõ devaſtando o noſſo terreno até ás pórtas da Praça. D. Rodrigo ſe opôz a eſtas correrías com hum deſtacamento da guarniçaõ, que ſuſtentou o campo com valor incrivel; mas oprimidos da multidaõ dos barbaros, D. Rodrigo perdeo a vida, e muitos com elle. A noticia deſte eſtrago obrigou El-Rei D. Joaõ a encarregar a Praça ao bravo D. Joaõ de Menezes, que com os brios do ſeu Apellido ſe determinou a ſer o flagello da Mauritania.

Seguindo-ſe á perda de D. Rodrigo Coutinho a mórte del Rei, tomou mais corpo a rebelliaõ dos barbaros, naõ havendo algum dos Aduares noſſos tributarios, que deixaſſe de pegar nas armas para ſacodir o jugo da obediencia. Tinha El-Rei firmado o Decreto para ſe pagarem as décimas aos Eccleſiaſticos de Africa, quando chegou

Era vulg. gou a noticia da importante victoria, que D. Joaõ de Menezes acabava de ganhar ſobre os rebeldes, huma das mais illuſtres conſeguida pelo noſſo esforço naquelle continente, eſtimada por D. Manoel como huma recompenſa Divina em remuneraçaõ da graça acabada de fazer aos Miniſtros do ſeu Altar, e que principiará a ſer a materia do Capitulo ſeguinte.

CAPITULO II.

Continuaõ as acçõẽs del Rei D. Manoel até o deſcobrimento da India.

RESOLVEO-SE D. Joaõ de Menezes a caſtigar em Barraxe, e Almandarim a perfidia; nos Mouros noſſos tributarios a rebelliaõ; e abatida a ferocidade com a força, fazellos pagar os tributos, que nos negavaõ. Com eſte deſignio eſcreveo a Lopo de Azevedo, Governador de Tangere, o ajudaſſe com as trópas da ſua guarniçaõ, que podeſſe eſcuſar. Mandou elle cincoenta cavallos eſcolhidos ás ordens de Pedro

dro Leitaõ, que marchou no silencio da noite a unir-se com cento, e cincoenta, que cobria D. Joaõ de Menezes, no lugar que elle designára. Duzentos Cavalleiros Portuguezes formaõ a copia militar, com que D. Joaõ determina punir muitos Póvos rebeldes, e vencer as forças de Barraxe, e Almandarim. Para representar pelos lados huma grande linha, com hum cavalleiro de frente, os mais formados a peito, e espalda, ou a cabeça de cada cavallo sobre a garupa do outro, elle rompe a marcha á surdina. Quando amanhecia, e os nossos se achavaõ perto do Aduar, que havia soffrer o primeiro golpe, apparecêraõ Barraxe, e Almandarim, Muza, e Acob na tésta de dous mil cavallos, e de oito centos Infantes. Por tres prisioneiros, que fizéraõ os nossos Mouros confidentes, soube D. Joaõ de Menezes, que aquelles chéfes vinhaõ sobre a povoaçaõ com designios semelhantes aos seus. Era vulg.

Este accidente naõ esperado obrigou a D. Joaõ fazer conselho para se de-

Era vulg. deliberar no modo de evadir o perigo; e conſervar a dignidade. Eſcolheo-ſe por melhor o meio mais honrado, que era ir logo aos inimigos, que nada penſavaõ menos, que na ſua marcha ſer atacados. Entaõ dividio o corpo em tres eſquadrões. Pedro Leitaõ na vãguarda com os 50 cavallos de Tangere; no centro com 30 D. Joaõ de Menezes, filho do Conde de Cantanhede, e elle com 120 na reta-guarda. Neſta fórma marcháraõ aos inimigos com os eſpiritos taõ intrepidos, quanto tinhaõ ſido façanhoſas as palavras, com que o Commandante os animára. Os Mouros em quanto entendêraõ as noſſas forças iguaes, tambem ſe formáraõ em tres córpos; mas á viſta da ſuperioridade notavel das ſuas, os uníraõ em hum, e marcháraõ, naõ a inveſtir a batalha, mas a buſcar a victoria.

Pedro Leitaõ pelo lugar, que o terreno lhe dava para as eſcaramuças, com as viſeiras baixas, as lanças enriſtadas, a corage intrepida, ſe lançou aos barbaros. Obrou gentilezas o valor,

lor, que ſe naõ concebem: naõ havia bote de lança, que deixaſſe de ſe empregar: menos o esforço dos Mouros, que a ſua multidaõ, atropellava os noſſos quarenta cavalleiros. Entaõ ſe moveo D. Joaõ de Menezes com o eſquadraõ de trinta, que os atacou por hum lado, e começa a ſer meio horror o combatte. Pedro Leitaõ recobrado, e o Chéfe correndo com o terceiro eſquadraõ, fazem o horror inteiro. Por opiniaõ, e pejo queriaõ reſiſtir os Mouros; mas os golpes eraõ taõ pezados, que naõ podendo fazer huma retirada em ordem, todos fugiraõ ſem ella. Quatro legoas lhes fomos no alcance cançando de matar a todos os que naõ pediaõ quartel, com a glória incrivel, de que paſſando á eſpada, e fazendo priſioneiros a maior parte dos Mouros em choque taõ deſigual, e diſputado, nós naõ perdemos nelle hum ſó homem. Voltáraõ os vencedores ao lugar do conflicto para recolherem os deſpojos, e viſitar os Aduares rebeldes, que atonitos, e humildes á viſta de taõ grande victoria, Era vulg.

Era vulg. pagáraõ o que deviaõ, e com pactos de maior abjecçaõ ſe ſobmettêraõ.

Hum ſucceſſo taõ feliz, nos tyrocinios do governo de D. Manoel, todo o Reino o attribuio a effeito da ſua piedade, a huma gratidaõ do Eſpoſo Divino pelos beneficios, e reſpeito, que elle acabava de render á ſua Eſpoſa a Igreja: que ſe elle a eſtima como as mininas dos olhos para lhe vingar os aggravos, por eſſa meſma eſtimaçaõ ſe deſvela no agradecimento dos ſerviços. Mas o goſto deſta noticia foi perturbado pelo contagio, que principiou a lavrar em Monte Mór, e obrigou a Corte a retirar-ſe para
1496 Setuval, aonde eſperavaõ a El-Rei ſua Mãi a Infante D. Brites, e ſuas irmãs a Rainha viuva, e a Duqueza de Bragança. Os capellos reſpeitaveis deſtas tres Princezas viuvas naõ podiaõ deixar de tocar com toda a ſenſibilidade a hum Rei taõ clemente como D. Manoel, intercedendo pelos deſterrados, e afflictos no reinado precedente, que huns reputavaõ ſem culpa, outros as entendiaõ ligeiras para

ra merecerem demonſtraçõ̃es taõ̃ rigo- Era vulg.
roſas.

A primeira, que ſe reſolveo fallar a D. Manoel com rogos como a Rei, com authoridade como Mãi, foi a Infante D. Brites, que com ternura circunſpecta lhe diſſe: Hum Principe taõ̃ illuſtrado, como vós, ſabe muito bem que a Providencia naõ̃ vos deo a herança de hum Reino ſó para vós; mas depois da voſſa peſſoa, para as de voſſa mãi, e irmãos, parentes, e amigos; para todos aquelles, que em vós pozerem as ſuas eſperanças. Sois imagem de Deos; e ſe he principio de bemaventurança eſperar nelle, como póde naõ̃ reſultar glória a quem eſperar no Rei, que o repreſenta? Se eſta eſperança ſe fruſtrar em nós, a quem temos que recorrer? Se nos fechar hum deſengano os olhos, que temos poſtos nas voſſas mãos, como de Senhor, donde eſperamos o noſſo auxilio, naõ̃ ſerá poſſivel que elles deixem de ſe offender, quando vos vêm collocado em taõ̃ alto lugar. Em quanto éreis hum Principe particular, com-

Era vulg. voſco lamentavamos as noſſas deſgraças. Agora que já ſois Rei, deveis ouvir attento as noſſas queixas. Ellas comprehendem a voſſa mãi, a voſſas irmãs, a todos os voſſos parentes. Se a piedade vos domina, ſe tendes lembrança da mãi, que vos gerou, vos pario, vos educou, que vos tratou ſempre com o amor mais terno; que aguardais para dar a filha á mãi, os filhos á irmã, os netos a Avó, e tudo a mim, porque a mim tudo me toca? Cortai os obices, rompei os obſtaculos, deſpedaçai os inconvenientes, naõ façais caſo de ditos, rompei por tudo, quando voſſa mãi com juſtiça vos pede; quando para fazer eterna a voſſa memoria, com piedade vos inſta.

Deſte, e outros muitos modos fallava a mãi: o meſmo díziaõ as irmãs com lagrimas; o meſmo perſuadiaõ os Reis Catholicos em muitas cartas; e Reis taõ illuſtres, irmãs taõ eſtimaveis, huma mãi adoravel naõ eraõ objectos roganado, que podeſſem deixar de ſer deferidos, nada pedindo, de que ſe offendeſſe a juſtiça. Eſcolheo elle o dia

ſo-

solemne, em que a Igreja faz memo- Era vulg.
ria da Resurreiçaõ do Redemptor para chamar á vida da liberdade aos desterrados, que eraõ D. Jayme, e D. Dinis, filhos primogenito, e segundo do Duque D. Fernando, D. Sancho, filho do Conde de Faro D. Affonso, irmaõ do mesmo Duque; depois Conde de Odemira, e o Senhor D. Alvaro com seus filhos. A mesma amnistia foi acordada a todos os mais, que pelo crime de inconfidencia, desde o tempo del Rei D. Joaõ, andavaõ banidos. A todos elles restabeleceo nas suas honras, dignidades, e bens; e porque o seu predecessor dera muitos delles a pessoas benemeritas, que os possuiaõ, os tirou a todas, precedendo gratificações de igual valor, para que os primeiros naõ ficassem defraudados na herança, que fora de seus pais; para que os segundos naõ tivessem por injúria tirar-lhes hum Rei as remunerações, que de outro recebêraõ.

As gentes sempre interpretes das acções dos Reis, já approvantes, já cen-

Era vulg. cenſores , á viſta da magnificencia de D. Manoel , ſe dividiaõ em pareceres. Os Varões optimos , homens devolutos ſó aos ſyſtemas da razaõ , o louvavaõ , por naõ eſcurecer a memoria de Principes taõ grandes com hum eſquecimento irrevocavel. Os invejoſos, que com as felicidades alheias ſe lhes apertaõ os coraçõẽs , o reprehendiaõ , por obrar a indignidade de encher de beneficios , reſtituir por inteiro bens, dignidades , honras aos filhos dos réos, que tinhaõ ſido infammados com o crime enorme de trahidores. Os politicos, que querem entender de tudo , eſtranhavaõ na liberalidade o modo , por defraudar o Patrimonio Real , e com hum arrojo de profuſaõ immodica , eſgotar nelle a fonte da eſtabilidade da Repũblica. Diſcurſos taõ vários impreſſaõ alguma fizéraõ no Rei magnanimo , depois que a ſua illuminaçaõ o fez conceber , que elle naõ devia reſiſtir a huma mãi ſublime rogando ; a huma irmã , havia tantos annos auſente de ſeus filhos , gemendo ; á conſideraçaõ pia , catholica , real , de que

os

os desterrados foraõ punidos sem pró- Era vulg.
vas de convicçaõ, e que ainda a haver nelles alguns delictos, naõ eraõ os que bastavaõ, para que merecessem á memoria dos homens hum odio eterno.

El-Rei D. Manoel era taõ justo, que a culpados por imaginaçaõ naõ os havia ter em perpetuo desterro, sem restituir ás suas familias, aos seus nomes, á sua fama a injustiça, que lhes tinhaõ feito; que pelos filhos se repartisse, nem o crime, nem a pena, que já leváraõ seus pais, a maior parte delles mórtos em Castella com mais de desgraçados, que de criminosos. O grande Rei, como se as vozes da calumnia fossem estimulos, que picassem a sua generosidade, naõ satisfeito com a restituiçaõ de tantos bens aos delinquentes presumptivos, abrio ambas as mãos á liberalidade, e immediatamente entrou a premiar outros muitos benemeritos com gratificações, que mostravaõ nos vultos as mãos, donde sahiaõ. As armas, as letras, os criados ficáraõ igualmente satisfeitas, muito

mais

Era vulg. mais quando víraõ, que o Rei naõ diſtinguia profiſsões, mas buſcava merecimentos.

Quiz D. Manoel, que a todos os deſcontentes do governo paſſado chegaſſem os beneficios do preſente, e mandou a Pedro Correa, Fidalgo inſtruido, e benemerito, com o caracter de Embaixador ao Papa Alexandre VI. naõ ſó a tratar os negocios do Reino, mas a conſeguir a vinda para elle do Cardeal D. Jorge da Coſta, que tendo bem eſtabelecido o credito em Roma, ſe conhecia em Lisboa de quanta neceſſidade elle era em Portugal no principio de hum reinado. Elle eſtava diſpoſto para fazer eſta jornada: reſoluçaõ, que alterou com a chegada do Embaixador, ſervindo-ſe do pretexto dos annos, da imbecilidade, da dúvida que tinha em pedir para ella permiſſaõ ao Pontifice. Porém ſe naõ ſervio a Patria com a preſença, o fez com o conſelho, e ao Rei na Curia em todos os negocios com zelo, e cuidado vigilantes. Todas as Potencias da Europa tinhaõ já congratulado ao

Rei

Rei por meio dos ſeus Miniſtros ; e naõ faltando mais que a Républica de Veneza , ella o fez agora com as expreſsões mais vivas de prazer ; aſſegurando o Embaixador em nome da Républica a promptidaõ , com que ficava para condeſcender em tudo , quanto o Rei quizeſſe della. Era vulg.

O contagio , que andava em alternativa com os Póvos do Reino , tornou a infeſtar a Corte , que ſe retirou para Torres-Vedras. Aqui lembráraõ os muitos ſerviços , que do tempo da invaſaõ dos Mouros em Heſpanha até entaõ tinhaõ feito os Cavalleiros das Ordens Militares. Fez-ſe memoria do eſtabelecimento da dos Hoſpitaleiros de S. Joaõ , e da dos Templarios , que ſendo deſtruida , El-Rei D. Diniz ſobre as ſuas ruinas fundára a de Chriſto , havendo já em Portugal as de Avís, e Sant-Iago. Notou El-Rei , que eſtes cavalleiros , naõ refreando muitos delles os eſtimulos da concupiſcencia , por impedidos para o matrimonio , e livres para o vicio , enchiaõ de baſtardos as familias illuſtres ; impetrou do Papa

Ale-

Era vulg. Alexandre VI. diſpenſa para caſarem, que lhes foi concedida, e de que unicamente ſenaõ aproveitáraõ os cavalleiros de S. Joaõ de Malta, que em todo o mundo guardaõ com obſervancia rigoroſa o voto de continencia. Se foi util, ou naõ a conceſſaõ da graça Pontificia, iſſo diſputáraõ entaõ os juizos, e a nós hoje naõ nos importa dar-lhe reprehenſaõ, nem louvor.

Dava cuidado muito maior outro negocio mais ponderoſo, que era o eſtabelecimento dos Judeos, naõ ſó pelas facçõẽs, que a reſpeito delles, e dos Mouros eſtabelecidos entre nós, dividiaõ o Reino, mas porque os Reis Catholicos de Heſpanha continuamente inſtavaõ a D. Manoel com cartas, naõ conſentiſſe nos ſeus Eſtados a Naçaõ malvada, aborrecivel a Deos, e aos homens. Eſtas duas reſentações dos Principes de Caſtella, e dos vaſſallos de Portugal, a repugnancia da Princeza D. Iſabel voltar a elle para ſer Rainha, ſervindo de domicilio, e morada aos Judeos, foraõ circunſtancias, que para D. Manoel fi-

fizeraõ conſideravel o negocio. Naõ ſe reſolveo por iſſo a decidillo ſem ouvir o ſeu Conſelho, que teve tantas divisões, quantos eraõ os ſentimentos, e differença dos juizos. Era vulg.

Propôzeraõ huns, que ſe deviaõ ſeguir os exemplos de Roma, Italia, e de outros Principes Catholicos, que os conſentiaõ nos ſeus Dominios: que naõ ſó tinhaõ nelles morada, mas commercio, que pelos direitos, e tributos, que pagávaõ, os enriqueciaõ: que lançallos de Portugal, naõ era expellir delles a perfidia, antes em qualquer parte, aonde pozeſſem os pés, deixariaõ della os veſtigios: que mandallos para Africa era perder as eſperanças, de que em tempo algum foſſem Catholicos, e concorrer para a ſua condemnaçaõ, quando vivendo entre Chriſtãos, poderiaõ ſer como elles, e ſalvar-ſe com elles: que naõ podia ſer util ao Eſtado expellir tantos homens ricos, carregados de generos, e dinheiros para irem fazer os Mouros mais poderoſos; e que as artes, e noticias, que entre nós aprendêraõ, as le-

Era vulg. levariaõ aos noſſos inimigos para noſſo damno.

Os outros Conſelheiros, que ſeguiaõ idéas oppoſtas, ſe ſuſtentáraõ firmes na reſoluçaõ tomada no reinado precedente. Elles clamavaõ a favor da juſtiça, com que a gente perfida fora expulſada de muitas partes da Chriſtandade, por Principes, e Póvos illuminados: como eſtes attendêraõ mais á integridade da Religiaõ, que ao avance das rendas por meio dos direitos, gabellas, e donativos: como intereſſe algum lhes fizera eſpecie, cotejando-o com a ruina, que elles cauſavaõ á Fé dos ignorantes, com a perverſaõ de coſtumes dos ſimplices, ſobre tudo com as blasfemias horrendas, que proferiaõ contra o Nome adoravel do Salvador: que depois deſtas cauſas principaliſſimas, ſe ſe attendeſſe ás humanas, e temporaes, elles deviaõ ſer olhados por inimigos infeſtos da Sociedade, já pelas fraudes, e uſuras, com que eſcalavaõ os Póvos, já pela miſtura infame, que hiaõ fazendo nas familias honradas, já porque em

pou-

pouco tempo ſeriaõ ſenhores dos ca- Era vulg.
bedaes do Reino; e que ſe os haviaõ lançar fóra pelos naõ poderem ſopportar poſſuidores de tudo, que era melhor expelillos, antes que adquiriſſem mais. Abraçou El-Rei eſtes pareceres, que ſe conformavaõ com a ſua Religiaõ, e piedade, e mandou lavrar hum Decreto, que a Judeos, e Mouros deixava livre a eſcolha de ſe fazerem Chriſtãos, ou de ſahirem do Reino no tempo, que lhes taxou, ſob pena de ficarem eſcravos.

CAPITULO III.

Continuaõ-ſe as meſmas materias até o deſcobrimento da India.

JÁ o nome del Rei D. Manoel entre os dos Principes grandes ſe fazia lugar no meio dos maiores, e a fama das ſuas primeiras acçõeſ ſervia para marcar as futuras com eſtrondo de reputaçaõ. Renovou-ſe por eſte tempo furioſa a guerra entre os Reis Catholicos de Heſpanha, e Carlos VIII.

Rei

Era vulg. Rei de França, que no anno paſſado, com fortuna incrivel, em quinze dias ſe fez ſenhor do Reino de Napoles; mas com progreſſos igualmente rápidos lho tirou do poder o famoſo General conhecido pelo nome do Grande Capitaõ. Com o motivo deſta guerra, os Reis Catholicos mandáraõ a Portugal Embaixadores para confirmarem com D. Manoel as alliançaſ paſſadas, e lhe pedirem ſoccorreſſe a ſeus Amos contra o Rei de França. Em quanto á renovaçaõ da alliança, naõ houve a menor dúvida. Pelo que reſpeitava ao ſoccorro, reſpondeo El-Rei: Que entre a ſua Corte, e a de França havia huma uniaõ eſtreita do tempo dos ſeus predeceſſores, ſem que até agora ſe houveſſe recebido della a menor injúria: que elle a faria grande ao ſeu credito, ſe rompeſſe contra hum amigo ſem cauſa: álem diſto, que os Francezes atacavaõ a Napoles, naõ a Heſpanha; que ſe contra eſta voltaſſem as armas, os Reis Catholicos o viriaõ entaõ ao ſeu lado com todas as forças de Portugal para cumprir com os

de-

deveres das razões estreitas, que o li- Era vulg.
gavaõ com elles.

Fosse sinceridade, ou politica, os Reis de Hespanha fizéraõ hum alto apreço desta resposta; mas quando elles tinhaõ de sustentar o pezo de huma guerra, o espirito do de Portugal se opprimia com huma carga de considerações, que sobre elle lançavaõ por huma parte a piedade, por outra a justiça. Vinha chegando o tempo fixo para os Judeos, ou se fazerem Christãos, ou sahirem do Reino para Africa. Sentia menos El-Rei a perda de tantos vassallos, que a de tantas almas. Elle quizéra inventar arbitrios para os conter; mas elles se lhe representavaõ violentos. Para que todos senaõ perdessem, concebia a idéa o expediente de arrancar dos braços dos pais os filhos, que naõ passassem de quatorze annos, retellos, baptisallos, educallos no Christianismo para serem salvos.

Esta resoluçaõ foi approvada pelas lembranças, de que ella nascia do animo pio del Rei, que redundava

ca-

Era vulg. caridade; que outros Principes Chriſtãos, igualmente zeloſos do bem das almas, já tinhaõ praticado com os Hebreos outro tanto; e que as doutrinas ſãs, e verdadeiras em nada a contradiziaõ. Salve-ſe com a intençaõ ſanta do animo a injuſtiça, a iniquidade ſuggeridas, que vamos a vêr praticadas. Ordenou El-Rei que os moços Hebreos da idade já dita de quatorze annos até a da primeira infancia, ſe tiraſſem a ſeus Pais, os apartaſſem delles, e em partes remotas foſſem inſtruidos nos Dogmas da noſſa Fé. Era eſpectaculo horrendo vêr arrebatar dos peitos das mãis os pedaços ternos das ſuas almas: os filhos cozidos com os pais, deſconjuntallos, e dividillos: quererem os executores reprimir-lhes as lágrimas a golpes; os clamores dos pais, e mãis com violencias. Degenerou o ſentimento em deſeſperaçaõ; deſenfreou-ſe a demencia, e entráraõ os Hebreos miſeraveis, huns a matar-ſe, outros a arrojar as innocencias ao fundo dos poços. Os que tinhaõ ſopportado a iniquidade com conſtancia pedi-

diaõ o transporte ajustado para Africa, Era vulg.
e se lhes negava: firme El-Rei na falsa piedade sugerida, em que ardia, de ver Christãos aos Judeos, e que para o conseguir, o uso do rigor, dos premios, da violencia, dos rogos, tudo indistinctamente lhe era permittido.

Negáraõ-se os tres portos concedidos para o embarque, e se contrahio ao de Lisboa, para onde concorrêo a multidaõ numerosa dos obstinados Deicidas. Aqui esperáraõ o dia prefixo da partida, que naõ chegava, e era o da perda da sua liberdade. Esta ultima dor arrojou forçados aos mais para o gremio da Igreja, aonde com culto simulado polluiraõ o santuario. Pais, e filhos, perdido o nome de Judeos, experimentáraõ a beneficencia del Rei, e começáraõ a gozar de todas as commodidades de Portugal. O resto delles, e dos Mouros, que naõ se quizeraõ fazer a violencia de lavar nas aguas do Baptismo, navegou para Africa. Nós, e nossos Avós vimos o fructo desta acçaõ taõ pouco justa. O lapso do tempo fez, que alguns dos seus des-

Era vulg. cendentes foſſem Chriſtãos verdadeiros; outros com maldade maior ſimulavaõ a Fé, e nada os deſvelava tanto como macularem o Eſtado com as fezes do ſeu ouro. Tem corrido as idades; elles vivido entre nós ha tres ſeculos com probidade, e edificaçaõ; formaõ comnoſco hum ſó Povo, juſtamente attendidos os benemeritos; e a honra com que os tratamos deve ſer o eſtimulo generoſo, que os obrigue a conduzir-ſe para o futuro com a probidade, que vemos. Nem em todo Iſrael cahio a cegueira, nem toda a ſemente de Abrahaõ he Deicida; as acçõeſ a diſtinguem, e ellas os fazem honrados, ou infames.

A acçaõ referida, que ſugeríraõ a El-Rei a reſpeito dos Judeos, deve-ſe ſaber que ella naõ tinha origem na Lei, e na Religiaõ. Os rebeldes a ella, que a alguma eſtaõ ſugeitos, naõ pódem ſer forçados, e com violencia conduzidos a crêr aquellas couſas, que repugnaõ; que elles meſmos deſpreſaõ. Por ventura Deos declarou aos Principes com authoridade dada por elle para

ra impedirem a liberdade voluntaria, Era vulg.
ou para terem em brida, apertarem
com cabeções, e freio, refrearem, e
comprimirem os entendimentos ſoltos,
deſenfreados, e livres? Sacrificios vo-
luntarios, naõ coactos pela força,
pretende Deos dos homens; e por iſ-
ſo naõ lhes violenta os entendimentos,
mas com a unçaõ excitante lhes move
as vontades para abraçarem a Religiaõ
Santa. Creatura alguma ſe póde arro-
gar a graça do Eſpirito de Deos, que
ſe derrama nos noſſos coraçõeſ, e inſ-
pira aonde quer, até ao fim da vida
daquelles, que naõ a impugnaõ, naõ
a contradizem, naõ lhe reſiſtem. Só
eſta graça he a que illumina os enten-
dimentos, os move, os convida, os
attrahe; e os felices, que della ſe dei-
xaõ levar, ſaõ os ſincéros, que ſe
alliſtaõ debaixo das bandeiras de Jeſus
Chriſto; ſaõ os verdadeiros Chriſtãos.

Pelo contrario, huma crença ex-
torquida de homens Atheiſtas, ou pro-
feſſores de Religiaõ falſa, quem naõ
comprehende quanto tem de arriſca-
do entregar nas ſuas mãos profanas, e

Era vulg. pollutas tantas couſas ſagradas; os Myſterios Sacroſantos; os Sacramentos adoraveis; a doutrina de ſantificaçaõ; em fim o ſanto dado aos cães, as margaxitas lançadas aos animaes immundos? Semelhantes inconſiderações daõ occaſiaõ aos inimigos do Evangelho para augmentarem a maldade, dobrarem a horribilidade na profanaçaõ, e fazerem mais aſcaroſas as immundicies, com que manchaõ o Santuario. Nós diremos, que iſto he violar indignamente a Religiaõ com fraude de Religiaõ. Naõ podia ſer eſta a intençaõ piedoſa del Rei, todo abandonado á piedade; mas naõ he facil eſcuſar os ſeus Arbitriſtas neſte caſo, ou de hum zelo indiſcreto, ou de huma ignorancia nos Elementos da Religiaõ, e da Fé.

Eu deſejei ſaber os motivos, que teria El-Rei D. Manoel para ſe naõ portar com os Mouros, e ſeus filhos, aſſim como ſe conduzio com os filhos dos Judeos, e com ſeus pais. Depois de entender, que tinha perdido o meu trabalho em hum exame longo, e que devia dar diſſo huma razaõ ſó minha,

eu

eu a fui encontrar em Damiaõ de Goes. Era vulg.
Diz elle, que El-Rei mandára tomar os filhos aos Judeos; porque como eſtes naõ tem no mundo Reino, Senhorios, e Cidades, antes em toda a parte ſaõ peregrinos, e tributarios, ſem poder, nem authoridade para vingarem as injúrias, que ſe lhes fazem; nada lhe ficava que temer, ou recear, que elles moleſtaſſem o grande número de Chriſtãos, que andaõ eſpalhados por toda a terra: que pelo contrario os Mouros, como occupavaõ a maior parte da Aſia, e Africa, huma grande da Europa, aonde tem Imperios, Reinos, e vaſtos Dominios, em que vivem muitos Chriſtãos, huns que tem cativos, outros que lhes ſaõ tributarios; ſe elle com violencia lhes tiraſſe os filhos, os Mouros tomariaõ naquelles Chriſtãos a vingança deſta injúria, de que recahiría nos ſeus vaſſallos a parte maior, e mais rigoroſa: que por eſtas razões elle aos Judeos naõ duvidou tirar os filhos, e aos Mouros naõ ſe attreveo fazello.

Antes deſta execuçaõ, D. Manoel,

que

Era vulg. que em todas as idades, e eſtados deo
prôvas de reconhecido, já havia pre-
miado os ſerviços do ſeu Ayo D. Dio-
go da Silva de Menezes, ſendo ainda
Duque, com o Senhorio de Cerolico
da Beira, approvado por D. Joaõ II.;
depois de Rei, com o Titulo de Con-
de de Portalegre. He verdade, que no
acto da poſſe, o Conde encontrou a
oppoſiçaõ dos moradores, que allega-
raõ a ſeu favor a determinaçaõ del Rei
D. Diniz, que quando conquiſtou a
Villa ao Infante D. Affonſo, ſeu ir-
maõ, em premio do valor dos meſmos
moradores ordenou, que ella já mais
foſſe de Infante, ou Rico-Homem, e
ſempre eſtiveſſe incorporada na Coroa,
como eu diſſe na vida do meſmo Rei.
D. Manoel, vendo que os de Porta-
legre ſuſtentavaõ tenazes a ſua regalia,
mudou a ordem da mercê; reſervando
para ſi o Senhorio da terra, e dando
ao Conde para elle, e ſeus deſcenden-
tes o Titulo, e o Caſtello com outras
graças, que inteiráraõ a eſſencia da mer-
cê. Depois criou Conde de Alcoutim
a D. Fernando de Menezes, filho de

D.

D. Pedro de Menezes, Marquez de Era vulg.
Villa-Real, e que dalli em diante uſaſ-
ſem deſte Titulo os filhos primogenitos
dos meſmos Marquezes.

Havendo D. Manoel com as ac-
çõcs, que ficaõ referidas, moſtrado co-
mo era digno do caracter de Rei, e
com a reducçaõ, e expulſaõ dos Ju-
deos tendo liſongeado o goſto da Prin-
ceza D. Iſabel, filha dos Reis Catholi-
cos, que naõ os ſoffria em Portugal;
reſolveo-ſe a pedir para eſpoſa eſta Prin-
ceza viuva do Principe D. Affonſo, que
pelas ſuas grandes virtudes, e alta pru-
dencia, amava com extremo. Elle
communicou os ſeus penſamentos ao
Senhor D. Alvaro, irmaõ do Duque
D. Fernando de Bragança, que os Reis
de Heſpanha muito diſtinguiaõ. Eſti-
mou D. Manoel com complacencia a
offerta, que lhe fez D. Alvaro para ir
em peſſoa tratar negocio taõ importan-
te, e o enviou com ſequito brilhante
áquelle Reino. A ſua negociaçaõ foi
taõ prompta, e efficaz, que trouxe a
Evora, aonde eſtava El-Rei, as reſ-
poſtas, e conſentimento de Fernando,

Era vulg. e Iſabel, ſem ſe apartarem em nada das formalidades, que lhes foraõ propoſtas.

Reſolveo logo El-Rei enviar a Caſtella com caracter público a D. Joaõ Manoel, Mordomo Mór, Varaõ dotado de prudencia ſingular, que ſe fez ſummamente acceito aos Reis Catholicos, e com elle confirmáraõ os ajuſtes do matrimonio. Unicamente a Princeza ſhe reſiſtia, ou por lhe renovar as ſuas dores na perda do Príncipe D. Affonſo, que ſe lhe naõ mitigavaõ com o lenitivo de hum Throno, ou porque entendia, que huma viuva da ſua graduaçaõ na flor da idade offendia a modeſtia, ſe paſſaſſe a ſegundas vodas. Parece que Deos as permittio com ella para impedir a uniaõ de Portugal com Caſtella, a que tantas vezes tem cortado o laço. Os rógos de ſeus pais, os homens pios, a conſideraçaõ da tranquillidade dos dous Eſtados, que tanto dependia deſta alliança, movêraõ a Princeza a dar o ſeu conſenſo. Mas em quanto ſe prepára a magnificencia para a entrada da Princeza em

Por-

Portugal ; em quanto El-Rei D. Manoel apreſta a Armada para o deſcobrimento da India , que ſaõ as Épocas brilhantes para a continuaçaõ da minha Hiſtoria em outro Tomo , concluamos eſte com o Capitulo ſeguinte, em que paſſo a dar noticia dos filhos, que teve o meſmo Rei , e do eſtado Eccleſiaſtico , e Politico de Portugal no ſeu reinado para naõ o repetirmos em outra parte. Era vulgar

CAPITULO IV.

Conclue-ſe eſte Tomo com a noticia dos filhos del Rei D. Manoel , e com a do Eſtado Eccleſiaſtico , e Politico do Reino no ſeu tempo.

EL-REI D. Manoel caſou com ſua primeira mulher a Princeza D. Iſabel, viuva do Principe D. Affonſo de Portugal , e filha dos Reis Catholicos Fernando , e Iſabel em Outubro de 1497 , e della teve unico filho ao Principe D. Miguel da Paz, que naſceo em Çaragoça a 24 de Agoſto de 1498,

Era vulg. 1498, e foi jurado Principe herdeiro de Portugal, e Caſtella. Sua mãi morreo no meſmo dia do parto, e elle em Granada a 20 de Junho de 1500, ſepultando em flôr no meſmo tumulo de ſeus Avós as eſperanças de tantos Reinos. A Rainha ſua mãi jaz na Cidade de Çaragoça, e elle na de Granada.

Segunda vez caſou El-Rei D. Manoel em Alcacere do Sal a 30 de Outubro de 1500 com ſua cunhada a Infante D. Maria, filha dos meſmos Reis Catholicos, e della teve filhos ao Principe D. Joaõ ſeu ſucceſſor, que naſceo em Lisboa a 6 de Junho de 1502: a Infante D. Iſabel, que naſceo na meſma Corte a 24 de Outubro de 1503, e caſou em Sevilha com o Imperador Carlos V. em 11 de Março de 1526; morreo em Toledo no 1 de Maio de 1539, e jaz no Eſcurial: a Infante D. Brites, que naſceo em Lisboa a 31 de Dezembro de 1504; e caſou com Carlos III. Duque de Saboya em 29 de Setembro de 1521, morreo em Niza a 8 de Janeiro de 1538: ao Infan-

fante D. Luís, Duque de Béja, que nasceo em Abrantes a 3 de Março de 1506; morreo em Lisboa a 27 de Novembro de 1555, e jaz em Belém: ao Infante D. Fernando, Duque da Guarda, que nasceo em Abrantes a 5 de Junho de 1507; casou com D. Guiomar Coutinho, filha herdeira de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, e de Loulé, em 1519; morreo em Abrantes a 7 de Novembro de 1534, e jaz em Belém: Era vulg.

Ao Infante D. Affonso, que nasceo em Evora a 23 de Abril de 1509; foi criado Cardeal pelo Papa Leaõ X. no 1 de Julho de 1518; foi Bispo de Viseo, de Evora, da Guarda, Arcebispo de Lisboa, e Abbade Commendatario de Alcobaça; morreo em Lisboa a 21 de Abril de 1540, e jaz em Belém: ao Infante D. Henrique, que nasceo em Lisboa a 31 de Janeiro de 1512; foi creado Cardeal pelo Papa Paulo III. a 6 de Dezembro de 1545; foi Commendatario de Santa Cruz de Coimbra, Arcebispo de Braga, o primeiro de Evora, Inquisidor Geral, e

Rei

Era vulg. Rei depois da perda del Rei D. Sebaſtiaõ em Africa : a Infante D. Maria , que naõ conſta o anno, em que naſcêra , mas ſim que morrêra em Evora no de 1513 , e que eſtivera enterrada no Convento do Eſpinheiro , donde foi transferida para o de Belém : ao Infante D. Duarte , Duque de Guimarães , que naſceo em Lisboa a 7 de Setembo de 1515 ; caſou em Villa Viçoſa a 24 de Abril de 1537 com a Senhora D. Iſabel , filha de D. Jayme , quarto Duque de Bragança ; morreo a 20 de Outubro de 1540 , e jaz em Belém : ao infante D. Antonio , que naſceo em Lisboa a 9 de Setembro de 1516 , e morreo logo.

Terceira vez caſou D. Manoel com a Rainha D. Leonor , filha de Filippe I. Rei de Caſtella , e ſobrinha das duas primeiras Rainhas ſuas eſpoſas , filha de ſua irmã a Rainha D. Joanna herdeira dos Reinos de Heſpanha. Recebeo-ſe na Villa do Crato a 24 de Novembro de 1518 , e deſte matrimonio teve : ao Infante D. Carlos , que naſceo em Evora a 18 de Fevereirei-

reiro de 1520, e falleceo em Lisboa Era vulg.
a 15 de Abril de 1521, jaz em Belém:
a Infante D. Maria, que naſceo em
Lisboa a 8 de Junho de 1521, Prin-
ceza entre nós brilhante, que unio a
pureza rara com a grande formoſu-
ra, altas qualidades da natureza com
virtudes ſublimes da alma, e mor-
reo a 10 de Outubro de 1577, jaz
no Convento de Noſſa Senhora da
Luz junto a Lisboa, que ella fun-
dou.

Em quanto ao Eſtado Eccleſiaſtico de Portugal do anno de 1495, em que El-Rei D. Manoel principiou a reinar, até o de 1497, em que acaba eſte To-mo, principiando pelas Ordens Mili-tares, da de Chriſto era Graõ Meſtre o meſmo Rei, e das de Santiago, e Avis o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra, filho del Rei D. Joaõ II. Nomeou D. Manoel para ſeu Capellaõ Móor a D. Fr. Chriſtovaõ de Bobadi-lha: Prior Móor do Crato a D. Fr. Gonçalo Pimenta: D. Prior de Gui-marães, depois de D. Affonſo Gomes de Lemos, a D. Fernando Couti-

nho,

Era vulg. nho, Biſpo de Lamego, e do Algarve, Regedor das Juſtiças.

Os Biſpos nomeados pelo meſmo Rei foraõ, para o Funchal, que a inſtancias ſuas o Papa Leaõ X. erigio Biſpado, D. Diogo Pinheiro, primeiro Biſpo, que era filho do Doutor Pedro Eſteves, e de D. Iſabel Pinheiro: para a Guarda a D. Pedro Vaz Gaviaõ, ou de Menezes, Capellaõ Mór: para Braga a D. Diogo de Souſa, filho de Joaõ Rodrigues de Vaſconcellos, ſenhor de Figueiró: para o Porto a D. Diogo da Coſta, filho de Lopo Alvares Feio, ſenhor do Mórgado de Pancas: para Viſeo a D. Fernando Gonçalves de Miranda: para o Algarve a D. Fernando Coutinho, Biſpo de Lamego: para S. Thomé a D. Henrique, Principe do Congo, e depois delle a ſeu parente D. Pedro de Souſa da meſma Caſa Real do dito Reino. Os mais Biſpos das outras Dioceſes eraõ os que ainda tinha nomeado El-Rei D. Joaõ II.

Creou El-Rei D. Manoel Officiaes da

da Caſa Real : para Condeſtavel a D. Affonſo , filho natural de ſeu irmaõ D. Diogo , Duque de Viſeo : para Mórdomo Mór a D. Diogo da Silva , primeiro Conde de Portalegre : para Eſtribeiro Mór a Pedro Correa, que teve por ſucceſſores no emprego a Pedro Homem , e a Franciſco Homem : para Védor da Caſa a Vaſco Annes Corte-Real : para Camareiro Mór a D. Bernardo Manoel , Alcaide Mór de Santarém , que teve por ſucceſſor a D. Alvaro da Coſta : para Guarda Mór a Jorge Moniz , ſenhor de Angeja , e ſe lhe ſeguíraõ D. Joaõ de Souſa , e D. Nuno Manoel , Senhor de Salvaterra : para Meſtre Sala a Jorge de Mello , que teve por ſucceſſores a D. Alvaro de Abranches , e a Henrique de Mello : para Repoſteiro Mór a Gonçalo da Silva , e depois delle Martim Affonſo de Mello , Pedro Moniz , e Phebos Moniz : para Porteiro Mór a Gaſpar Gonçalves Ribafria , a quem ſuccedêraõ Manoel de Goes , Jorge de Mello , e Miguel Corte-Real : para Trin- Era vulg.

Era vulg. Trinchante Joaõ Lopes de Sequeira, que teve por ſucceſſores a Joaõ da Silveira, e a Simaõ da Cunha: para Eſcrivaõ da Puridade a D. Diogo da Silva de Menezes, Conde de Portalegre, que teve por ſucceſſor a D. Antonio de Noronha, primeiro Conde de Linhares.

Para Copeiro Mór nomeou a Lourenço de Brito: para Apoſentador Mór a Manoel da Silva, Alcaide Mór de Soure, e depois delle a Manoel de Souſa: para Provedor das Obras do Paço a D. Martinho de Caſtello-Branco, que teve por ſucceſſor a Bartholomeo de Paiva: para Caçador Mór a Nuno Fernandes Freire, ao qual ſe ſeguíraõ Antonio de Brito, D. Pedro de Caſtro, terceiro Conde de Monſanto, D. Joaõ de Moura, e D. Henrique Henriques, ſenhor das Alcaçovas: para Armeiro Mór a D. Alvaro da Coſta: para Almotacel Mór a D. Nuno Manoel: para Alferes Mór a Ruy Dias Pereira, que teve por ſucceſſor a D. Pedro de Menezes, primeiro Conde de Cantanhede:

pa-

para Almirante a Lopo Vaz de Azevedo, e depois delle a Antonio de Azevedo: para Fronteiros Móres, de Lisboa a D. Rodrigo de Caſtro, filho do I. Conde de Monſanto, e depois a D. Pedro de Caſtro; do Algarve a D. Fernando de Menezes, Marquez de Villa Real, e depois a D. Fernando Coutinho, Conde de Marialva: Era vulg.

Para Monteiro Mór a D. Alvaro de Lima, a quem ſe ſeguio D. Joaõ de Lima, ſeu filho: para Coudel Mór a Franciſco da Silveira, e depois a D. Pedro de Caſtro, III. Conde de Monſanto: para Marichal a D. Alvaro Coutinho, que teve por ſucceſſor a D. Fernando Coutinho: para Meirinho Mór a Eſtevaõ de Brito, Alcaide Mór de Béja, e depois a D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva: para Capitaõ Mór do Reino, e do Mar a D. Antaõ de Abranches: para Capitaõ Mór dos Ginetes a D. Nuno Manoel, ſenhor de Salvaterra, de quem foi ſucceſſor Lopo Soares de Alvarenga: para Adail Mór a Pedro

Era vulg. Leitaõ: para Anadel Mór a Pedro Alvares, e depois delle Jorge de Mello, e Garcia de Mello: para Chancelleres Móres ſucceſſivamente a Joaõ de Faria, Lopo de Arca, Chriſtovaõ Mendes de Carvalho, Ruy Lobato, e Ruy da Gran: para Secretarios de Eſtado a Affonſo Garcez, Jorge Garcez, Antonio Carneiro, e Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXX.

CAPITULO I. *Da vida, e acções del Rei D. Joaõ II., chamado o Principe Perfeito, XIII. Rei de Portugal.* 5

- - II. *Reſulta da revogaçaõ das gratificações, principio do deſagrado com o Duque de Bragança, e primeiras navegações no tempo deſte reinado.* 22

- - III. *Os Caſtelhanos intentaõ perturbar o noſſo Commercio de Guiné, mas ſem effeito, e continúa a ſello o interior do Reino a reſpeito do Duque de Bragança.* . . 38

- - IV. *Negociações de Caſtella na Corte de Portugal, e outros ſucceſſos, com o da priſaõ do Duque de Bragança.* 53

- - V. *Da morte do Duque de Bragança, D. Fernando II., e ſucceſſos depois della.* . . 77

- - VI. *Como o mundo teve a morte*

do Duque por hum acto de crueldade do Rei, e dos mais caſtigos, que ſe deraõ aos outros conjurados. 100

- - VII. *Trata-ſe das navegações mandadas fazer pela Coſta de Africa, e outros ſucceſſos pelos annos ſeguintes.* 119

LIVRO XXXI.

CAP. I. *Continuaõ os ſucceſſos do Reinado de D. Joaõ II., ſucceſſos da Africa, e outros negocios.* 137

- - II. *Do caſamento, e mòrte deſgraçada do Principe D. Affonſo, unico filho del Rei, e de outros ſucceſſos depois della.* . . . 152

- - III. *Da mudança da Corte de Evora para Santarem; aonde ſuccede a laſtimoſa mórte do Principe D. Affonſo, e outros ſucceſſos deſte tempo.* 169

- - IV. *Conquiſta glorioſa do Reino de Granada, favoravel á ſucceſſaõ de D. Manoel, Duque de Beja, com a noticia de ditos, e acçõeſ celebres del Rei D. Joaõ II.* . . 183

- V. *Tratão ſe outros ſucceſſos deſtes tempos, e a entrada dos Judeos em Portugal, intrigas, e Embaixadas mutuas da noſſa Corte á de Caſtella.* . . . 201
- VI. *Da célebre Linha de Demarcação, com que os Reis de Portugal, e Caſtella dividirão entre ſi os dous hemisferios Oriental, e Occidental, e outros ſucceſſos, que ſe ſeguirão.* . . . 215

LIVRO XXXII.

CAP. I. *Segue-ſe pela ordem dos tempos os mais ſucceſſos da vida del Rei D. Joaõ até ſe aggravar a ſua enfermidade.* . . . 230
- II. *Das ultimas acções del Rei D. Joaõ II. até ir para as Caldas de Monxique no Algarve, aonde ſe lhe engraveceo a queixa.* . . 242
- III. *De como El-Rei partio para as Caldas de Monchique no Algarve, e do que lhe ſuccedeo ate á ſua mórte.* 257
- IV. *Da mórte del Rei, peſſoas que aſ-*

assistiraõ a ella, e o que succedeo depois. 269
- - V. *Descrevem-se em resumo as qualidades, e caracter del Rei D. Joaõ II., e dá-se noticia dos Authores, que delle fazem memoria illustre.* 282
- - VI. *Da trasladaçaõ do Corpo del Rei D. Joaõ II. da Sé de Silves para o Mosteiro da Batalha por El-Rei D. Manoel.* . . 295

LIVRO XXXIII.

CAP. I. *Trataõ-se as primeiras acçõis do Rei D. Manoel, o Feliz, XIV. na ordem dos Reis de Portugal, até o descobrimento da India.* 305
- - II. *Continuaõ as acçõis del Rei D. Manoel até o descobrimento da India.* 318
- - III. *Continuaõ-se as mesmas materias até o descobrimento da India.* 333
- - IV. *Conclue-se este Tomo com as noticias dos filhos del Rei D. Manoel, e com a do Estado Ecclesiastico, e Politico do Reino no seu tempo.* 345

FOI taxado este Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.